



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

APÊNDICES E ANEXO

Apêndices do manuscrito da tese *O papel do factual nos processos de agendamento e de enquadramento no telejornalismo*, de autoria de Fernanda Vasques Ferreira, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAC/UnB, datado de 01/06/2018)

Brasília
2018

Apêndices

1) Entrevista com AZEVEDO, Graziela

De: Fernanda Vasques Ferreira [mailto:fernanda.jornalista82@gmail.com]

Enviada em: domingo, 5 de novembro de 2017 10:39

Para: Graziela Azevedo <graziela.azevedo@tvglobos.com.br>

Assunto: Re: Pedido de entrevista - TESE DE DOUTORADO

Bom dia Graziela,

Segue um pequeno "abre" da entrevista e também as perguntas referentes ao meu tema de pesquisa. Coloquei o link da reportagem feita por você no período de minha análise. Essa entrevista tem o objetivo de compor o meu trabalho de doutorado e não será veiculada em nenhum *site* ou órgão de imprensa, tendo como única finalidade subsidiar a pesquisa que estou fazendo. Aguardo você! Meu muito obrigada desde já.

Agradeço desde já seu pronto retorno e aguardo suas respostas. Caso você precise falar comigo, tenha alguma dúvida em relação aos questionamentos, pode me mandar uma mensagem por *e-mail* ou WhatsApp (77 99112 0174) ou pelo Messenger do Face que eu retorno para você. Tentei contextualizar cada pergunta. Fique à vontade para comentar. Ok?

Abaixo uma pequena descrição do meu trabalho e o link do material.

Sou pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) e minha tese de doutorado na Faculdade de Comunicação tem como objetivo estudar a cobertura jornalística, em especial da televisão, em relação ao consumo do *crack* e suas implicações. No recorte que fiz, existe uma reportagem conduzida por você (link abaixo):

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/criancas-e-jovens-viciados-em-crack-motivam-acao-especial-da-justica-de-sao-paulo/1873061/>

As perguntas que quero fazer dizem respeito ao processo de produção dessa reportagem e seguem abaixo:

1) A reportagem foi exibida em 2012 e, portanto, já faz algum tempo, mas você poderia descrever como foi o processo de produção, desde a pauta, até que essa reportagem fosse ao ar?

Não me lembro especificamente da produção dessa reportagem. Como era uma matéria que tinha um “factual” (como chamamos algo que acontecerá naquele dia), provavelmente, esse foi o pontapé inicial; o Judiciário iniciando um novo tipo de serviço de atendimento aos jovens com problemas com as drogas. A partir daí, se marcam entrevistas com os profissionais envolvidos, com pessoas que estão vivendo aquela situação e partimos para as gravações. Lembro que nesse caso específico fomos a um abrigo muito interessante com gente realmente comprometida em amparar e dar um novo rumo aos jovens que lá estavam. Todos estavam estudando e encontrando oportunidades de trabalho. Além disso, havia um trabalho de assistência social com as famílias.

2) Que "ganchos" jornalísticos justificaram a realização da reportagem?

O factual e o fato de ser um drama social que gera muita preocupação da sociedade.

3) Essa foi uma pauta factual, ou seja, estava no calor dos acontecimentos? Mas em 2012, o *Jornal Nacional* fez várias reportagens sobre o consumo do *crack* no Brasil. Você acredita que a reportagem feita por você contextualiza, em alguma medida, o problema do consumo *crack* no país? Você pode comentar?

O objetivo dessa reportagem específica foi mostrar um novo serviço do Judiciário e a falta que esse tipo de iniciativa faz diante de um problema grave. Num telejornal diário, você vai dando reportagens sobre o tema, um contexto maior é abordado em séries, reportagens especiais ou programas jornalísticos, como *Globo Repórter* ou *Profissão Repórter*. Cada formato tem suas especificidades. Nos chamados *hardNews*, as reportagens são mais curtas e específicas, mas, acompanhando os telejornais, as pessoas vão tendo uma ideia geral dos problemas. É assim com o uso do *crack* que há anos vem sendo tratado no *Jornal Nacional*.

4) Sabemos que nos últimos cinco anos o *Jornal Nacional* tem pautado muitos assuntos relativos à corrupção, à política e Brasília, mas não apenas Brasília tem sido o foco do telejornal. Você conseguiria me dizer quais os temas de maior importância

para o telejornal? Mesmo levando em consideração a máxima de Bonner, quando diz que o *Jornal Nacional* cobre o que está acontecendo de mais importante no Brasil e no mundo, você saberia dizer, como repórter, se existe uma lista de temas que são considerados mais relevantes que outros? Fatos que, pela importância, devem checados de tempos em tempos? Ou o que vira notícia para o *Jornal Nacional* é o que é quente/factual? [Minha pergunta aqui quer refletir se existem preocupações ou engajamento do telejornal em relação a algumas temáticas no sentido de dar visibilidade e, portanto, em caso de existirem, quais seriam?]

Como sou repórter, não é da minha alçada responder sobre questões editoriais do jornal. A minha prática e a minha experiência mostram que cobrimos o que acontece de mais importante no país e no mundo.

5) Como é sua experiência com a cobertura do assunto consumo do *crack*? Houve alguma conversa prévia entre editores e repórteres sobre a droga e as consequências do consumo dela? Algum tipo de discussão ou orientação para que você pudesse "cobrir melhor o assunto"? Alguma orientação quanto a você ficar atenta a algum aspecto dos fatos a serem mostrados? Você ficou livre para conduzir a reportagem? Já chegou a sugerir o tema como pauta outras vezes e conseguiu emplacar? [São várias perguntas. Fique à vontade para comentar].

Me formei em jornalismo em 1985 e tenho 27 anos de TV Globo, e cubro o flagelo do *crack* desde seu início. Acompanhei desde os pequenos grupos que se formavam no centro até a formação das imensas cracolândias na cidade. Ao longo desse tempo, foram dezenas de entrevistas com profissionais de saúde, de assistência social, da Justiça e da polícia. Ouvi dependentes e suas famílias, li relatórios, pesquisas, publicações médicas... Tudo isso e mais o material novo que chega a cada pauta que vamos fazer já é suficiente para ter uma visão muito consistente do problema. No mais, temos as surpresas e as riquezas da experiência humana que surge nas entrevistas do momento. A elaboração e o fechamento de uma reportagem de TV é um trabalho de grupo, de união de ideias e informações, as sugestões surgem no grupo de jornalistas, são trazidas por repórteres, por profissionais, por telespectadores...

6) Como você entende a questão do consumo do *crack* hoje? É um problema de saúde, violência, segurança, trabalho? A reportagem aborda o consumo do *crack* sob qual perspectiva, no seu entendimento?

Como acontece em muitas outras áreas, as estatísticas sobre uso, abuso, doenças e mortes por *crack* no Brasil são falhas. Estimativas mais seguras dão conta de algo como 370 mil usuários regulares nas capitais, algo entre 1,5 e 2 milhões de usuários no país. Nos maiores fluxos de São Paulo, seriam cerca de 1.800 pessoas. O Brasil responderia por algo em torno de 20% do consumo mundial. Alguns especialistas chamam de epidemia (vale lembrar que a epidemia de opiáceos nos EUA matou 53 mil pessoas e atinge mais de 11 milhões de abusadores de analgésicos), os mais ponderados de problema grave de saúde pública. O drama do *crack* tem várias facetas. O mais triste e dramático é o impacto terrível na saúde física e mental do usuário e o esgarçamento do tecido familiar e social, que são problemas que precisam ser enfrentados na área de saúde pública que hoje e ontem sempre teve poucos recursos e um tempo escasso para tratar uma dependência tão devastadora. Os programas mais bem-sucedidos que conheço levam de 1 a 2 anos para conseguir bons resultados, com retorno do dependente à família e atividades e poucas recaídas (que não significa fracasso, mas parte do tratamento). Há também o drama urbano e policial que ninguém conseguiu dar solução final e adequada. O dependente do *crack*, ao contrário de outras drogas, fica perto do pequeno traficante e vive em grupo de dependentes, isso gera problemas com a vizinhança e deterioração de regiões inteiras. Temos coberto a difícil solução disso em São Paulo com ações que vêm sendo muito criticadas por mais espalhar que resolver o problema. Sem ação conjunta de inteligência e repressão ao tráfico (grande e pequeno) e sem um grande esforço de saúde pública e assistência social para os dependentes e suas famílias, parece difícil dar conta da complexidade do problema. É o que temos mostrado em nossas reportagens.

7) Na reportagem, você ouviu uma fonte de um abrigo, um juiz, um desembargador e algumas crianças/adolescentes. Na sua visão, acha que o tempo e o conteúdo da reportagem dão conta de esclarecer e contextualizar para os telespectadores a problemática em torno do *crack*?

Como respondi acima, nossa pretensão não é esclarecer e contextualizar a “problemática em torno do *crack*”, mas mostrar aquela ação que estava começando

naquele dia (e que acho que não seguiu adiante, mais uma política que seguiu pequena ou acabou).

8) Você chegou a fazer algum tipo de pesquisa com especialistas da área da saúde, por exemplo, ou em algum estudo científico para poder fazer a reportagem? Comente, por favor.

Acho que respondi acima.

9) O consumo do *crack* é tratado como epidêmico por algumas autoridades no assunto. Considerando isso, você acha que o tema deveria ser objeto de uma "campanha" jornalística no sentido de esclarecer, prevenir e orientar? Considerando a experiência que você tem em jornalismo, há alguma alternativa ou caminho para que o jornalismo televisivo aborde temas complexos como o consumo de drogas? [Campanha no sentido mais ou menos como a mídia faz com Setembro Amarelo, Outubro Rosa e Novembro Azul].

No jornalismo, não fazemos campanha, fazemos reportagens sobre campanhas, matérias de interesse público, de serviço de utilidade pública, registramos fatos, notícias e comportamentos. As campanhas são feitas pelos departamentos de *marketing* ou de responsabilidade social de órgãos públicos e de empresas. A Globo faz isso também. Acho que o caminho para a abordagem jornalística do tema das drogas já está sendo trilhado, seja nos telejornais onde o tema é constantemente abordado, seja nos programas jornalísticos e mesmo de entretenimento.

Graziela, mais uma vez agradeço o aceite do meu pedido de entrevista. Não tenho dúvidas de que seu retorno contribuirá demais com a minha pesquisa, para que eu possa ter uma percepção mais cuidadosa em relação ao produto final. Aguardo suas respostas.

Espero ter ajudado, boa sorte no seu trabalho.

Um forte abraço.

Abraço

2) Entrevista com BASSAN, Pedro

Data da entrevista: 08/11/2017

Pedro Bassan: Alô?

Fernanda: Oi, Pedro?

Pedro Bassan: É ele.

Fernanda: Como vai, tudo bem?

Pedro Bassan: Tudo bem.

Fernanda: Aqui é Fernanda que tá falando, pesquisadora da UnB.

Pedro Bassan: Tudo bem, Fernanda?

Fernanda: Tudo joia. Você já tá podendo falar, né?

Pedro Bassan: Como?

Fernanda: Você já tá podendo falar?

Pedro Bassan: Posso sim, posso sim.

Fernanda: Ah, ótimo. Então, Pedro, você chegou a ver as reportagens?

Pedro Bassan: Alô? A ligação tá um pouquinho ruim, às vezes falha, Fernanda, mas pode falar.

Fernanda: Eu botei no viva voz porque eu vou gravar, tá bom?

Pedro Bassan: Ah, claro, claro. Por favor.

Fernanda: E dentro daquilo que a gente combinou de eu não veicular em nenhum outro órgão, simplesmente para usar na tese mesmo, tá?

Pedro Bassan: Pois não, tá bom. É para uma atividade acadêmica, né?

Fernanda: Isso, exatamente. É uma tese de doutorado.

Pedro Bassan: Tá ótimo.

Fernanda: Então, Pedro, bom. Primeiramente, muito obrigado por você ter aceitado o meu pedido de entrevista, né?

Pedro Bassan: Imagina, eu que agradeço o convite e como eu falei também, para mim, é uma honra participar do seu trabalho, vou fazer todo o possível, tá?

Fernanda: Pra gente, é muito importante, né, esse diálogo, e eu já havia tentado por outros caminhos e não tinha conseguido. Então, eu tô bem feliz de saber que a gente vai poder conversar um pouquinho, tá?

Pedro Bassan: Tá bom, alegria minha.

Fernanda: Beleza. Olha só, em 2012, você fez duas reportagens pro *Jornal Nacional*: “Vício do *crack* faz aumentar número de órfãos e crianças abandonadas no Rio de Janeiro”. E depois, um dia depois, você coloca uma reportagem assim: “Novos flagrantes de usuários de *crack* são registrados no Rio de Janeiro”. Então, assim, a primeira pergunta, ambas as reportagens, uma tem dois minutos e 28 segundos (a dos órfãos) e a outra tem três minutos e vinte, tá? Ambas as reportagens trazem a questão do *crack* e quais as consequências, né? A minha tese estuda exatamente isso, como a cobertura jornalística traz, cobre o assunto *crack*, o consumo do *crack*. E a minha interface é com os estudos na área de saúde e de violência, segurança, entendeu? Então, eu transito por essa literatura, tá? Então, assim, no primeiro momento, o que eu queria te perguntar sobre essas reportagens é: como é que foi o processo de produção dessas reportagens? Ou seja, desde o momento em que você – e se você quiser falar individualizada de cada um, fique à vontade – desde o momento em que você recebe a pauta, as discussões, os encaminhamentos, como é que foram?

Pedro Bassan: É, eu não sei se vou poder te dizer com precisão, minha memória... Tô tentando lembrar exatamente desse processo. Minha memória não tá tão acesa sobre especificamente essas matérias, né?

Fernanda: Você quer que eu fale um pouquinho de quais foram as fontes?

Pedro Bassan: Eu tô lembrado. Eu não tô lembrado de quais são as matérias, não me lembro as datas. Vou falando de forma geral, mas se você puder me falar quais são ajuda sim. Me ajuda um pouco.

Fernanda: Então deixa eu te falar.

Pedro Bassan: [Gravação afastada, difícil compreensão].

Fernanda: Tudo bem. Então a do “Vício de *crack* faz aumentar o número de órfãos e crianças abandonadas no Rio de Janeiro”, ela é uma matéria que você diz que existem dezenas de viciados que começaram a fugir, atravessando loucamente a Avenida Brasil, o homem se arrisca e aí as imagens vão acompanhando seu texto, né? Passando há poucos centímetros dos carros, eles passam horas perambulando e cruzando a pista, os adultos foram recolhidos, três mil pessoas frequentam as nove cracolândias que se espalham pela cidade, desde março do ano passado mais de 5 mil dependentes foram recolhidos, isso é em 2012, né? E assim as maiores vítimas do *crack* são aquelas que nunca usaram a droga. Hoje em dia no Rio de Janeiro, a maioria das crianças que podem ser adotadas foi abandonada por pais viciados. E aí

esse é seu texto, né? E aí, basicamente, assim, contextualizando, você narra a ida e volta dos usuários de *crack*, a operação pra recolher os viciados, resultando em corre-corre que foi esse que eu descrevi. Aí, depois, você contextualiza, que, quando a mãe consome o *crack* durante a gravidez, o filho já nasce sentindo falta da droga no corpo, são comuns as crises de abstinência já nos primeiros meses de vida, nos abrigos as crianças precisam de atenção especial. Aí vem uma juíza da vara da infância e adolescência que diz assim: "Morando na cracolândia, temos muitas mulheres adultas grávidas que têm filhos de nove em nove meses, que não sabem quem é o pai em razão da prostituição, em razão da degradação total do local". Tem também uma coordenadora de abrigo, não necessariamente nessa ordem, tá? Mas ela pega e fala assim: "Eles têm convulsões, têm tremores, sudoreses, ficam muito agitados, não conseguem dormir direito, e é um quadro muito complicado". Então, basicamente, é essa a reportagem. No encerramento da reportagem, você diz assim: É um mal que assusta duplamente, quando se espalha nas ruas e quando se prolonga no tempo. Aí depois do encerramento seu, do encerramento da reportagem, vem a Patrícia Poeta e fala assim: que a prefeitura vai adotar a internação compulsória e que o projeto deve ser colocado em prática no início de 2013. E é isso.

Pedro Bassan: Tá, agora eu tô mais bem lembrado.

Fernanda: Quer que eu fale da outra?

Pedro Bassan: Pode falar da outra também.

Fernanda: Pronto. "Novos flagrantes de usuários de *crack* são registrados no Rio de Janeiro". No dia seguinte, tá? Tem uma hora que você fala assim: O *crack* é um mal que toma conta da avenida mais movimentada do Rio de Janeiro nos horários de maior trânsito, o combate a essa epidemia anda lentamente. Aí, você descreve os jovens correndo, andando, e até dançando, tem a imagem, né, usuários de *crack*, pedestres entorpecidos perdem a noção de perigo, neste grupo no meio da pista é possível ver uma mulher grávida. Aí, você narra essa reportagem, narra bem a rotina dos usuários de *crack* que dividem o espaço com carros, com trânsito pesado no Rio de Janeiro. Você traz informações do Plano de Combate ao *Crack* e explica que, em 2011, o governo lançou esse programa que previa a abertura de mais de 13.800 vagas de tratamento pra dependentes químicos em todo o país, até 2014. Mas que em um ano só foram criadas 574 vagas. Atualmente, né, na época você disse: atualmente, existem 78 consultórios no país, só 3 no Rio de Janeiro e em média 1 consultório pra cada mil viciados da cidade. Aí, você informa que a meta é criar mais trezentos

consultórios e diz que a Prefeitura do Rio de Janeiro quer adotar internação compulsória no início do ano que vem, mas que atualmente existem somente 44 leitos municipais especializados. Aí, você diz assim: o olhar sobre apenas uma das cracolândias já revela que é preciso muito mais. Tem um pesquisador da Fiocruz que diz assim: É uma ideia extremamente importante, mas que eu acho que a gente está muito no início ainda. E a gente conta com esse tipo de serviço instalado em muito poucas comunidades, é uma coisa que tem que aumentar muito sobre os consultórios de rua. Porque você mostra isso na reportagem. E aí, no encerramento, você diz assim: No Morro do Cajueiro, na Zona Norte do Rio, dezenas de pessoas se aglomeram em busca de droga e até um usuário numa cadeira de rodas (eu fiquei bem chocada com essa imagem). Todos eles esperando por ajuda ou pela próxima pedra de *crack*. Aí vem a Patrícia Poeta novamente e diz que procuraram representantes dos governos federal, estadual e municipal, que não quiseram gravar entrevista, e uma nota do Ministério da Saúde dizendo que já investiu 600 milhões de reais na expansão da rede pública de atendimento aos dependentes químicos em todo o Brasil. A Prefeitura do Rio de Janeiro se posiciona e declara que enfrenta o problema de forma constante e que elabora um plano de ação para o tratamento dos viciados. A Polícia Militar do Rio de Janeiro declarou que, de setembro do ano passado até o dia da sua reportagem, apreendeu mais de 100 mil pedras de *crack*. Lembrou?

Pedro Bassan: Tô bem lembrado agora, devido às circunstâncias e tudo. Então, essas duas reportagens são dois dias seguidos, estão mais ou menos ao mesmo passo, não é? E a origem dessas reportagens tá no que a gente chama de factual. Quer dizer, é um fato que acontece e que a gente vai cobrir porque tá diante de ter uma relevância né? Como está diante dos olhos de todos, né? Então, nesse caso específico, eu me lembro, sim, porque eu tinha acabado de me mudar pro Rio. Eu morava fora, morava em Lisboa antes de vir pra cá, não é? Em 2012, eu voltei pro Rio, e me lembro que encontrei a cidade sobressaltada, com essa quantidade de usuários do *crack*, por ser relativamente recente no Rio de Janeiro a epidemia de *crack*, já que em São Paulo tinha algo mais antigo. Mas aqui existia uma informação, até pela minha falta de, eu não sei se considero ela verdadeira, mas que os traficantes do Rio não gostavam do *crack*, não deixavam o *crack* entrar por ser uma droga muito barata. E eles tentavam ainda vender outras drogas mais caras. E a partir desse exato momento, o *crack* de fato chegou e, quando ele chegou com a carga de epidemia que

ele tem, o Rio de Janeiro começou a tomar contato com essa realidade, né? E essa época foi a primeira vez que houve uma concentração de usuários de *crack* nesse ponto específico e muito movimentado da cidade, que é a Avenida Brasil, o que causava essas cenas de muito perigo dos pedestres, muitas vezes, sem muita consciência do que estavam fazendo, atravessando a rua no meio dos carros em altíssima velocidade, que é a característica da Avenida Brasil, que, de fato, é a mais movimentada do Rio, né? Então, foi primeiro uma cobertura do fato de chegar lá e mostrar o que tava acontecendo, chegar com as nossas câmeras e mostrar o que a cidade tava vivendo naquele momento. E depois, isso, como é de hábito, a gente tentou aprofundar a cobertura, não só ficar no registro rápido, mas tentar ouvir especialistas, as autoridades da área de saúde sobre o que estava sendo feito, né? Foi aí que nós chegamos a esses fatos. Eu lembro que tivemos esse contato com a Vara da Infância e da Juventude no primeiro momento que foi nossa fonte principal sobre os órgãos, que já era um segundo recorte sobre esse fato, como é que o Rio de Janeiro estava vivendo naquele momento. E depois, no dia seguinte, também a mesma coisa. Tentar de novo aprofundar até pra cobrar das autoridades sobre o que estava sendo feito, o que havia no papel e o que havia de fato, né, que é um papel básico nosso como jornalistas. E acho que isso tá retratado na reportagem também. Questão orçamentária, de tratamento e o que havia de fato essa discrepância entre a teoria e a realidade. É mais ou menos nessa linha das duas reportagens que cobrem basicamente o mesmo fato, embora em dois dias diferentes, mas basicamente o mesmo fato em duas reportagens.

Fernanda: Eu observei que essa reportagem foi veiculada em 2012, em novembro, né? Aí são as últimas reportagens do ano sobre *crack*. Depois, em 2013, a gente vai ter uma série de reportagens em janeiro, fevereiro, na sequência. E aí a Bette Lucchese faz uma série de reportagens, uma série mesmo em maio. Ela primeiro dá o dado nacional da Unifesp, né, o maior consumidor de *crack* do mundo é o Brasil, e depois traz outros, mostrando o interior do país, como é que o interior do país está em relação ao *crack*. E aí uma pergunta que eu gostaria de fazer para você em relação, assim, o Rio de Janeiro não conhecia, essa particularidade dos traficantes é uma coisa interessante pra quem não tá aí, né, como eu. Dizia-se que os traficantes não queriam que o *crack* avançasse no Rio, essa epidemia [interrompida pelo entrevistado].

Pedro Bassan: Era a voz do senso comum que tinha sobre isso na verdade, né? Porque o *crack* já existia em outras cidades e aqui não, entendeu? Era uma epidemia

que não se via. Então, por que será dessa particularidade! O que se comentava era isso, né? Eu não tô, jornalisticamente, não vou te afirmar isso, entendeu? É só o que eu via como morador aqui da cidade.

Fernanda: Eu compreendi. Mas a minha pergunta é mais em outro sentido, é: diante disso, dessas reportagens todas, do governo tentando fazer alguma coisa, criar os leitos, os consultórios de rua, você conseguiu observar se essa região já parou de ter essa aglomeração de usuários de *crack*?

Pedro Bassan: Olha. Pelo que eu vejo hoje em dia, diminuiu a quantidade, mas ainda continua, entendeu? Eu acho que até geograficamente, também, houve um deslocamento pra outros pontos da cidade, né? E, enfim, eu acho que talvez a oferta naquela época tava complicada, aquela área. Depois, a oferta também que espalhou e isso se dispersou, esse quadro dispersou as autoridades urbanas de focos, epidemias, dispersou. E é o que se mostra, né? Mas não desapareceu naquele ponto não, continua também.

Fernanda: E você acha que essa dispersão pra outras áreas do Rio de Janeiro, ou mesmo pra uma redução desse número de usuários, pelo menos do ponto de vista visível, né, você atribui isso a quê? A de repente o tratamento? O que você acha que aconteceu aí dentro do seu contexto de morador no Rio?

Pedro Bassan: Eu tô falando novamente como morador, tá? Eu não chequei com fontes jornalísticas e não sigo acompanhando o assunto com a mesma intensidade pra poder afirmar jornalisticamente algo, posso até pesquisar se você quiser.

Fernanda: Não, eu te pergunto isso porque, assim, de repente, as pautas surgem do nosso olhar mesmo, né, e eu queria saber, assim, se essa diminuição, de repente, se ela realmente aconteceu, se isso não rende uma nova pauta pra cobertura de repente pro *Jornal Nacional*, enfim.

Pedro Bassan: Então, o que eu noto, eu não diria em absoluto que o *crack* desapareceu, o que eu noto é que ele, de fato, se dispersou. Naquela época, existia essa concentração grande na Avenida Brasil. Hoje eu noto como cidadão outros pequenos focos pela cidade. Em áreas consideradas turísticas ou nobres, a chamada Zona Sul. Ou existem alguns pontos. Uma coisa que a gente nota hoje mais dispersamente pela cidade, não uma concentração grande como havia antes, mas é uma realidade ainda muito palpável, justamente por isso tem despertado essa procura pela diminuição ou não, porque se trata ainda de uma realidade palpável. A realidade da droga no Rio de Janeiro, seja qual for, ela é muito complexa e permite olhares

diferentes o tempo todo, não é? Então, enfim, a gente tenta se debruçar a cada hora sobre o problema mais urgente, digamos assim, né? Por isso que talvez as reportagens não sejam tão frequentes como teriam sido, eu imagino.

Fernanda: Entendo. Interessante a sua fala porque um dos autores que eu utilizo é professor na PUC Minas. Ele pesquisou o *crack*, a cobertura sobre o craque no jornal *Estado de Minas*, né? É claro que é jornal impresso, diferente da minha pesquisa, inclusive, eu pesquiso televisão até pela audiência, pela abrangência, e porque não existem hoje pesquisas sobre esse assunto em televisão, pelo menos não na minha busca, né? E aí, assim, ele diz exatamente que cobrir drogas, cobrir Aids, por exemplo, faz parte dos novos cenários complexos das sociedades contemporâneas. E aí a minha pergunta é: você, Pedro, tendo pegado assim de repente, de prontidão, uma pauta como essa, tendo contato com essa realidade, você já tinha tido informação sobre a droga ou sobre os efeitos dela? Ou você chegou, pra fazer essa reportagem, a procurar leituras, pesquisas científicas, o que estavam pesquisando cientificamente sobre a droga ou mesmo foram as fontes que te reportaram isso, os especialistas?

Pedro Bassan: Na verdade, o nosso olhar é guiado sempre pelos especialistas, a gente procura obter literatura, pesquisas, enfim. Mas o nosso contato maior, sempre que a gente faz uma matéria, é com as fontes que estão identificadas, que, na maioria das vezes, eles pronunciam na matéria, né? Então, eu não vou lembrar especificadamente com que literatura eu tive contato nessa época, mas o que eu posso dizer com certeza é que eu tive contato sim com alguma literatura, mas basicamente orientado pelas fontes que aparecem na reportagem. Elas são nosso guia de um modo geral. No jornalismo, né, como forma de apreensão da realidade, é um pouco assim. Eu também não posso fugir muito do que minhas fontes verbalizam, até pra fazer com que a reportagem seja fiel com o quadro que eu estou retratando.

Fernanda: Claro. Inclusive, você fala que é uma epidemia, mas as fontes de um modo geral, as fontes que você usa na reportagem colocam essa informação de um jeito ou de outro, isso parece palpável. Os pesquisadores na área de saúde pública, Unifesp, Fiocruz, tratam esse problema como sendo um problema de saúde pública também. E aí, nesse sentido, você, como jornalista, consegue enxergar o *crack* hoje, na realidade que você tem contato, como um problema de saúde pública, como um problema de polícia, como um problema de emprego, qual é a sua concepção a partir do momento em que você teve contato com aquela realidade, né? Por menor que tenha sido o seu contato, foi maior do que o de muita gente dos telespectadores por

exemplo, que não têm uma vivência direta, a menos aquele que ou tá estudando esse tema, ou então que tá, por exemplo, tendo um problema desses na família.

[retomada de conversa após a ligação de vocês falhar]

Pedro Bassan: Eu acho que foi o *crack* que tornou evidente que a questão das drogas é, acima de tudo, uma questão de saúde pública. Porque das muitas abordagens possíveis utilizadas de fato pra combater as drogas, enfim, bem ou mal, funcionaram de alguma maneira ou tiveram algumas visões que tinha sobre o problema, né? Mas o *crack*, as cracolândias, as concentrações de usuários ou qualquer nome que a gente queira dar, tornaram muito evidentes de que a segurança pública do governo não dá conta do problema, é impossível dar conta do problema. Atingiu uma dimensão tal que só pelo aspecto da saúde pública a gente pode ter solução. Então, acho que o *crack*, de uma certa maneira, nós podemos dizer que houve, um aspecto que levantou repercussão foi esse, qualquer outra forma que tente não vai dar conta do problema. É só a saúde pública que vai dar conta dessa inspeção. E eu acho que o grau de agressividade da droga, do *crack*, ela também faz com que os dependentes, os aditos, como queira chamar, eles não podem ser tratados como bandidos, eles estão em uma situação clara de uma dependência que precisa de tratamento, né? Ninguém vai lá e enjaular uma área da cidade onde eles estão concentrados, porque eles estão em tratamento, vai ter uma solução. Eu acho que de qualquer maneira o *crack* tem o seu papel de iluminar essa realidade, de deixar muito claro o problema como sendo acima de tudo à espera de saúde pública. [não entendi] consequências, efeitos colaterais, a segurança pública, ou várias outras esperas. Mas eu acho que a questão de saúde pública é a mais gritante que se tornou evidente com essas concentrações de pessoas vivendo como [não entendi] no espaço urbano do jeito que tá, né?

Fernanda: Entendi. Pois é, a gente sabe, e aí é uma pergunta mais genérica, tá? A gente sabe que o *Jornal Nacional* recentemente tem pautado muitos assuntos relativos a corrupção, política, Brasília. Rio de Janeiro também tá em pauta pela corrupção também, mas, enfim, tem sido o foco do telejornal, né? Você conseguiria me dizer se existe, como repórter que entra para o *Jornal Nacional*, se existe uma preocupação do telejornal em indicar alguns temas, "olha, a gente precisa tocar mais nesse ponto porque esse ponto é um ponto relevante e de tempos em tempos eu tenho que meio que chamar pauta novamente". Você sabe dizer se existe isso e se o *crack* estaria dentro desse contexto?

Pedro Bassan: Tenho certeza, tenho certeza absoluta. Tenho certeza que há uma fila de temas relevantes esperando pra ser tratados, mas nossa realidade dos últimos anos tem sido tão frenética, tão avassaladora, né, que muitas vezes o governo não permite outros olhares a não ser sobre os fatos mais urgentes, mais palpáveis e mais importantes, tanto que a corrupção acabou tomando conta de tudo, né? Então, enfim, estamos vivendo anos intensos, né, como não vivemos antes. Então, eu acho muito extremo, de extrema relevância, não só o *crack*. O *crack* entre os mais relevantes, mas muitos outros temas estão, digamos, numa fila esperando uma abordagem mais cuidadosa, né? Agora, a realidade que eu tive realmente é avassaladora, eu tenho 20 anos de experiência em televisão, 25 de experiência com em jornalismo geral, né, não me lembro de um outro período que a gente chama de *hardnews*, factual, de notícia urgente e relevante e que de fato deva ser contado, tenha tomado tanto tempo assim. Um motivo bobo, áudio de levantar a cabeça, olhar pros lados e tentar iluminar outros aspectos da realidade não tão sendo bem tratados. Então, sem dúvida nenhuma, isso que você falou é uma realidade diferente.

Fernanda: Entendi. É, interessante esse seu ponto de vista até porque muitas pautas nascem da vivência dos repórteres, né? É, essa não foi uma pauta que teria nascido da sua vivência, teria nascido... veio de uma produção, de alguém que avisou "olha, tem um problema lá, precisamos investigar". Não foi isso?

Pedro Bassan: Foi, essas que você citou, né?

Fernanda: É, essas duas.

Pedro Bassan: Exatamente. São desses que a gente chama de factual, embora a gente tenha tentado dar uma dosagem até porque... só pra esclarecer mais um aspecto, o factual, o primeiro passo, certamente, a Globo, outros veículos, pessoas passando pela Avenida Brasil foram os primeiros a terem contato com esse problema. E aí passou nosso reflexo de "olha, tem gente atravessando a rua, parece que são usuários de *crack*". O primeiro reflexo é o trânsito, quando causa o primeiro congestionamento, né? Agora, a gente tenta, evidentemente, desde o primeiro momento, tentar olhar mais e descobrir o que é que tá acontecendo, causas, consequência do problema. E aí foi quando nós, aí você descobre que a última reportagem foi em novembro no *Jornal Nacional*, é porque, certamente, houve muito mais reportagens. É que nem todas [difícil entendimento] vai pra rede, pra rede nacional, pro *Jornal Nacional*. Tenho certeza que, no noticiário local do Rio de Janeiro, o tema foi tratado muito mais vezes sobre muitos outros aspectos. Na rede nacional,

virou uma abordagem também minimamente clara porque o nosso [difícil compreensão] sujeito a erros, pela agilidade que ele exige, né? Então, a gente minimamente tentou aprofundar e denominar as consequências disso, além dessas pessoas que atravessaram a rua daquela forma. Então, foi aí que nós buscamos o contato com a Vara da Infância e da Juventude e já tínhamos esse outro efeito do *crack* se manifestando no Rio de Janeiro, além, as pessoas viam ali de fato imediato, né? Então, foi essa abordagem também mais aprofundada em rede nacional. Então, o local [difícil compreensão] foi consequência do olhar mais aprofundado em rede nacional.

Fernanda: Sim. É, voltando ao que você falou [interrompida pelo entrevistado]

Pedro Bassan: Eu não sei se eu respondi exatamente o que você tinha me perguntado.

Fernanda: Sim, respondeu. Tem uma questão que você comentou, né, em relação a ser factual e ao país, ao cenário que a gente tá vivendo, ele tá muito conturbado, né? E aí eu gostei da expressão que você usou, que a gente não tem tempo nem de olhar pro lado, né? A gente poderia dizer que nunca antes na história desse país os jornalistas tiveram tanto trabalho para selecionar então, né, Pedro? Assim, a partir das teorias do jornalismo lá que a gente estuda na graduação ainda, quando diz lá quais são os valores-notícia, não sei se você lembra dessas teorias todas, que na verdade elas refletem um pouco a prática, né? E aí, assim, parece que agora o filtro do jornalista, dos editores e da produção precisa ficar um pouco mais, como é que eu posso dizer, mais treinado, né?

Pedro Bassan: Sem dúvidas, sem dúvidas.

Fernanda: Porque são muitos temas concorrendo pra entrar, enfim.

Pedro Bassan: Exatamente, exatamente. Então, falta espaço basicamente, espaço no programa. O *Jornal Nacional* poderia ter duas horas todos os dias e ainda assim não ia dar conta dessa realidade que nós estamos vivendo, né? Tudo notícia, tudo que acontece vira notícia, não sobra espaço pra matéria, a gente costuma dizer nosso jargão: ou factual ou a matéria produzida, que exija uma produção, o olhar, uma conversa mais detalhada com as fontes, pesquisar melhor. Como vamos abordar os temas relevantes, os temas hoje em dia são relevantes e urgentes, tudo que é relevante, mas se não é urgente acaba ficando em segundo plano, infelizmente.

Fernanda: Uhum. Aí entraria o *crack* que nesse momento não tá urgente, né?

Pedro Bassan: Eu acho que sem dúvidas o *crack* está na fila junto com outros temas.

Fernanda: Entendi. Olha só, o consumo de *crack* é tratado como epidêmico, né, pelas autoridades no assunto e aí eu pergunto pra você, você acha que ele é epidêmico? Está no Brasil em mais de 98% dos municípios brasileiros segundo dados da Confederação Nacional dos Municípios. Foi até uma reportagem do Ismar Madeira que trouxe isso, e aí depois eu também fui investigar o assunto. Ele é um tema, é uma droga que gera uma epidemia, alguns especialistas falam em pandemia. Você acha que tem alguma forma, algum caminho possível, viável, que você vislumbra, né, pra que esse assunto do *crack* seja tratado de repente pelo jornalismo como uma campanha jornalística no sentido de esclarecer, de prevenir, de orientar? Você acha que existe alguma possibilidade dentro da televisão, por ser ainda um meio de comunicação que tem muita audiência, as pesquisas indicam isso, o próprio *Jornal Nacional* que é líder em audiência, como você avalia essa questão?

Pedro Bassan: Totalmente. Eu acho que algo tem que ser feito, né, antes que nada mais adiante. Eu acho que é uma questão que está se tornando, você citou pandemia, né, segundo alguns especialistas. É uma questão cada vez mais relevante. Então, eu acho que sim, que precisa campanha pra cumprir esse papel, nas nossas estações, dentro dessa realidade que estamos vivendo, como eu te falei. Mas eu acho que é um papel sim da imprensa que deve ser cumprido sim, orientar, né, além de retratar, orientar. A gente tenta cumprir esse papel na medida do possível, mas como a gente vê o *crack* é um problema que está escapando entre os nossos dedos e acho que os dedos de todos, né, de todos que lidam com o problema, por mais que seja o bem geral, mas, enfim, o problema parece maior que a gente tava preparado pra enfrentar, né?

Fernanda: E, Pedro, quando eu era estudante de jornalismo, eu escutei muito é (eu era estudante parece que eu não sou mais, né, continuo sendo, mas, assim, quando eu tava fazendo).

Pedro Bassan: Somos todos, sempre aprendendo.

Fernanda: É, exatamente... Todo dia aprendendo, né? Quando eu, acho que uma das primeiras literaturas que eu li foi os livros do Noblat, Clóvis Rossi, né, que a pauta tá na rua, que o jornalista tem que levantar da cadeira e ir procurar, farejar pauta, aquela ideia do jornalista farejador, né? É, e, ao mesmo tempo, essas literaturas traziam que nós jornalistas somos especialistas em generalidades, né? E com algumas exceções daqueles que se especializam em específicas áreas, economia, política, enfim. A literatura de saúde hoje que conversa com jornalismo me diz que ainda não existe

essa especialização, eles não reconhecem ainda que as matérias, por exemplo, de saúde sejam tratadas com o rigor que deveriam ser. Isso eu tô dizendo os autores, tá bom? O *crack* se alocando no tema, seja ele de saúde ou de outra performance como problema na violência, segurança pública que, na verdade, você diz que pode ser uma implicação, e eu concordo com você nesse aspecto. Será que o tema, pra ser melhor coberto, careceria de repente de que o jornalista se especializasse um pouco mais nesse assunto? Até pra evitar estereotipação dos usuários, até pra evitar sentidos comuns que são atribuídos geralmente, né, na cobertura da grande mídia. Como é que você avalia essa possibilidade de haver de repente o jornalista mais dedicado a essas temáticas assim, que são essas complexas?

Pedro Bassan: Eu concordo totalmente, concordo com os especialistas, fazendo aqui até uma autocrítica minha, tem de haver um preparo de um modo geral, salvo exceções, claro. Tem jornalistas brilhantes que cobrem a área de saúde, mas de um modo geral a questão específica do *crack*, o preparo dos jornalistas está naquilo que ela exige, né, diante de todas as implicações que tem, né? Eu acho que, por outro lado, a nossa salvaguarda que nós temos são os valores que nós carregamos, os valores que a gente procura divulgar, respeito com a questão de saúde. Portanto, esse risco de estereotipar os dependentes e esse risco de estereotipar as pessoas que atacam como criminosos, acho que é o primeiro risco que, o mais fácil de cair, o pecado mais fácil de cometer nesse caso, né? Eu acho que a gente tenta salvar a guarda porque a gente olhar a questão com uma amplitude que ela exige, sabendo que não há soluções fáceis, se tivesse solução fácil já teria solucionado, né? Então, a gente tenta respeitar a complexidade do tema, diante até dessa realidade tão complexa, nossa falta de preparo é até uma vacina pra que a gente olhe a questão com a humildade que ela exige, é uma questão ampla, abrangente e complexa. Portanto, o mínimo que a gente deve ter é essa humildade ao olhar pros fatos e tentar nos amparar na visão dos especialistas e tratar o assunto sem soluções simples, sem fórmulas mágicas, como uma realidade complexa de fato, né? Dos aspectos que ela tem. Então, acho que são os dois lados. Falta preparo, e o melhor remédio pra isso é aceitar que falta preparo e, na medida do possível, suprir essa carência, amplificando as visões possíveis sobre o tema, dando vozes a cada vez mais setores, mais pessoas, mais especialistas e manter pros próprios dependentes como se viu mais a fundo nas matérias da Bette, que todos devem ser ouvidos, todas as vozes. A questão principal é, sempre que for possível, ouvir os maiores interessados, que são os que

usam *crack*. Acho que eles são os personagens centrais dessa epidemia. Eu acho que, enquanto eles forem ouvidos, eu acho que a gente vai viver essa análise de que todas as visões estão sendo respeitadas, principalmente a visão deles.

Fernanda: Até porque existe um dissenso entre especialistas também, né? Há especialistas e antropólogos, por exemplo, que consideram que a internação não é o caminho viável, que é preciso ter uma junta de saberes e de profissionais ali pra ajudar o dependente a tentar se livrar voluntariamente, por conta própria, né?

Pedro Bassan: Claro. A gente tenta... Eu acredito que, de um modo geral, eu não respondo pela linha editorial do *Jornal Nacional*, de modo algum, mas eu acho que eu concordo com ela na medida que parece uma visão muito equilibrada sobre o tema, dando voz aos devidos setores, às diferentes soluções, tentando, como eu disse, acima de tudo, ampliar a visão sobre o tema, e não estereotipar o assunto, tratar de uma maneira restrita. Enfim, acho que a solução está, a sociedade está descobrindo a solução e a gente tenta participar dessa descoberta dando voz a todos. Nessa medida, eu acho que a gente deve até, principalmente em reportagens de São Paulo, tô falando sobre assuntos que realmente fogem da minha esfera, né? Mas eu vejo essa tentativa de uma abordagem ampla sobre o tema, né?

Fernanda: Certo. E é interessante porque com o *hardnews*, com o *factual*, é um desafio enorme, né, Pedro, fazer uma pauta mais contextualizada, concorda?

Pedro Bassan: Concordo. É um desafio tremendo. É esse desafio que a gente propõe, não sei se consegue, mas a gente, é a nossa tentativa sim. Nunca tratar a questão de uma forma rasa, né? É fácil falar e, no primeiro momento, o que a gente fala de fato é "olha, tem alguém atravessando a rua, parece que essa pessoa não está com sua consciência plena do que está fazendo", "opa, é um usuário de *crack*", "opa, há uma concentração de usuários aqui". Esse primeiro contato é a função básica do jornalismo, não é? Mas, a partir disso, a gente tem que imediatamente tentar lançar uma luz mais profunda sobre o tema.

Fernanda: Sabe o que é interessante? Assim, só para relatar mesmo, a minha pesquisa recorta o ano de 2012 até 2017, eu peguei até setembro, né? E curiosíssimo que, em 2016, não tem nada sobre *crack* no *Jornal Nacional* e aí converge muito pro que você falou. Foi o ano do zika vírus, da microcefalia, foi o ano das Olimpíadas, né? E aí, assim, tem várias coisas que são urgentes, importantes e necessárias, e de repente o *crack* não deixou de existir, mas ele não entra porque não consegue passar naquele filtro ali dos temas, não é isso?

Pedro Bassan: Exatamente. Acho que é isso que eu falei, né, não deixa de ser relevante, mas os assuntos urgentes, relevantes e urgentes são tantos que o *crack*, junto com outros temas, acabam tendo que esperar.

Fernanda: Esse ano mesmo já entraram quatro reportagens. Uma do César Galvão, outra do Burnier, Fábio Turci e do Alberto Gaspar, só esse ano. Só que todas elas muito voltadas pra área de polícia, de segurança pública, entendeu? Bastante voltada pra área de segurança pública. Enfim, Pedro, você gostaria de comentar alguma coisa pra fechar a nossa entrevista? Pra mim, assim, já respondeu algumas questões que eu tinha aqui em mente elaborado pra você. Se você quiser falar, comentar...

Pedro Bassan: Basicamente, eu acho que as suas perguntas pegaram os temas mais relevantes, né, sobre isso, e fico feliz por poder compartilhar essa nossa visão e iluminar um pouco o nosso trabalho né? [Difícil compreensão] não faz mais não é por causa de reconhecimento da relevância do problema e nem da relevância de todas as vozes que abordam esse assunto e o quanto elas merecem serem ouvidas. Mas tem as nossas limitações e tenta trabalhar com elas na medida do possível. Às vezes, eu, como jornalista, estou sempre disposto a ouvir, eu ganho pra ouvir o que os outros têm a dizer. Então, acho que, assim, o que eu quero é sempre ouvir todos os autores envolvidos nessa questão e tentar ampliar a minha visão e o meu conhecimento sobre o tema.

Fernanda: Entendi. Essas foram as primeiras reportagens suas sobre o *crack*?

Pedro Bassan: Eu acredito que sim, até porque, antes disso, eu passei dez anos no exterior (quase) e, antes disso, eu era do esporte. Então, eu acho que nunca tinha feito diretamente uma reportagem sobre *crack* não. Agora que eu tô me dando conta. Li sobre o tema, mas de fazer mesmo, essa foi a primeira vez.

Fernanda: Pra isso serve a pesquisa, né, Pedro? Pra lembrar você, nem que seja numa quarta-feira à noite, falar assim: Pedro, é o seguinte, você já cobriu esse assunto? Foi muito engraçado que eu entrei em contato com a Giuliana Morrone e ela falou: Não, eu nunca cobri *crack*. Aí depois eu falei assim: Cobriu sim, o link eu posso te mandar. Aí ela me pediu pra eu ligar pra ela, pra ela me pedir desculpas porque ela não lembrava dessa reportagem que ela tinha feito e foi pro *Jornal Nacional* e foi uma reportagem bem difícil, ela falou, porque envolvia a mãe de um usuário, uma cena um pouco pesada da mãe chorando bastante, enfim. Mas, Pedro, eu queria te agradecer, né? Pelo tempo que você disponibilizou pra mim. A gente da academia, eu sempre costumo dizer que eu não gosto de fazer qualquer tipo de trabalho que vá tecer

qualquer tipo de crítica, ou elogios, ou reconhecimentos, eu acho que a gente precisa conversar com as pessoas que estão envolvidas, quem já fez jornalismo. Eu agora to só na universidade, mas quem já fez jornalismo de alguma maneira já se deparou com as questões que você tem colocado, que você colocou aqui na sua entrevista. Particularmente, sou fã do seu texto, sabe? Eu assisto televisão e é uma coisa muito louca, porque eu assisto televisão como telespectadora normal do lado da minha filha, que tem cinco anos, e, ao mesmo tempo, assisto televisão olhando pros aspectos técnicos de conteúdo também, né? E, assim, é muito louco isso porque o meu esposo também é jornalista, só que eu sou muito mais ligada que ele nessas questões porque ele não exerce a profissão. E aí eu acho interessantíssimo porque eu falo uma coisa pra ele e ele fala: Não, não prestei atenção. E aí já passou, já era... Tem que resgatar depois se ele quiser ver, né? Mas é muito legal ouvir vocês assim, tem sido uma experiência muito rica pra mim em todos os aspectos. E eu sou uma pessoa que me debrucei, eu sempre estudei jornalismo e cidadania, né, e eu me debrucei em relação à cobertura do *crack* por eu perceber em 2012/2013, quando eu tava fazendo um projeto, que o tema explodiu nos meios de comunicação de um modo geral, e aí, como eu já venho de pesquisas em televisão, eu preferi ficar na televisão, continuar na televisão e vi também que tinha pouca coisa publicada sobre isso. Mas, assim, pra mim tem sido muito enriquecedor esse momento das entrevistas com os profissionais, e você, assim, sua entrevista ficou muito legal, gostei bastante.

FIM DA DEGRAVAÇÃO

AGRADECIMENTOS FINAIS DESCARTADOS A PEDIDO DA SOLICITANTE

3) Entrevista com BIAZZI, Renato

Data da entrevista: 06/11/2017

Fernanda: Oi, Renato, beleza?

Renato Biazzi: Tudo bem? Tudo joia.

Fernanda: Tudo joia. Você já tá podendo falar?

Renato Biazzi: Já. Acabei de assistir as matérias.

Fernanda: Ah, que ótimo que deu tempo. Desculpa não ter te avisado.

Renato Biazzi: Faz séculos, né?

Fernanda: Oi? Faz séculos, exatamente. Desculpa não ter te avisado antes. Na verdade, é que são tantos *e-mails*, e eu acabei... assim, me perdendo, achando que eu já tinha te mandado os links também.

Renato Biazzi: Não, mas se quiser, também não são, eu não fiz tantas matérias assim. Essas duas, é, por sinal, acho que foram duas das mais, é, representativas assim, né?

Fernanda: Sim, sim.

Renato Biazzi: Até dá pra tentar entender um pouco, é, porque você escolheu essas duas. Elas são bem antagônicas, representam problemas antagônicos.

Fernanda: Sim, sim. É, na verdade...

Renato Biazzi: Mas, assim, eu lembro bem.

Fernanda: É, eu, então, eu te mandei os links porque, dentro do meu recorte, Renato, eu tô estudando a cobertura do *crack*, né? A cobertura jornalística, especialmente a de televisão, no foco do *Jornal Nacional*. E aí, no meu recorte que eu fiz, de 2012 a 2017, né? Tem bastante coisa que saiu em 2012. Em 2013 saiu um pouco menos, mas teve uma série da Bette Lucchesi que eu tô até tentando conversar com ela também. E aí em 2014/2015/2016, não encontrei nada, em 2017 um pouquinho de coisa até setembro, que foi quando eu recortei. E aí encontrei suas duas reportagens, né? É, uma sobre depentes químicos, né, que vão ganhar emprego, hospedagem e alimentação em São Paulo, e a outra sobre internação compulsória, que completou um mês em São Paulo, né? E aí, assim, a minha ideia, eu quero que você fique muito à vontade pra responder às perguntas que eu tenho aqui – mais ou menos um roteiro prévio –, mas quero que você fique à vontade também pra, caso você não entenda o que eu tô... o ponto que eu tô querendo abordar, você também fale, e você me

desculpa se alguma perguntar soar ingênua, porque, na verdade, a ideia é que você me explique o percurso todo, e a sua forma de compreender a produção desse material, tá bom?

Renato Biazzi: Tudo bem. Eu não vou falar aqui em nome da Globo, vou falar aqui como repórter. Não vou dar nenhuma opinião em relação à empresa, como a empresa trata de determinados temas, mas eu posso falar em meu nome, né, como jornalista.

Fernanda: Claro, claro. E reforçando ainda mais o que a gente já combinou, Renato, o objetivo da entrevista é realmente elucidar os pontos da minha, do meu trabalho de doutorado, né? Eu vou gravar a entrevista, então, para que você saiba também. Eu já te falei isso na nossa conversa, mas só para deixar registrado também, vou gravar entrevista e, por favor, fique à vontade para comentar o que você achar, estender alguma coisa que porventura eu passar batido e que você acha que seja importante comentar, tá bom? Então assim...

Renato Biazzi: Beleza. Qual é o... é uma tese de doutorado, não é isso?

Fernanda: É, é uma tese de doutorado. O meu trabalho, Renato, ele começa quando eu entrei no programa de pós-graduação. Meu trabalho ele começava com a ideia de analisar somente o período das internações compulsórias, e aí ele foi avançando, né? É, no sentido de que fazer o recorte só da internação compulsória era um recorte, digamos, que a gente chama de contaminado na pesquisa, né? Então, a gente preferiu estender o período de análise, que é uma coisa um pouco mais exaustiva para quem tá pesquisando, mas que pode dar um retrato mais fiel ou pelo menos fazer um esforço, faz com que a gente se debruce por mais um período, né? Mas dá, de repente, uma ideia melhor de como está sendo a cobertura. E, assim, basicamente, a linha teórica que eu tô trabalhando é dentro da coisa do enquadramento e do agendamento do *crack*, entendeu? Do *crack* não, da cobertura do consumo do *crack* e as implicações de saúde, de violência na área de segurança pública, né? E como que o jornalismo tá.. televisivo, especificamente o telejornal de maior audiência brasileira, como ele tá enquadrando essas temáticas, esses assuntos, né? Então, eu estudo é a Teoria do Agendamento, de Maxwell McCombs e Donald Schon, estudo também a Teoria do Enquadramento, de Goffman e também de um professor aqui no Brasil que agora tá no exterior, professor Mauro Porto, que, inclusive, era lá da UnB. Ele trabalhou com essa coisa do enquadramento também. E aí eu transito em vários outros textos teóricos e pesquisas que dialogam com meu tema, com o *crack* e com saúde também, violência... Entendeu? Tá bom?

Renato Biazzi: Entendi.

Fernanda: Tá bom?

Renato Biazzi: Então vamos lá.

Fernanda: Então bora lá. Bom, basicamente, nessas duas reportagens que você acaba de assistir aí, Renato, uma veiculada em 2013 e outra em 2014, você poderia tentar, minimamente dentro da possibilidade sua de recordar desse desse período, né, descrever como é que foi o processo de produção desde o momento em que: “Renato, tem uma pauta para você, você vai cobrir cracolândia, São Paulo”. Você tem como descrever ou tentar lembrar como é que foi esse processo de produção?

Renato Biazzi: Hum, vou tentar recordar. A forma como se faz normalmente [áudio ruim] as duas foram iniciativas do governo do estado...

Fernanda: Vou te pedir só pra você falar um pouquinho mais alto, tá?

Renato Biazzi: Tá. Tá me ouvindo melhor agora?

Fernanda: Melhor.

Renato Biazzi: Essas duas coberturas foram motivadas a seguir o programa... [ligação ruim e distante] ao aviso de pauta do poder público em relação à internação compulsória e outra em relação ao programa de emprego que a gente chamava de Direito Cidadão. Mas a gente, evidentemente, não, dentro dessa perspectiva de cumprir o factual, que era no caso [áudio ruim], a gente procurou encontrar pessoas, personagens, né? [ligação ruim e distante] famílias atendidas nesse programa, dependentes. Evidentemente, tivemos que procurar autoridades e tentamos ao máximo nos aproximar para mostrar o programa como seria, né? Então, a gente teve que interagir com o poder público pra poder entrar, pra poder mostrar intimamente como seria esse programa. Também no caso da internação compulsória, a gente procurou o Poder Judiciário, de uma parte importante, né? A questão do programa do estado que era uma outra parte a autorizar ou não a internação compulsória, calibrar. Eu acho que a gente conseguiu com as reportagens retratar o que a gente queria, essa atual realidade.

Fernanda: Sim. É, Renato, nas duas reportagens você traz fonte, uma fonte na área bastante ligada à área de saúde, né? São psiquiatras especialistas em dependência química. Me parece uma abordagem bem interessante que você fez na reportagem, porque, como você mesmo acaba de dizer, foi um gancho baseado em programas do governo, né? Em ações do governo, do estado de São Paulo, por exemplo, e baseados na lei também. E aí você estende isso pra pauta, estende isso para ouvir

uma psiquiatra, no caso, né? No primeiro momento, claro que o tema tem tudo a ver com saúde, mas ela poderia ser uma reportagem que se encerrasse ali somente nas falas do juiz, do promotor, da assistência social, do secretário de governo, enfim. Eu queria saber, assim, como é que foi esse *insight* de você falar assim: Não, vou chamar, vou tentar procurar uma psiquiatra para poder integrar esse material.

Renato Biazzi: É, não é propriamente um *insight*, né? É praticamente uma norma que a gente [áudio ruim] de ouvir pessoas no meio, teoricamente. Embora a gente fique [áudio ruim] no momento de pânico na nossa política, claramente, a gente vê aplicada a política de *crack* em São Paulo, a gente pegou os grandes correios hoje. Aquela condição, teses que profissionais defendem, questionam sobre o tratamento psiquiátrico, até contra, até mesmo contra a vontade do paciente. Tem uns que defendem um trabalho mais voltado a redução de bancos, né? Dar emprego, dar atividade, tentar atrair pessoas pra um universo de recuperação, né? Nem que pra isso ela seja coagida, ou obrigada a fazer, né? Nessa matéria do psiquiatra, até olhando agora, eu acho que houve uma falha [áudio ruim] também uma outra corrente, né? Defender esse programa há uma corrente, algum especialista também dependente em defender esse programa. É, mas talvez na época a gente não tinha porque essa polarização não estava bem desenhada, né? Se a gente observar a matéria, eu acho que ela foi bastante humana. A gente conseguiu achar uma usuária que estava inscrita no programa, fizemos uma matéria com ela. Então, era bastante positivo [áudio extremamente ruim]. Tinha esse contraponto. Eu acho que toda reportagem deve procurar um contraponto para dialogar a situação como um todo. [áudio baixo e ruim].

Fernanda: Pegando o gancho aí no que você tá falando, alguns autores na minha pesquisa identificam, né, tanto o *crack*, a cobertura sobre o *crack*, quanto a cobertura sobre a Aids no Brasil como temáticas complexas. Aí a gente poderia, sei lá, até numa tentativa de atualizar o que esses caras têm publicado e escrito, dizer que teríamos aí o zika vírus, a microcefalia como também uma temática complexa, né, em termos de cobertura. Você acha, até pela sua fala, de que você olhando, de repente, teria que ter trazido um contraponto, mas sim para aquele momento foi uma falta que ficou bem resolvida? Você acha que hoje, considerando o problema que é o *crack* no Brasil, existiria a necessidade de que repórteres pudessem, tivessem a necessidade de de repente se especializar, ou de buscar um fomento maior para pesquisa, para cobrir e sistemas, né? Eu não sei, e aí eu vou acrescentar isso à pergunta: qual a sua

experiência de cobertura desse tema, né? Como eu disse, somente duas reportagens tuas no *Jornal Nacional* cobrindo o consumo do *crack*. Mas você acha que é necessário que tenhamos de repente jornalistas formados ou melhor formados para contextualizar essas questões relativas ao consumo da droga do *crack* no Brasil? Enfim, até em parcerias com institutos como a Fiocruz que faz pesquisa?

Renato Biazzi: Eu acho, acho pertinente esse questionamento. [o áudio está horrível] eu acho que a publicação impressa tem pessoas que acabam se especializando, a publicação impressa talvez seja mais adequada para fazer a inserção de análises. A televisão, ainda hoje, eu acho que tem muita dificuldade em fazer [áudio ruim] talvez porque ela tenha menos tempo, número de audiência, especificamente a TV comercial. [áudio ruim] que exijam um aprofundamento maior, né? Na cracolândia, há ações do poder público, mas, mesmo um veículo impresso, não acrescenta tanto como poderia ao debate, ainda que eu ache que esse é um problema que envolve a todos. O que a gente tem visto nos últimos anos são tentativas e erros, né? Eu acho que ninguém tem muito a fórmula para resolver esse problema e hoje acaba nos levando a pensar que é um problema insolúvel. Numa cracolândia, como é que chegou até onde tá? Mas eu acho que a gente pode [áudio ruim] maior, desejável de repórteres. Esse é um assunto que me agrada, que interessa, que intriga, né? [áudio ruim] qual será o tratamento adequado, é um ambiente polarizado, acho que a temática é um pouco mais forte. Todos nós temos o dever de procurar outros caminhos porque realmente tem que resolver isso.

Fernanda: Entendi. E nessa mesma perspectiva, você diz, por exemplo, que, de repente, se fosse hoje, você faria uma outra abordagem, né, ou trouxesse o outro lado da pesquisa hoje na área de saúde pública. Você vê alguma maneira, já que você tocou nesse ponto, da fragilidade até do poder público, da própria comunicação e o jornalismo, no sentido da cobertura televisiva, de tratar esses temas? Você vê algum caminho ou alternativa, Renato, para que esses temas sejam, digamos, melhor cobertos ou tenham, de repente, uma abordagem diferenciada pelo jornalismo, e aí por consequência para a sociedade também?

Renato Biazzi: Não, então, é o que eu tava falando. Eu acho que sinto falta. Mas o problema é o que a gente não vê mais [não entendi] no horizonte, né? Há um interesse constante e permanente da minha parte, dos meus colegas, boa parte dos jornalistas na redação onde eu trabalho [áudio ruim] interesse, né, de trabalhar esse tema de forma mais analítica. A gente sempre tenta fazer isso. Mas a gente não vê [não

entendi] no horizonte, né? Conversando com você agora, me veio a ideia de que talvez deva partir da gente procurar esses cantinhos e não ficar dependendo só das escolas, seus laboratórios, seus centros de pesquisa. As escolas [áudio ruim] tentar talvez auxiliar nossa busca por fontes. Eu acho que isso ajudaria e auxiliaria mais nas nossas pautas, nas nossas reportagens. A questão é que a gente, muitas vezes, é visto como culpado por muita coisa, podendo retratar uma realidade que talvez retrate a pobreza de alternativas aí para debater esse problema do *crack*. Isso acaba se refletindo no nosso trabalho também. Talvez a gente realmente tenha que buscar outras formas de abordar esse tema, com fontes profissionais, do poder público, dos pontos acadêmicos que a gente conhece.

Fernanda: E você chegou, na época que você estava fazendo a reportagem, Renato, a fazer algum tipo de pesquisa mais específica em *papers*, trabalhos científicos ou basicamente a busca é mesmo com as fontes de informação que já detêm esse conhecimento ali praticamente pronto e disponível?

Renato Biazzi: É, é um trabalho mais pragmático, né? Acaba sendo uma pesquisa muito mais com contatos [áudio baixo e som de galinhas ao fundo], acho que poderíamos nos debruçar mais sobre isso. Por exemplo, uma questão que eu não fui a fundo, poderia tentar fazer de novo [o gravador tá sendo movimentado, o áudio tá com várias batidas, tá impossível entender bem]. Mostrando que a maioria dos dependentes de *crack* no Brasil tinham uma vida social, né? E aí tirava um pouquinho o estereótipo do *crack*eiro como aquela pessoa que não tem vida social e completamente isolado de qualquer convivência, né? E essa pesquisa mostrava o contrário. Você tem milhares, talvez milhões de consumidores de *crack* no Brasil que têm vida social, trabalho, que moram com a família. Que faz o uso social do *crack*. Isso talvez fosse realmente crescer no debate.

Fernanda: Interessante você fazer essa ressalva, porque, na minha tese, inclusive, eu uso Acioli Neto e tem mais uma pesquisadora que escreve com ele sobre isso. Inclusive tem o livro *Os usos sociais do crack*, né?

Renato Biazzi: Cê sabe que cê vai me ajudar a fazer uma pauta.

Fernanda: Com certeza, eu topo.

Renato Biazzi: Porque, assim, a gente lida nos dias com tantas pessoas de assuntos diferentes, que muitas vezes tem umas anotações, um contato que se perde ao longo do tempo. E acho que esse é um momento importante pra gente retomar algumas pautas que fujam do lugar comum, né?

Fernanda: Com certeza. Inclusive, Renato, assim, só a título de a gente, né, aproveitar também esse bate-papo aqui, tem esse livro *Os usos sociais do crack*, é um livro que, inclusive, eu fiz a resenha dele, posso até te mandar, tá, para você fazer uma leitura mais rápida. E tem um livro que se chama *Um preço muito alto*, que é de um neurocientista dos Estados Unidos que faz as pesquisas numa perspectiva da recompensa. Ele tem toda a história da vida dele, que é uma história de marginalidade, porque o pai era era alcoólatra, agredia a mãe. E ele subverte tudo e se torna médico. E acaba estudando as drogas, né, que é o universo que ele teve contato muito próximo. E aí ele vai mostrar essa perspectiva da recompensa que a sua matéria, uma das suas matérias, traz essa coisa da recompensa. Que é o município dando hotel, os 15 reais por dia ao final de uma semana e também a questão do tratamento. E aí o tratamento sendo facultado ao usuário. Então, ele fala sobre isso na pesquisa dele. É um livro também interessantíssimo, é um cara com quem eu tô tendo contato, fiz, inclusive, uma pauta com ele. Ele preferiu responder por *e-mail*, é um cara muito assim... o horário dele, os horários, né, palestra pelo mundo todo. Já saíram algumas entrevistas dele em veículos de grande circulação e impressos semanais. E eu tô com uma pauta com ele. Tô com a expectativa que ele retome comigo e que ele responda às perguntas. E aí eu posso também te passar. Vai tá em inglês, mas posso te passar isso aí para você também... já que você gosta do tema, né, e depois, enfim, a gente poder trocar figurinha também sobre o assunto, entendeu?

Renato Biazzi: Claro, claro.

Fernanda: Mas tudo que eu comentei com você é exatamente pra te dizer que uma das suas pautas subverte esse estigma de que o cara que usa *crack*, ele não tem condições nenhuma de desenvolver atividades, é uma inabilidade, né? E aí são as reproduções dos estereótipos, né, Renato. São as reproduções que de alguma maneira a gente vê isso muito, né, nos jornais, na televisão. E aí talvez o grande papel que a gente teria seria de desconstruir estereótipos, até com essa própria pesquisa que você retornou. Você, na época, tinha conhecimento dessa pesquisa, não levou adiante por quê? Por uma ocasião de esquecimento mesmo, tempo, enfim da reportagem, você saberia me dizer?

Renato Biazzi: Eu não saberia te dizer. Eu acho que pela rotina bastante desafiante, né?

Fernanda: Ingrata, né?

Renato Biazzi: É, ingrata. [áudio ruim] de uma visita sem câmeras, sem nada, para poder tomar mais conhecimento sobre a pesquisa e acabou não dando tempo de fazer isso. A gente é atropelado pelo factual, digamos assim. Provavelmente, foi isso que aconteceu.

Fernanda: Pois é. Em relação a isso, você chegou depois, dessas duas reportagens que você fez, a sugerir alguma outra coisa, alguma outra pauta para o *Jornal Nacional* em relação ao assunto ou não? Ou geralmente você é mais demandado do que demanda?

Renato Biazzi: Não, eu cheguei, eu cheguei. Eu ouvi bastante por causa das pautas na época. Sobre alguns trabalhos que eu gostava e, além desse programa de internação, eles criaram um programa chamado Cartão Recomeço. Um programa chamado Recomeço que credenciou diversas clínicas e chegou a receber essas pessoas credenciadas. Na verdade, eu cheguei a fazer matéria, cheguei a fazer uma grande matéria para o *Bom Dia Brasil*. Acho que um ano depois.

Fernanda: Eu já vi sua reportagem também, do *Bom Dia*, apesar de não ser o foco, eu já assisti também.

Renato Biazzi: A gente procurou focar nessa matéria quais eram as principais entidades e tentar atualizar essa matéria das formas mais usuais. Formas mais modernas de tratamento, de convivência. De tentar lidar com os problemas de família, dos dependentes. E aí a gente acaba sempre passando muito pela questão duvidosa. As entidades duvidosas [áudio ruim] dando ênfase nisso. A gente abordou a parte dos anônimos também. Enfim, a gente não inventou a roda aí, né? Não demos nada de novo, mas pelo menos a gente propôs ampliar, né, formas de tratamento existentes, não ficar só naquela pauta reativa sobre o poder público.

Fernanda: Uhum.

Renato Biazzi: Olhando num retrospecto, acho que faltou talvez pegar uma pesquisa dessa que nos referíamos, tentar usar alguma coisa que estava sendo feita na academia, pra enriquecer mais a pauta.

Fernanda: Certo. E hoje, assim, com o entendimento e a compreensão que você tem do tema, como é que você entende a questão do consumo do *crack*? Ele estaria localizado num problema de saúde pública, de violência, de segurança, de trabalho, da falta do trabalho? E aí, você colocaria suas reportagens em que enquadre, digamos assim, Renato? Na sua avaliação?

Renato Biazzi: Eu acho que sempre tem os polos, né? Essa polarização que tem. As pessoas que têm certeza do que estão falando [áudio ruim] que é o que você falou. É um problema de saúde pública, com certeza, porque tá disseminado. É uma epidemia, se assim posso falar, mas ainda com um Estado que trata isso de forma [não entendi]. Na verdade, a gente vê muito mais a ênfase na parte criminal. A gente não tem um tratamento de saúde pública. A gente vê alguns projetos, alguns programas interessantes, mas que não têm continuidade, né? Então, é um problema de saúde pública que não é tratado nitidamente. É um problema que é tratado pontualmente, porque eu acredito que o trabalho para prevenção é importante, né? A gente vê muito um trabalho de repressão aos usuários, né, que é o que é aparente, o que não resolve nada, obviamente. Quais são os outros pontos que você falou? Ah, o problema social. Acho que o problema aumentou com a crise econômica, essa relação, você tem regiões de desempregados que desagregam da sua vida, e problemas agregam e juntam ao vício. Alguns outros continuam com a sua vida social ao consumir, mas certamente alguns se aprofundam no vício. Então, é uma questão de tudo isso que a gente tem. Uma perspectiva de retratar isso é uma dificuldade mesmo. Porque olha quantas variáveis a gente tem para retratar. É difícil fazer uma matéria completa sobre o tema porque, muitas vezes, a gente expõe nos jornais diários, né? Que talvez o mais importante seja fazer pautas mais humanizadas do que jornalísticas. Então, em todo lugar há programas, no caso da emissora que eu trabalho, tentar procurar programas com maior tempo para veicular essa matéria.

Fernanda: Uhum.

Renato Biazzi: Reconheço que nós repórteres ainda talvez não tenhamos nos aprofundado para o tema. Para uma pauta mais consistente, mais analítica, né? Talvez existam programas que possam oferecer mais espaço.

Fernanda: Entendi. Assim, eu quero que você fique muito à vontade de me responder essa pergunta, até porque eu sei que você não fala pelo *Jornal Nacional*, né, mas, assim, nos últimos anos, o *Jornal Nacional* tem pautado muitos assuntos relativos à corrupção, à política. Brasília tá no foco, mas claro que não apenas ela, né? A pergunta que eu quero fazer para você, veja se você consegue me entender, é se existiria uma lista de temas, por exemplo, que o jornal considera como mais relevante. Porque, por exemplo, eu sei que o Bonner, nas literaturas que eu já li, ele diz, né, inclusive, há muitos anos atrás, quando eu era aluna do mestrado da UnB, ele esteve lá em Brasília, a Zileide Silva, o Ali Kammel esteve também, falando sobre o que é

mais importante, o que é pauta pro *Jornal Nacional*. E ele disse: o que tá acontecendo de mais importante no Brasil e no mundo. Isso tá no DVD também do *Jornal Nacional*. Mas, assim, existiriam alguns temas que, de repente, o jornal entende como sendo temas que têm que voltar à cena pública, que têm que ser tratados de maneira recorrente, recorrente? Ou, de fato, você falou várias vezes aí, é o que é factual, Renato? Como é a sua compreensão como repórter?

Renato Biazzi: Olha, essa ideia de que o *Jornal Nacional* põe no ar o que acontece de mais importante é fato. Como você mesma disse, o Bonner sempre repete isso em público há muito tempo. Agora, eu posso dizer que é um jornal muito aberto para demandas de fora. Demandas vindas dos repórteres, com sugestões de pauta que a gente pode ter. O *crack* é um assunto que interessa bastante ao *Jornal Nacional*, tem sido bastante acolhido no noticiário. Então, assim, o que demonstra que o *Jornal Nacional* trata dos assuntos mais importantes daquele dia que você recebe. O *crack* tem essa questão de importância. O que eu entendo é que talvez caiba à gente, repórter, editor, pauteiro, produtor, aperfeiçoar cada vez mais essa cobertura. Isso não é nenhuma queixa em relação ao *Jornal Nacional*, é em relação a moldar nossa cobertura. A corrida é grande. Especificamente em relação ao *crack*. Agora, eu não saberia elencar pra você quais são os assuntos que o jornal tem de maior importância. A pauta é muito variável. Ultimamente, tem sido a Lava Jato, o *impeachment*, corrupção, a pauta política/polícia, elas são preponderantes. Eu tô sendo redundante porque é o que tá rolando no *Jornal Nacional*, né? Mas eu não saberia dizer em tempos normais quais seriam as pautas prioritárias, né? O tema do *crack* sempre tem bastante interesse.

Fernanda: Entendi. E aí, Renato, tem uma questão que a gente pode avaliar. O consumo do *crack* é tratado com várias reportagens, inclusive por pesquisadores que eu tenho consultado ao longo da minha pesquisa, como um assunto de epidemia, né? Você acha que esse tema, *crack*, dada a importância, dados os impactos que ele tem na realidade social, ele deveria ser objeto de uma "campanha jornalística", no sentido de esclarecer, de prevenir e de orientar a sociedade em relação ao consumo de drogas? Especificamente ao *crack*. E aí, quando eu chamo de campanha, eu sei que o jornalismo não trabalha com esse tipo de coisa, mas mais ou menos no sentido do que a mídia faz com o Setembro Amarelo, o Outubro Rosa, o Novembro Azul. Você acha que é possível que a televisão, de repente, ou que a mídia como um todo trabalhasse nisso numa perspectiva de engajamento mesmo?

Renato Biazzi: É, eu acho que é uma ideia. Agora, a questão é que, de modo geral, a gente trata todos os assuntos, trata tudo. Olha a quantidade de demandas que tem a sociedade, de problemas. E eu não sei se o *crack* é um problema seriíssimo, mas a cocaína também é um problema seriíssimo. A quantidade de usuários de cocaína deve ser bem maior que a de *crack*. Os problemas talvez não sejam muito bem mensurados, né? O alcance da cocaína, por exemplo, da dissolução das famílias, da desagregação, quanto tempo a cocaína influencia para que a pessoa recorresse a outras drogas, como a maconha. E aí, quando a gente fala de maconha, é obrigatório falar também da questão da legalização. Eu entendo todos os problemas da sociedade, a questão da violência, da violência contra a mulher, das minorias. Eu não sei se existiria espaço para mostrar, se dedicar numa campanha especificamente contra o *crack*, né? Eu não sei. Eu acho que nós temos tantos problemas hoje. Talvez fosse uma ideia, mas eu não saberia te responder. Mas é uma boa ideia. Talvez não para ter em mente num calendário todo ano, mas fazer uma campanha pontual, tentar mensurar o alcance disso. Talvez seja o debate.

Fernanda: Agora você tocou em um ponto bem interessante, que é o da cocaína, né? Me parece, com os estudos que eu já li e com os quais eu já tive contato, que o *crack* incomoda mais do que a cocaína. A sociedade, seja porque talvez existe um espaço público, habitado por pessoas que têm determinadas características, ou que são reunidas em determinadas características, será que é isso? Que são as *cracolândias*, no caso, e os usuários?

Renato Biazzi: É, eu acho que faz sentido. Talvez o *crack*, porque visualmente é uma cena deprimente, né, as *cracolândias*. Você não vê agrupamentos como esse do *crack* em relação à cocaína, né? A cocaína é uma droga que parece, uma impressão, né, que parece de mais fácil manuseio dentro da sociabilidade, né? As pessoas têm mais controle dela. Não sei o que um especialista diria. Mas realmente tem essa questão, que o *crack* parece que causa mais dependência, muita gente acaba deixando seu meio de convívio e isso acaba criando uma [não entendi] de realidade. E aí precisa ter uma campanha específica. Na verdade, talvez o problema seja o uso de drogas como um todo, disseminado. Eu acho que tem mais usuários de cocaína no Brasil do que *crack*, mas é uma opinião pessoal.

Fernanda: Entendi. Bom, na verdade, Renato, essas são as perguntas, eu acho que me excedi aí alguns minutos em relação ao tempo que eu estimei de conversa com você. Nós estamos com 44 minutos de conversa e essas eram as perguntas.

Renato Biazzi: Você tem prazo que você tem que cumprir aí, um tempo?

Fernanda: Não, é livre. Mas eu, geralmente quando vocês repórteres me perguntam, até por uma questão de agenda de vocês, que eu sei que é bem complicada, eu tento estimar o tempo. A partir da minha experiência das primeiras entrevistas, né? Então, eu já ouvi o Ismar Madeira, conversei com a Graziela Azevedo, com o Giuliano Tamura, ele fez uma reportagem de uma série de prisões que foram feitas na época em relação ao tráfico lá no interior, numa cidadezinha pequenininha. Aí eu tô no percurso, sabe? O Fábio Turse, que tá em Nova Iorque, eu tô em contato com ele por *e-mail*. E aí garimpando, né? Bette Lucchesi... tem sido bem corrido pra ela, mas ela se mostrou superdisponível para responder, porque tem uma série em 2013 sobre o *crack*. Entendeu? Com quatro reportagens pelo interior do país, mostrando que o *crack* já avançava, a partir de uma pesquisa que foi veiculada da Confederação Nacional dos Municípios, dizendo que o *crack* já estava presente em 98% dos municípios brasileiros. E aí ela fez essa série, conduziu com outros dois repórteres e eu queria muito ouvir ela. A gente tá conversando ainda pra ver um dia, melhor horário, enfim. Mas, assim, a pesquisa é basicamente essa. É tentar compreender um pouco mais o *modus operandi* que você fala dele também no decorrer da nossa conversa. Porque, assim, é muito comum a gente ver trabalhos que basicamente servem pra dizer que é o mau jornalismo. "Olha, olha lá como fizeram, não foi legal". Minha expectativa nunca foi essa.

Renato Biazzi: Somos sempre criticados pela academia.

Fernanda: É, a minha expectativa nunca foi essa, pelo contrário. Inclusive, tem um ponto que eu acabei de me lembrar aqui que eu não abordei contigo, se você me permitir, meu orientador, o Luis Martins da Silva, ele publicou um texto, salvo engano, em 2013, dizendo que a atividade jornalística não é uma atividade profissional como qualquer outra. Eu vou tentar traduzir de maneira muito sintética a pesquisa dele, tá? E aí ele diz que a atividade jornalística não é como qualquer outra, que, pelo contrário, é uma atividade que demanda um sobretrabalho. E a ideia de sobretrabalho ele busca na mais-valia do trabalho do jornalista. Então, para que o jornalista pudesse superar, por exemplo, as crises pelo qual o jornalismo passa hoje, seja de audiência, seja até do ponto de vista da concorrência com outros meios, né, a internet que tá sendo cada vez mais rápida, isso não significa que seja de melhor qualidade, mas pelo menos mais rápida. E até mesmo as crises pelas quais o jornalismo tá passando, ele diz que o jornalista precisa ter um valor agregado no trabalho dele. Basicamente, o texto é

isso, tá, tô sintetizando muito. Você acha que aquela sua resposta, quando você diz assim: "Ah, eu acho que seria muito importante o jornalista procurar uma especialização", será que a gente entraria nesse âmbito do sobretrabalho, do jornalista que precisa ir além daquilo que é factual, além daquilo que são os fatos que estão ali no calor dos acontecimentos? Será que a gente poderia fazer uma alusão a isso, Renato? Eu sei que você não conhece o texto, mas aqui tentando resgatar um pouquinho...

Renato Biazzi: É, eu acho que talvez o jornalista faz [áudio ruim]. Você tem hoje em dia jornalistas especializados, né? Jornalista de ciência, saúde, bem mais preparados nesses assuntos. Mas acho que podemos, eu não sei como é o texto dele, mas acho que, dentro disso que você tá falando, é desejável [áudio ruim] mudanças para revolucionar esse jornalismo. A especialização pode ser um caminho para que o jornalista seja mais reconhecido. Agora, o jornalismo, eu não sei se ele vai sofrer mudanças muito grandes com essa tecnologia, com a convergência e etc., mas eu não sei se vai haver mais espaço para o jornalista especializado. Eu digo isso num caminho que não seja comercial. Isso, sinceramente, eu não saberia te responder. Espero que, com a convergência de mídias, com o fim das grades de programação, possa abrir mais espaço para matérias mais jornalísticas, que a pessoa possa ter interesse. E isso acontecendo, nós vamos ter jornalistas mais bem preparados para isso.

FIM DA DEGRAVAÇÃO

AGRADECIMENTOS FINAIS DESCARTADOS A PEDIDO DA SOLICITANTE

4) Entrevista com GALVÃO, César

Data da entrevista: 01/11/2017

Fernanda: Então, César, eu vi o material que você me mandou, né, mas o meu recorte é especificamente do *Jornal Nacional*, né? Eu peguei um período de 2012 até 2017, até setembro de 2017, em que aparecem algumas reportagens suas, né? E aí eu queria tratar um pouquinho do processo de produção dessas faltas, né? Você tem algumas reportagens em 2012, depois em 2015 e 2017, né? A gente poderia particularizar cada uma ou fazer mesmo pacote de todas para talvez ser mais interessante. O que você acha?

César Galvão: Veja o que é melhor para você. Talvez algumas você tenha que me lembrar.

Fernanda: Claro, claro. O que eu puder fazer aí para recordar você da pauta, né? Então, olha só, você fez algumas reportagens para o *Jornal Nacional* sobre apreensão de drogas, você fez reportagens para o *Jornal Nacional* sobre a rotina da cracolândia, né? E aí, assim, eu gostaria de entender um pouquinho, César, como foi o processo de apuração dessas pautas, desde que ela se tornou uma pauta, né, para o *Jornal Nacional*, até o momento em que elas foram veiculadas no *Jornal Nacional*. A saber, as discussões, porque que elas se tornaram pautas possíveis de entrarem no jornal de maior audiência da televisão brasileira.

César Galvão: Bom, a cracolândia é um assunto, pela dimensão dela aqui em São Paulo, nacional. Porque ela, realmente, enfim, a cracolândia realmente chama a atenção. Ela bloqueia um trecho do centro de São Paulo importantíssimo, né? Centros históricos, áreas culturais, centros de comércio. Então, muita gente passa por lá e muita gente vê e é afetado por aquilo. Só por isso já é pauta constante, né? Já é assunto constante no jornalismo. Ali, por exemplo, pra você ter ideia, desembarcam pessoas que vêm de vários países, como Bolívia, Paraguai, Colômbia, de ônibus. Passam por ali pessoas que vão em direção à 25 de Março, que é um centro comercial. Então, ali não circulam só paulistanos. Circulam pessoas que vêm de todo o país e de outros países também. Isso ajuda a decidir que é pauta, né? Uma outra questão é a quantidade de pessoas que passam dias, meses e até anos ali consumindo drogas. Tem gente que viveu ali por mais de 15 anos. Gente que veio de

outros estados também, gente que veio de todos os lugares do país. Então, isso é o princípio da discussão para que a crackolândia de São Paulo vire uma pauta nacional.

Fernanda: Entendi. É, entre as reportagens que você fez, existem algumas que dizem respeito ao tráfico propriamente dito, à apreensão de drogas e outras que trazem um pouco mais a rotina do usuário, funcionamento da crackolândia, bem como... Nesse recorte que eu fiz, aparecem nas pautas que falam sobre apreensão, você vê mais a figura do Denarc, da Segurança Pública, da polícia. E algumas outras pautas, você mescla com fontes que são da área de saúde, Secretaria de Saúde, especialistas, né? Você acha que hoje o consumo do *crack* no Brasil, né, a partir da sua visão como jornalista, como um jornalista que cobriu esse assunto algumas vezes já, ele se aloca, ele se aloja em qual temática? É uma temática de Segurança Pública, é uma temática de saúde, é uma temática de educação, de sociedade? Como que a gente editorizaria isso?

César Galvão: Bom, o consumo do *crack*, na verdade, ele vem há mais de 25 anos ali naquela região da crackolândia de São Paulo. E aí não dá para particularizar mais se é um problema de segurança pública, de saúde, de família, social. Foi a falta dessa união [toque de celular atrapalha o entendimento] que fez com que aquilo crescesse e se tornasse ali algo frequente e difícil de se resolver no centro de São Paulo. Por exemplo, a polícia vai lá e apreende uma quantidade de drogas, prende algumas pessoas. O consumo não para. Daqui uma hora, meia hora, vão vir outros traficantes, vai ter mais droga chegando de vários pontos de São Paulo.

Fernanda: Certo.

César Galvão: Na saúde, por exemplo, tem lá o telefone de contato. Tem o serviço de atendimento social que leva para a saúde, onde tem assistentes sociais que tentam convencer as pessoas a se tratar. Você leva a pessoa para um estande, ela num certo momento aceita ir para um hospital, só que ela sente falta da droga. E ela sabe que se voltar à crackolândia vai encontrar a droga. Você não conseguiu tirar o tráfico dali. E ela acaba não se tratando. As famílias vão pedir ajuda para que as pessoas sejam encontradas, mas a pessoa não pode ser retirada à força lá de dentro. A lei não permite isso. Então, as famílias não conseguem essa parte social. Então, isso só vai se resolver quando todos esses setores trabalharem juntos. Houve uma tentativa, agora em maio desse ano, de fazer isso. Houve um acordo ali entre a Prefeitura de São Paulo para que ela desse atendimento de saúde, atendimento social, que o estado desse leitos, que a polícia combatesse o tráfico. Num certo momento, isso até

diminuiu a quantidade de gente na crackolândia, uma estimativa de 1.500 pessoas. O poder público chegou a dizer que tinha reduzido ali para, no máximo, 400 pessoas. Até houve, no início, uma redução, porque, se for combater o tráfico, vai apreender muita droga, prenderam cerca de 65 pessoas envolvidas com o tráfico. Só que, se você passar lá agora, uma boa parte daquelas pessoas que tinham saído voltaram. E muitas delas chegaram a aceitar o atendimento de saúde, mas o tratamento não teve continuidade e ela continua tendo a droga disponível. Então, é a visão do que aconteceu, por exemplo, em Nova Iorque. As autoridades resolveram reduzir o uso do *crack* e a existência da crackolândia, fazendo com que todos os setores funcionassem e resolvessem. E contando ainda com a existência da lei, que não acontece aqui no Brasil ainda. Por exemplo, a nossa Justiça não valoriza a internação compulsória. O assistente social tem que ir lá tentar convencer a pessoa que ela tem que se tratar, a pessoa tem que aceitar acompanhar o assistente social até uma unidade de saúde e aceitar o tratamento na unidade de saúde. Tudo conta própria. Mesmo que ela esteja em crise, que esteja sem as faculdades mentais dela perfeitas, o setor não pode obrigar que ela se trate. Ela tem que aceitar. Isso prejudica porque a Justiça não conseguiu avançar nesse ponto.

Fernanda: Entendi.

César Galvão: Então, enquanto não tiver essa união de todos esses setores, social, de saúde, segurança pública, psiquiatria, não vai melhorar.

Fernanda: Certo. E aí, assim, existe um pesquisador, não sei se você já teve acesso à literatura dele, chamado Carl Hart. Ele é um neurocientista, já saíram algumas matérias até em veículos de grande circulação nacional sobre ele, em que ele escreve um livro que foi traduzido aqui no Brasil, que chama *Um preço muito alto*, em que ele diz que é possível recuperar um usuário de *crack*, por exemplo, né, desde que tenha uma compensação. E que isso na comunidade científica nacional era muito criticado num primeiro momento, né, porque parecia que ele estava dando dinheiro para a pessoa parar de usar drogas. E a pesquisa dele indicou que é possível ter sucesso quando a pessoa consegue ter compensações daquelas lacunas tantas existentes na vida dela. Do indivíduo, do usuário propriamente dito. Naturalmente, eu entendo, nós jornalistas, você, no seu caso, nós não temos uma expertise nessa área, nesse assunto. Mas você, a partir disso que eu estou te dizendo, obviamente, né, seria possível pensar um outro modelo? Você que vem cobrindo esse assunto, de tentar resgatar que não necessariamente a medicalização, César?

César Galvão: Eu acho que sim. Eu cubro, inclusive, isso há muito tempo, né? Há mais de 20 anos. Eu creio em iniciativas nesse sentido. Por exemplo, na gestão passada da Prefeitura de São Paulo, se criou o serviço para o usuário da crackolândia, para usuários do *crack*. Eles foram contratados temporariamente como varredores de rua. Eles trabalhavam no centro de São Paulo, ganhavam um salário, tinham vale-alimentação e isso até algum ponto ajudou a afastar algumas pessoas de lá. Elas aceitaram o trabalho, a gente teve notícia até de gente que parou, deixou de usar o *crack*. Só que esse serviço não tem continuidade. Se não tem continuidade, se a pessoa de um dia para o outro não tem mais o trabalho, não tem o dinheiro, não tem a dignidade, ela volta para o *crack*. Eu acho que a questão da troca é importante sim. É preciso criar serviços, criar locais para que essas pessoas saíssem dali e fizessem alguma atividade. Por exemplo, uns 20 e poucos anos atrás, eu visitei uma comunidade, uma fazenda, que fica na região metropolitana, e ela recebia usuários de *crack* e outras drogas. Só que o pessoal que chegava lá [gravador é tocado e o ruído atrapalha o entendimento], especificamente, chegavam para trabalhar. Plantavam, produziam, vendiam. E eu conversei com uma série de pessoas na época para saber como aquilo [áudio está muito ruim] eles não queriam ir embora mais. Então, essa troca eu acho importantíssima porque a pessoa tem que se sentir motivada, [gravador está sendo tocado, ruim a compreensão] se reintegrar à sociedade ele [áudio ruim] próprio.

Fernanda: Entendi. Uma outra questão, César, seria ao propriamente dito *Jornal Nacional*, que ele tem pautado muitos assuntos relativos à política, à corrupção, Brasília tem sido um foco do telejornal já faz um tempo. No recorte que eu fiz, que é de 2012 a 2017, por exemplo, a gente tem matérias, um número significativo de reportagens que foram feitas em 2012, né? Algumas reportagens isoladas em 2013, uma série de reportagens que a Beth Lucchesi conduziu em 2013. 2014 já começa a diminuir, 2015 tem bem pouca coisa sobre o *crack*, 2016 não vi nada no *Jornal Nacional* sobre o *crack*. E 2017 volta esse assunto novamente. Assim, a minha pergunta é mais genérica. Se existe, até para entender um pouco a própria lógica do jornal, tá? Eu sempre acho que, pra gente fazer uma pesquisa, a gente tem que evitar fazer críticas esvaziada, né, daquilo que você não tateou. Mas, assim, mesmo levando em consideração aquela máxima que o Bonner sempre diz, que o JN cobre aquilo que existe de mais importante no Brasil e no mundo, existe ou existiria uma lista, não uma lista formal, escrita, né, mas uma lista daqueles temas que já estão interiorizados pela

redação, pela equipe de reportagem, que são temas importantes de serem tratados? Ou de, pelo menos, temas que, de vez em quando, devem voltar à cena pública do telejornal?

César Galvão: Não. Eu não sou o editor-chefe, eu sou integrante do jornal, somos repórteres, mas isso de muito tempo para cá não existe. O jornal é feito, assim como os outros jornais, impresso, com os grandes hábitos de notícia. Você tem um fato novo [áudio péssimo, ruído no gravador e ligação afastada, impossível entender]... Esse tipo de notícia ficou mais eficiente, mais claro. O *crack*, por exemplo, é tema. Basta que o *crack* tenha um fato novo, como em maio, por exemplo, que teve aquela grande operação na cracolândia, que eles tiraram as barracas, apreenderam drogas. Depois daquela operação em maio, nós fizemos várias grandes matérias contando da imigração das pessoas, a redução da chegada da droga, o lugar onde chegava. Então, quando tem um fato, o jornal publica, né? E funciona. Não tem uma receita pronta, você tem que ser assim. Assuntos em tais pontos de saúde, assuntos de tais pontos em política, não. Tem que ter um fato novo.

Fernanda: Sim. Eu até digo para você que a pergunta parece um pouco ingênua, mas, na verdade, é pra realmente entender um pouco isso, né? O funcionamento propriamente dito. Então, assim, o jornal estaria ligado com o critério de noticiabilidade, basicamente, o de novidade mesmo, né?

César Galvão: Sim. Essa novidade chama a atenção das pessoas. "Olha, chegou algo diferente, eles fazem alguma coisa diferente".

Fernanda: Sim, um gancho, né?

César Galvão: Agora [áudio muito ruim], todo mundo sabe que ela continua lá. Agora, se ela mudou, se ela migrou [áudio muito ruim].

Fernanda: Certo. César, na nossa conversa, você disse que cobre esse assunto há bastante tempo. Pelo menos duas décadas, né? E eu queria entender, assim, você, para além das coberturas que você faz, né, até para compreender isso melhor. Você costuma ter algum tipo de leitura mais específica de pesquisas, já chegou a alguma coisa na área da saúde, da psiquiatria, da saúde mental, para além do dia a dia, do *hardnews* do telejornal? Como é que é isso para você que, na minha opinião, é um cara que tem feito uma cobertura mais frequente sobre o tema, né, pelo que eu observei no telejornal? E agora, conversando com você, você me deu essa informação de que você tem aí esse longo período já, de conhecimento sobre o tema. Eu queria entender, assim, como é que você subsidia as suas reportagens. Porque a questão

da contextualização é uma questão importante e ao mesmo tempo concorrente quando se tem pouco espaço, e algumas matérias, reportagens suas, têm mais espaço, eu vi que algumas chegam a três minutos e pouco. Aquela que você mandou do local é uma reportagem bem grande, né? Chega a sete, oito minutos. Mas, assim, eu queria entender como que você faz para compreender esse tema. Porque existem vários autores que trabalham com, tanto a Aids quanto o consumo do *crack*, agora tenho certeza que, com temas como zika vírus, microcefalia, vírus... são considerados temas complexos para o jornalismo, né? Como é que você subsidia, me fala um pouquinho sobre o seu *modus operandi* como jornalista.

César Galvão: O caso de saúde no *crack*. A gente, primeiramente, consulta o órgão público. O órgão público responsável por aquilo. No caso, a Secretaria de Saúde – municipal e estadual.

Fernanda: Certo.

César Galvão: Além de você consultar o setor público responsável por isso, algumas vezes, eu consultei psiquiatras da Universidade de Ceres, da Universidade de São Paulo, do Hospital das Clínicas, para saber a opinião deles sobre o tratamento. Porque, às vezes, diverge um pouco, né, do setor público. [Áudio ruim] da troca de trabalho. Os psiquiatras acham que tem que ter atividade, uma troca realmente. Outros acham que tem que ter o tratamento consultório. Mesmo que a pessoa não esteja consciente do que ela precisa, ela precisa ser levada para o tratamento. Então, a gente sempre consulta a parte pública, que é a parte responsável, e a parte analítica, que são os profissionais da área que não se envolvem diretamente com isso. Isso também é feito na área de segurança pública. Por exemplo, a gente recebe essa informação que a polícia vai fazer uma grande operação na cracolândia. A gente procura saber por analistas de segurança se isso realmente vai dar resultado ou não. A gente sempre faz uma avaliação com dois lados, pelo menos. Para saber... a reportagem até deve ter dito, para saber, acompanhar o que tá sendo feito pelo poder público, colocar na matéria um ponto a ponto sobre aquilo que está sendo feito, se é, no caso, o setor privado.

Fernanda: Certo. E essas decisões, César, são tomadas em grande medida por você? Você tem uma liberdade maior ou geralmente isso é muito dialogado com editores, com a produção da reportagem... como funciona essa angulação? Porque, no final, chega a ser uma angulação de qual caminho a reportagem vai seguir, né?

César Galvão: Sim, eu tenho a liberdade de levantar os fatos. Eu levanto, faço esse levantamento de informações do que está acontecendo, e aí me encontro com os editores e a gente decide: Olha, a gente precisa ouvir mais alguém além do que talvez a área pública, por exemplo. Isso é tomado em conjunto com os editores. Com o editor da matéria, editor ou editora e a editoria do jornal. Por exemplo, a gente ofereceu a pauta para o JN com sede no Rio de Janeiro. Além do que a gente oferece, eles sugerem: Olha, dá para ouvir um profissional de tal área para complementar isso. Rola instrução para a condução da matéria no conteúdo dela. Isso é compartilhado entre os editores.

Fernanda: Geralmente, na reunião de caixa, né?

César Galvão: Na reunião de caixa e durante a produção.

Fernanda: A gente tem dados aí que o próprio telejornal já divulgou, e você tem conhecimento deles também, de que o *crack* já atingiu 98% dos municípios brasileiros, conforme a Confederação Nacional de Municípios, né? Dentro dessa perspectiva de que ela está, a droga, o consumo dela já está disseminado em quase a totalidade dos municípios brasileiros, a gente poderia ter uma noção de que a mídia deveria dar um espaço maior para esse tema? Um enfoque maior, já que é epidêmico e alguns especialistas até que foram trazidos pelo JN chamam de pandemia, né? Você acha que a televisão pode contribuir de alguma maneira, seja para a informação da população, seja para um cuidado que a população deve ter, seja para um olhar atento ou mesmo para tentar retirar alguns estereótipos e estigmas, representações que já são consolidadas do usuário, da própria droga como algo incontrolável, que a gente sabe, tem a parte um controlável, mas também, quando a gente coloca como algo inegável, passa a ser uma verdade absoluta, né? Assim, olha, essa droga aí não tem mais jeito, caiu nela não volta mais, né? Que é o que algumas reportagens aí, e eu não estou falando nesse momento do JN, mas algumas reportagens que eu já vi escritas em revistas semanais, elas dizem: Não tem casa, não tem volta para esse caminho, é um caminho sem volta. Pergunto para você: como é que o telejornal ou mesmo a televisão brasileira, imbuída de todos os sentidos e suas funções, poderiam contribuir para que a gente mudasse um pouco esse cenário, César?

César Galvão: Quanto à periodicidade de notícias, a gente não tem como dizer – Olha, tem que ser uma vez por semana. A gente depende dos fatos, né? Mas eu acho que os veículos de comunicação tinham que se integrar aos governos. Aos governos estaduais, municipal, federal e fazer uma grande campanha. Eu tenho nisso uma

opinião particular de jornalista que cobre isso há muito tempo. O *crack* existe, o traficante traz o *crack* porque tem compradores, tem consumidores. E eu acho que tinha que haver uma campanha pra sensibilizar o usuário. O usuário, por exemplo, tinha que perceber que, quando ele consome, quando ele compra a droga, ele financia outros crimes. Ele financia o traficante. Ele dá poder ao traficante. Por exemplo, o traficante que traz do Paraguai uma carga de *crack*, ele precisa desse dinheiro para comprar o *crack*. Então, ele rouba. Então, ele compra arma. Ele pratica outros crimes. Então, eu acho que tinha que haver uma campanha muito grande e densa, talvez da mesma proporção que foi feita com o cigarro, aí no caso das drogas, mostrar o risco de ela tá financiando o crime. E discutir isso mais nos jornais e até fora dos jornais. Porque talvez sensibilizasse gente que até hoje não pensou nisso. "Eu tô comprando a droga com o meu dinheiro". Mas ela tá financiando. Eu acho que isso seria um bom passo para começar o combate.

Fernanda: Interessante esse ponto que você toca, porque era uma das minhas próximas perguntas. Se você acha que era necessário ter uma campanha jornalística nos moldes em que a gente tem, não sei se exatamente nos moldes, né, porque no caso são temas complexos, porém diferentes, né, do outubro rosa, do setembro amarelo, do novembro azul, né, que a mídia abraça e faz uma campanha incisiva mesmo, né? Periodizada, porém uma campanha bastante incisiva. O que falta na sua opinião, e eu entendi que é a sua opinião, o que falta na sua opinião para ter esse tipo de campanha? Qual o desafio para se estabelecer essa campanha, César?

César Galvão: Eu não acho que é uma questão jornalística. Eu acho que é uma questão governamental mesmo. O governo gasta tanto dinheiro com publicidade, tem que ter uma iniciativa pública para isso. Para se fazer essa campanha, como foi feito com o cigarro. Todas essas campanhas partiram da iniciativa pública. O governo tinha que ter esse incentivo porque, quando você coloca [áudio ruim], tanto o veículo de comunicação como [áudio ruim] podem fazer. Então, eu acho que é uma iniciativa de comunicação pública.

Fernanda: Certo. César, o meu orientador, co-orientador, professor Luiz Martins da Silva, ele escreveu um texto em 2013 falando sobre o valor agregado do jornalismo. É um texto bastante interessante em que ele diz que o jornalista faz parte, enquanto profissional, de um nicho de profissionais que tem um sobretrabalho. Que, para trazer um valor agregado para informação, né, seja ela no impresso, na televisão, no rádio... que ele teria que dedicar muito mais tempo do que ele já tradicionalmente dedica, e

claro que numa concorrência desleal, que é o fator tempo e espaço, que sempre vão ser desleais com os jornalistas. Será que é possível a gente chegar a um valor agregado, a um, de repente, ter essa carga de trabalho que ele chamou de sobretrabalho? Será que é possível a gente chegar ou isso é um tanto quanto ideal ou talvez até utópico? Nas condições que a gente trabalha hoje em redações?

César Galvão: Olha, eu acho que [áudio ruim] própria. Quando, por exemplo, eu vou fazer um trabalho na cracolândia, a matéria que eu te mandei aí faz parte desse foco de trabalho, mas [áudio ruim], a gente procura locais para gravar [áudio ruim] traficantes. Então, você tem que arrumar o local para gravar, escolher o lugar, escolher horário e demora muito mais tempo do que a carga horária efetiva do que a gente cumpre nas redações, né? Então, todo jornalista que entra para fazer um trabalho desse tipo, ele tem que saber que ele vai trabalhar mais. Ele vai ter uma carga de trabalho muito maior. Eu acho que faz parte do trabalho isso. E vai compensar no final das contas. Já passei 14 horas, 4 dias cumprindo uma jornada [áudio ruim], mas no fim vai ter uma compensação, até para um investimento pessoal, para que você consiga apurar bem o material.

Fernanda: Uhum. É, César, uma outra questão é você trabalhando com esse tema há tantos anos, você acredita que o sujeito que vai cobrir esse tema, é necessário pelo motivo de contextualização, e aí eu vou vou tentar esclarecer minha pergunta: imaginemos que nós temos aí vários recém-formados que tão saindo diariamente das universidades, né, estão formando, estão indo para o mercado de trabalho e se deparam com uma pauta por vezes factual, pode ser uma apreensão, pode ser, enfim, um cotidiano ali do jornal impresso, da televisão. É necessário que o indivíduo tenha uma contextualização maior, que ele se busque uma especialização sobre o tema, né, para além do todo dia, do arroz com feijão que é o jornalismo? E aí eu não tô reduzindo, tá? Mas, assim, além daquilo que é ouvir as fontes, você acha que é um tema de difícil compreensão para a maioria das pessoas e inclusive para os jornalistas? Como que você coloca a compreensão hoje do consumo do *crack*?

César Galvão: Vai muito pelo foco do jornalista. Alguns têm direcionamento para uma outra área. Por exemplo, quer cobrir a área esportiva, a área política. Então, com certeza, esses profissionais vão buscar uma especialização e não vão procurar se aprofundar tanto no assunto. Ele vai cobrir o que ele foi mandado lá cobrir o factual. Agora, o jornalista que quer seguir esse caminho de entender como funcionam as drogas, o tráfico, a violência, a questão de falta de tratamento, de saúde, eles têm que

pesquisar, Além de ouvir, como você falou, ele tem que saber como se movimenta o *crack*, quantas pessoas foram atingidas por ele por dia, por ano. Quais são as possibilidades de atendimento, de profissionais. Isso aí eles precisam fazer para compor uma reportagem mais profunda, né? Se o foco do jornalista for essa área, ele tem que pesquisar, se informar. Ele tem que se atualizar o tempo todo porque muda a quantidade de notas em circulação, muda o contato com o mundo, o comportamento do usuário o tempo todo.

Fernanda: Entendi. E para além das pautas, né, que tiveram os ganchos, você já chegou a sugerir alguma pauta sobre *crack* fora do circuito da novidade, do fato novo, da importância de um novo evento, por exemplo, dentro desse contexto do *crack*?

César Galvão: A gente vai buscando. É que, às vezes, não entra nos jornais de rede. Você pode fazer para os jornais locais. A gente sempre busca um recorte novo, um lado novo para mostrar a situação desse assunto, né? Por exemplo, todo mundo conhece a cracolândia do centro de São Paulo, que é a maior, a mais antiga, a mais movimentada. Mas a gente mostra em algumas reportagens, por exemplo, que existem em São Paulo no mínimo 23 cracolândias menores. Essas drogas passaram por bairros. Uma vez, eu fui fazer uma reportagem no interior, numa cidade mais tranquila, o *crack* chegou. Nós mostramos isso. Tanto as grandes cidades de São Paulo quanto no interior são dominadas pelo *crack*. Então, a gente tá procurando informações novas para mostrar que expandiu, que infelizmente expandiu.

Fernanda: Entendi. Certo, e aí, para a gente finalizar, né, eu queria perguntar para você, a partir da sua experiência em jornalismo em já cobrindo esse tema há muito tempo, se existe um caminho ou mais de um caminho que seria ideal para o jornalismo televisivo, que é a área que você atua, para abordar esses temas complexos como o consumo de drogas, né, de uma maneira mais contextualizadora, informativa, talvez até com algum fundo educativo. Você acha, você apontaria aí nortes, né, para além do que você já contou que seria a campanha a partir de uma iniciativa pública e aí com adesão da imprensa?

César Galvão: Bom, a iniciativa pública, como eu te disse [áudio muito ruim], que aquilo é ruim, o *crack* mata, que financia outros crimes. Tem um outro lado que a gente vê pouco, que é a atuação, no setor, das ONGs. Que elas precisavam aparecer um pouco mais. Se elas aparecessem, mais eu acho que teria mais resultado. Eu acho que esse caminho talvez fosse o caminho. De tentar incentivar o trabalho de ONGs sérias com o usuário de *crack*, que elas criassem fatos, por exemplo, se elas acham

que os usuários ali têm uma característica diferente, uma formação diferente, um objetivo, além de sair dali das drogas, que elas procurassem para que esse assunto virasse notícia, né?

Fernanda: Entendi. César, eu gostaria de saber como te identificar na minha tese. César Galvão, repórter, você é repórter especial, qual que é a sua...

César Galvão: Sou repórter especial da TV Globo. Trabalho lá há 18 anos.

FIM DA DEGRAVAÇÃO

AGRADECIMENTOS FINAIS DESCARTADOS A PEDIDO DA SOLICITANTE

5) Entrevista com HART, Carl

Data da entrevista: 29/11/2017

Fernanda: Olá, Sr. Hart. Eu sou Fernanda e eu quero falar um pouco sobre a mídia e o crack contigo.

Sr. Hart: Olá, Fernanda. Tudo bem.

Fernanda: Atualmente estudo no Programa de Doutorado em Comunicação da Universidade de Brasília e estudo o programa de notícias com as mais altas classificações na televisão brasileira, *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão. Especificamente, tenho o cuidado de observar como o programa de notícias agenda e se encaixa no consumo de problemas de crack. Assim, as perguntas que se seguem estão relacionadas com a leitura que fiz do seu livro "Um preço muito alto" e da pesquisa que fiz sobre a relação da imprensa, do jornalismo e a divulgação sobre o assunto. Estou feliz por ter a oportunidade de entrevistá-lo. Não sou tão bom em inglês. Então, estou aqui com um amigo para me ajudar a falar com você e dizer algumas palavras que não conheço. Seguindo os contatos que eu fiz com você via e-mail desde maio de 2017, agradeço sua vontade de nos conceder esta entrevista. Em seu livro "Um preço muito alto" você esclarece que o consumo de crack tem que ver com vários fatores, tais como: pobreza, falta de estrutura familiar, falta de oportunidades e até falta de compreensão da ciência sobre a droga, às vezes se espalhando a palavra de que o consumo de crack é uma maneira de não retornar. Após décadas de pesquisa, você considera que esse contexto de uso de crack e a forma como esse consumo é entendido por algumas instituições (o Estado e a ciência) mudou? Sim ou não? Se sim, quais são?

Sr. Hart: Quando você diz "Algumas instituições", não sei de quais instituições você está falando. Sabemos que muitos dos dados estão errados. A mídia apenas mostra a pior parte dos problemas do crack.

Fernanda: Ok. O *Jornal Nacional*, recentemente publicado pela Rede Globo de Televisão, informou que a cidade de Nova Iorque lutou contra crack quando entendeu que o uso de drogas era um problema de saúde pública e que aconteceu há 30 anos. A ação consistiu, de acordo com o relatório de notícias, na prisão de comerciantes de crack. O relatório também cita uma lei federal que determinou cinco anos de prisão para quem foi pego com 5 gramas de crack. Em dez anos, mais de 900 mil pessoas

foram presas envolvidas no tráfico de drogas, e o relatório aponta que pobres e negros foram enviados para a prisão. Vocês que conhecem esta história de perto, uma vez que você se dedicou a pesquisar o fenômeno de crack, você pode avaliar esse contexto que foi narrado pelo *Jornal Nacional*? Uma vez que você segue o cenário americano, quanto tempo levou o estado dos EUA a entender o uso de crack como um problema de saúde pública? Parece-me que, com base no relatório, o "problema de saúde pública reconhecido pelo Estado" foi resolvido por medidas de segurança pública. Estou errada?

Sr. Hart: Nós tratamos isso por 30 anos. Na década de 1960, dissemos que todos os usuários negros eram traficantes na maior parte, mesmo quando não estavam com crack. Podiam não ser traficantes. Agora, quando os usuários brancos de crack fazem isso, muitas das mídias dizem que foi por causa do sistema. A maneira como lidamos com diferentes usuários de crack foram diferentes, em parte, baseado na raça.

Fernanda: Certo. Na sua visão como neurocientista, qual é a melhor maneira de pressionar a mídia para abordar a questão do crack?

Sr. Hart: O trabalho dos meios de comunicação é fazer com que as pessoas leiam seus artigos, assistam seus programas ... Eu realmente não me importo com a mídia. Não faço o meu trabalho para a mídia. Eu tento influenciar pessoas com palestras e outras coisas. Então, você não deve se importar com a mídia. É uma perda de tempo.

Fernanda: Muitas pessoas acreditam que a mídia é excelente. Mas, na verdade, isso não é verdade. Você vê algum meio para a mídia que ele é mais responsável?

Sr. Hart: Eu não acho que sou a melhor pessoa para fazer essa pergunta, porque eu não tenho respeito pela mídia (hahaha). E não é o que eu faço. Eu sou um escritor sobre ciência, não sobre a mídia.

Fernanda: Em seu livro "Um preço muito alto", você demonstra que a mídia contribui para a construção de estereótipos e, nesse sentido, não contribui para o avanço da compreensão do sujeito sobre o assunto. Que formas de cobertura da mídia devem ser evitadas? Por quê?

Sr. Hart: Seja o jornal, seja a notícia, sejam documentários... Realmente não importa quais mídias; a maioria é ignorante. Eles escrevem sua própria visão, ou tentam denunciar o que querem. A mídia é uma grande corporação, é muito grande e, portanto, falar sobre a mídia como apenas uma coisa, não é a melhor maneira de pensar nisso.

Fernanda: Como você avalia o papel dos programas de notícias, que é objeto de estudo nesta tese, na abordagem do consumo de crack?

Sr. Hart: A mídia não é importante para se concentrar. São, quase que na sempre, incorretas. Eu uso o meu tempo para as minhas próprias coisas.

Fernanda: Sabemos que você não trabalha com a mídia, por isso estamos insistindo. Estou falando sobre isso porque está no seu livro. Mais de 30 anos após a aparição da droga nos Estados Unidos, como a comunidade científica na área da saúde vê a questão do uso de crack? E a imprensa fez progressos na melhoria da qualidade da cobertura da questão?

Sr. Hart: Assim como qualquer outra droga. Assim como a maconha. Eles são apenas pessoas que precisam de ajuda. Essas pessoas precisavam de ajuda. Nós tentamos dar-lhes a ajuda que eles precisavam.

Fernanda: A mídia fez algum progresso?

Sr. Hart: Sim. Nos EUA, após 30 anos, a mídia fez um leve progresso. Eles melhoraram, relatando os efeitos mais realistas das drogas e não exagerando sobre isso. De volta aos anos 60, eles relataram muitas informações erradas sobre a droga. Hoje em dia, eles melhoraram.

Fernanda: Aqui no Brasil, muitos estereótipos sobre drogas estão sendo propagados, e a ciência diz que não tem como se relacionar com as drogas. Então, por isso, estudar a mídia é tão importante aqui. A mídia diz algo sobre os estereótipos e a ciência diz outra coisa.

Sr. Hart: Quando penso na mídia brasileira cobrindo o crack ... Hmm ... Geralmente, nos meios de comunicação, são pessoas brancas falando sobre negros. A maioria das pessoas na mídia é branca e as pessoas sobre quem estão escrevendo não são brancas. Essa é a questão.

Fernanda: Que forma os EUA encontraram para resolver o problema do crack?

Sr. Hart: Não é um problema. Por exemplo, nos EUA, existem grandes problemas, como o desemprego. Esse é o verdadeiro problema. E no Brasil você está enquadrando que (o crack) é um problema. Os usuários de crack no Brasil não são o problema. O problema é que as pessoas não têm empregos. As pessoas estão desempregadas. As pessoas estão nas gangues de drogas porque não têm empregos.

Fernanda: Algumas pesquisas aqui dizem que o problema não é a droga, especificamente, mas os problemas são todas as formas que culminam com a droga.

Por exemplo: a família, a escola que não terminou, a faculdade que eles não entraram ... Muitas maneiras que eles acham que culminam com as drogas. Mas a mídia persiste que não é isso. Diz que o problema é apenas a droga. E estou preocupada com isso.

Sr. Hart: Eu concordo com você.

Fernanda: A mídia apenas analisa as últimas notícias que não analisam o problema como um todo. E o espectador não entende os problemas como deveria. Você disse que a mídia no Brasil é quase toda gente branca trabalhando nisso. Você acha que se os negros estivessem trabalhando nas principais notícias da mídia aqui, poderia ser diferente?

Sr. Hart: Eu acho que melhoraria a maneira como eles relatam sobre pessoas negras.

Fernanda: Você sabe qual foi o fator que fez a mídia melhorar a experiência de lidar com crack?

Sr. Hart: Hora. O tempo foi o principal fator. Já acontece há tempo nos EUA, algo cerca de 30 anos.

Fernanda: A hospitalização, na sua opinião, poderia ser uma maneira melhor de conviver com a droga?

Sr. Hart: Sim! Claro.

Fernanda: O emprego e horário escolar podem ser bons para os usuários de crack lidarem com as drogas? Devem ser junto com a hospitalização?

Sr. Hart: Você já usou alguma droga?

Fernanda: Não, nunca.

Sr. Hart: Você já usou álcool?

Fernanda: Sim, já.

Sr. Hart: Então, o que ajuda as pessoas a evitarem beber não é medicação, mas o trabalho, escola, etc.

Fernanda: Ok. Fico lisonjeada em falar com você, e peço desculpas pelo meu inglês! Muito obrigado pela atenção.

Fernanda: Hey Mr. Hart. I'm Fernanda and I wanna talk about the media and crack with you.

Mr. Hart: Hey, Fernanda. That's ok.

Fernanda: I am currently studying in the Doctorate Program in Communication at the University of Brasília and I study the news program with the highest ratings on Brazilian

television, *Jornal Nacional*, from “Rede Globo de Televisão”. Specifically, I am careful to observe how the news program schedules and fits the consumption of crack issue. So the questions that follow are related to the reading I made of your book “A Very High Price” and the research I have done on the relation of the press, from journalism to the dissemination on the subject. I’m glad to have the opportunity to interview you. I’m not so good at English. So, I’m here with a friend to help me how to talk to you and say some words that I don’t know. Following up on the contacts I’ve been doing with you via email since May 2017, I appreciate your willingness to grant us this interview. In your book “A very high price” you clarify that the consumption of crack has to do with numerous factors, such as: poverty, lack of family structure, lack of opportunities and even lack of understanding of the science about the drug, sometimes spreading the word that the consumption of crack is a no-return way. After decades of research, do you consider that this context of crack use and the way in which this consumption is understood by some institutions (the State and science) has changed? Yes or no? If so, which ones?

Mr. Hart: When you say “Some institutions” I don’t know what institutions you’re talking about. We know that much of the data is wrong. The media just show the worst part of crack issues.

Fernanda: Okay. *Jornal Nacional*, recently published by Rede Globo de Televisão, reported that the city of New Iorque had fought crack when it understood that drug use was a public health problem and that it happened 30 years ago. The action consisted, according to the news report, in the prison of crack dealers. The report also cites a federal law that determined five years in prison for anyone caught with 5 grams of crack. In ten years, more than 900,000 people were arrested involved in drug trafficking, and the report points out that poor and black people were sent to prison. You who know this history closely, once you have dedicated to research the phenomenon of crack, can you evaluate this context that was narrated by *Jornal Nacional*? Once you follow the American scenario, how long did it take the US state to understand the use of crack as a public health problem? It seems to me that, based on the report, that the “public health problem recognized by the State” was solved by public security measures. Am I wrong?

Mr. Hart: We treated it for 30 years. In the 1960’s we said that all the black users were traffickers in the most part, even when they were not with crack. They couldn’t be traffickers. Now, when white crack users do that, many of the media say it was because

of the system. The way that we deal with different crack users were different, in part, bases on the race.

Fernanda: Right. In your vision as a neuroscientist, what is the best way for the press the media to address the issue of crack?

Mr. Hart: The job of the media is to get people to read their papers, watch their programs... I don't really care for the media. I do not do my work for the media. I try to influence people with lectures and other things. So, u don't care about the media. It's a waste of time.

Fernanda: Many people here believe that the media is excellent. But, actually, it's not true. Do you see any way to the media he more responsible?

Mr. Hart: I don't think I'm the best person to ask this question, because I don't have respect for the media (hahaha). And that's not what I do. I'm a writer about science, not about the media.

Fernanda: In your book "A very high price" you demonstrate that the media contribute to the construction of stereotypes and, in this sense, do not contribute to the advancement of people's understanding of the subject. What forms of media coverage should be avoided? Why?

Mr. Hart: Whether is the newspaper, whether is the news, whether is documentaries... It doesn't really matter which media; most are ignorant. They write their own vision, or try to report what they want to. The media is a big corporation, it's too big and, so, to talk about the media as only one thing it's not the best way to think of this.

Fernanda: How do you evaluate the role of news programs, which is the object of study in this thesis, in the approach to crack consumption?

Mr. Hart: The media is not the important thing to focus in. They are, almost of the time, incorrect. I use my time to my own stuff.

Fernanda: We know that you don't work with media, because of that we're insisting. I'm talking about it because it's in your book. More than 30 years after the appearance of the drug in the United States, how does the scientific community in the health area view the issue of crack use? And has the press made progress in improving the quality of coverage of the issue?

Mr. Hart: Just like any other drug. Just like marijuana. They're just people who need help. Those people needed help. We tried to give them the help that they needed.

Fernanda: Has the media made any progress?

Mr. Hart: Yes. In the USA, after 39 years, the media has made some progress. They have gone better, reporting the most realistic affects of the drugs, and not exaggerating about it. Back to 60's, they reported a lot of wrong informations about the drug. Nowadays, they have gone better.

Fernanda: Here in Brazil, many steryotypes about drug are being propagated, and the science says that it has no way to be linked to the drugs. So, because of that, studying the media is so important here. The media says something about the steryotypes and the science says another thing, that there's no steryotypes to the drug.

Mr. Hart: When I think of the Brazilian media covering the crack... Uh... Barely the media are white people talking about black people. The most of the people in the media are white, and the people they're writing about are not white. This is the point.

Fernanda: What way did USA find to solve the problem about the crack?

Mr. Hart: It's not a problem. For example, in the USA, there are big problems, so big like unemployment. It's the really problem. And in Brazil you're framing that it's a problem. Crack users in Brazil is not the problem. The problem is that people don't have jobs. People are unemployed. People are in the drug gangs because they don't have jobs.

Fernanda: Some researches here say the problem is not the drug, specifically, but the problems are all the ways that culminate in the drug. For example: the family, the school that didn't finished, the college that they didn't enter... Many ways that they find that culminate in the drugs. But the media persists that it isn't that. Say the problem is just the drug. And I'm worried about that.

Mr. Hart: I agree with you.

Fernanda: The media just analysis the breaking news it doesn't analysis the problem as a whole. And the viewer doesn't understand the problems as they should to. You said that media in Brazil is almost all white people working on that. Do you think that if black people were working in the principal media news here, could it be different?

Mr. Hart: I think it would improve the way that they report on black people.

Fernanda: Do you know what was the factor that made the media improve the experience of dealing with crack?

Mr. Hart: Time. Time was the major factor. It was a big time. It's been a long time in the USA. Something around 30 years.

Fernanda: The hospitalization, in your opinion, could be a better way to live with the drug?

Mr. Hart: Yes! Of course.

Fernanda: Could job and school schedule be good for crack users to deal with the drugs? Should it be together with the hospitalization?

Mr. Hart: Have you ever used a drug?

Fernanda: Yes, I have.

Mr. Hart: Have you ever used alcohol?

Fernanda: Yes, I have.

Mr. Hart: So, the thing that helps people avoiding drinking isn't medication, but it's job, school, etc.

Fernanda: Ok. I'm glad to talk to you, and I'm so sorry about my English! Thank you!

6) Entrevista com MADEIRA, Ismar

Data da entrevista: 30/10/2017

Fernanda: Você fez uma reportagem em 2012, em que você mostrava o avanço do *crack* no interior do país. Especificamente, na época, você falava do Vale do Jequitinhonha, e eu queria saber como foi o processo de produção dessa reportagem, Ismar, até que ela fosse ao ar? Sei que é um pouco difícil lembrar, mas, assim, em regra, qual foi a orientação que você fez e as decisões que você tomou para que essa reportagem fosse ao ar?

Ismar Madeira: Olha, eu realmente não me lembro muito bem, já fiz várias reportagens sobre o *crack* e me lembro de alguns pontos dessa reportagem. Você tá falando de uma reportagem do JN, não é isso?

Fernanda: Exato. Foi uma reportagem para o JN em que você [interrompida pelo entrevistado].

Ismar Madeira: Essa reportagem para o JN foi resultado de uma viagem que eu fiz para uma série de reportagens para o jornal da rede local, que tinha como proposta fazer uma reportagem para o JN. A gente se baseou em dados estatísticos a respeito do *crack*. Eu não me lembro mais a fundo desses dados, se eram nacionais ou regionais...

Fernanda: Era da Confederação Nacional dos Municípios.

Ismar Madeira: Então, eu não me lembro direito qual era a fonte, mas você disse essa, e a partir dessa fonte a gente avaliou os dados da pesquisa e foi aos locais apontados pela pesquisa como locais onde havia um impacto muito grande dessa interiorização do *crack*. E fomos às cidades e nessas cidades a gente tinha algumas fontes que nós buscamos, que eram fontes locais, de atendimento às pessoas que buscavam algum tipo de apoio, ou famílias, e a partir delas, nós, dessas fontes, nós, nos locais, procuramos conversar com algumas pessoas que viviam esse problema. E, é claro, que ao contactar essas pessoas, essas pessoas é que aceitavam ou não participar da reportagem, que, no caso da televisão, são os personagens, aqueles que vivem a história e é a história de quem a gente acaba contando. Então foi assim, o nosso objetivo era verificar se aqueles dados apresentados na pesquisa eram possíveis de serem encontrados *in locu* e, encontrando, buscamos humanizar esses números. Ou seja, quem são as pessoas, como elas vivem, quais são os problemas

que elas enfrentam, a partir da conversa com essas pessoas e da aceitação ou não de que elas nos dessem entrevista. Algumas pessoas não aceitaram dar entrevista, e é claro que a gente respeita isso e não usamos. As pessoas que entraram na reportagem, tanto na reportagem regional quanto para a reportagem do JN, foram pessoas que aceitaram participar dessa reportagem, né?

Fernanda: Certo. Então, Ismar, isso foi uma série de reportagens para o local, não é isso? Para o MGTV?

Ismar Madeira: É. Na verdade, a gente tinha como meta fazer a reportagem para o JN. Era o nosso objetivo principal. Então, como iríamos fazer a reportagem para o JN, percorreríamos vários lugares, a gente sabia que teria um material muito maior do que caberia no JN. Então, decidimos fazer uma série, se não me engano, de três reportagens, mas essa decisão só foi tomada depois, porque, quando a gente chegou a Belo Horizonte, verificamos que tinha material suficiente para três reportagens locais, além da reportagem do JN.

Fernanda: Certo. Então, assim, só pra ver se eu compreendi. Vocês tentaram fazer para o JN, mas aí perceberam que tinha para o jornal local.

Ismar Madeira: Não. A gente já saiu sabendo que haveria. Nós tínhamos como meta fazer uma reportagem para o JN e uma série de reportagens para o jornal local.

Fernanda: Ah, sim. Entendi. Então, o gancho jornalístico exatamente para essa reportagem em 2012 foi a pesquisa pela CNM, né? A Confederação Nacional de Municípios, que eu verifiquei aqui.

Ismar Madeira: É, você que tá me dizendo, porque eu, na verdade, não me lembro mais. Eu sei que o ponto de partida foi uma pesquisa e que nós ouvimos as pessoas a respeito desses dados. Então, o que nos baseou foi isso. Porque a gente não pretendia fazer uma afirmação a respeito. Na verdade, nos chamou a atenção os dados sobre a interiorização do uso do *crack*. Então, esses dados partiram de uma pesquisa respeitada e aí a gente foi verificar *in locu* como isso tava acontecendo na vida das pessoas e como isso tava afetando essas comunidades, né?

Fernanda: Certo. Quando você recebeu esse indicativo de pauta, a partir dessa pesquisa, como é que essa pauta encarava? Ou você, como repórter, encarava o problema do *crack* na localidade? Eu quero dizer no sentido de: era a compreensão de um problema de saúde, um problema de polícia, os dois? O que você, na época, se lembra dessa situação de pauta?

Ismar Madeira: Na verdade, a gente viu como o principal problema o problema social. Porque é o que engloba tudo isso que você tá falando. Tanto saúde quanto polícia. Em alguns municípios, a gente verificou que as prefeituras, embora tivessem algumas iniciativas, elas não eram suficientes para atender aquela demanda que havia no local. Tanto é que eram necessárias atividades de voluntários que pudessem atender essas pessoas. Não havia clínicas ou instituições com capacidade de atender às demandas dos locais. Isso é um problema de saúde pública, mas é também um problema de polícia, porque havia crimes, houve casos de morte, roubo por causa do uso do *crack*. Tudo isso foi abordado diante do que a gente encontrou. A gente não foi com a meta de mostrar isso ou aquilo, a gente foi pra buscar entender o que estava acontecendo. E, como reportagem, a gente reportou aquilo que encontrou.

Fernanda: Entendi. Nos últimos cinco anos, eu tenho acompanhado, até pelo Google Play [acho que você queria dizer Globo Play], as reportagens do JN. E ele tem pautado muitos assuntos relativos ao Brasil em si, né? A corrupção, a política, Brasília está no foco do telejornal. Você conseguiria, como um repórter que muitas vezes entra no JN, me dizer quais os temas que são de maior relevância para o telejornal? Eu sei que existe a máxima, que o próprio Bonner diz, que é o que de mais importante acontece no Brasil e no mundo. Mas existe uma lista de temas que seriam relevantes de serem checados de tempos em tempos, ou o que vira notícia é o que tá quente e, portanto, vai para a agenda do dia, Ismar?

Ismar Madeira: Eu não tenho conhecimento dessa lista que você fala, não. O JN é um jornal factual. Como factual são os fatos que vão ser levados a público. Então, é o que aconteceu. O que acontecer é o que vai entrar no jornal. Não falo só o JN, mas nos principais jornais brasileiros, telejornais brasileiros, acontece assim.

Fernanda: Tá. Quando eu digo lista de temas eu digo não algo predefinido, me entenda, mas no sentido de: olha, o assunto do *crack*, por exemplo, é um assunto que a gente tem que voltar de tempos em tempos. Existe alguma diretriz nesse sentido ou não?

Ismar Madeira: Pra mim, não.

Fernanda: Certo. E quando você foi para essa reportagem, como foi a orientação, a conversa prévia sobre a reportagem? Teve alguma orientação com os diretores sobre *crack*, preparação de cobertura?

Ismar Madeira: Como é? Não entendi, está difícil a ligação.

Fernanda: Tá, desculpa, vou repetir. Quando você foi designado para essa reportagem, houve algum tipo de conversa prévia sobre *crack*, sobre algum entendimento sobre a cobertura em si, entre editores e repórter, né, como preparação para essa cobertura realizada? Quero que, assim, você entenda que eu conheço um pouco do processo produtivo, mas algumas perguntas parecem ser muito elementares, mas são importantes para mim, tá? Então, houve algum tipo de orientação quanto a você ficar atento a algum aspecto ou outro do problema que vocês iam mostrar, ou como se dá essa conversa no caso dessa pauta especificamente? Como que se dá esse tipo de orientação e diálogo entre editores e repórter?

Ismar Madeira: Olha, eu não me lembro mais, né? Faz muito tempo. Eu não me lembro como é que a gente conversou, não me lembro de quem é que editou esse material. Na verdade, a gente sempre tem uma conversa antes de qualquer reportagem. Pode ser a mais legal até uma reportagem pesada. A gente sempre vai conversar com a chefia de reportagem, com o editor. Existem vários fatores que podem influenciar nessa reportagem, como por exemplo o tempo que a gente tem pra fazer, o tempo que precisa colocar no ar essa reportagem. Isso influencia muito. No caso dessa, por exemplo, tinha uma viagem e a gente tinha que procurar os personagens lá. Com certeza, a gente conversou sobre como dividir esse tempo, o que seria possível fazer. Eu não me lembro quanto tempo a gente viajou para fazer essa reportagem, mas é como a gente iria dividir esse tempo, quais as cidades segundo a pesquisa tinham maior destaque, então, certamente, a gente se dedicou mais a lugares onde a pesquisa apontava como mais destacados no problema. Fosse ele de saúde, de política, ou de qualquer outra ordem, que eu não me lembro muito bem da reportagem. As discussões ou debates, as conversas, normalmente gira em torno disso. E era uma tentativa de humanizar uma pesquisa. A gente estava em busca de pessoas. Pessoas que quisessem conversar com a gente, pessoas que achassem importante mostrar o problema, porque essas pessoas ficam em cidades de interior que muitas vezes não têm as mesmas estruturas que uma capital tem para dar esse atendimento. E elas estavam muito preocupadas com esse avanço do uso do *crack*. Não só as pessoas que viam o problema, mas também aquelas que viviam o problema em suas famílias e iam falar. Elas achavam importante que isso fosse mostrado. Então, a gente não sabia exatamente o que ia encontrar. A conversa inicial, muito provavelmente, deve ter sido em torno disso: vamos fazer uma reportagem

humanizada. Vamos ver o que números trazem, como são essas pessoas, como elas vivem e quais são os problemas que elas levantam em relação a esse tema.

Fernanda: Entendi. Ismar, nessa minha pesquisa, eu tenho visto que, por exemplo, em 2013, o JN, com a Beth Lucchesi e outros repórteres fizeram uma série de reportagens sobre o *crack*, né? Foi uma semana de reportagens no JN. Existem pesquisadores que dialogam a temática da saúde do jornalismo e dizem que, por vezes, no lado da saúde, não entende a lógica do jornalismo e o jornalismo às vezes não retrata bem a questão da saúde, né? São diálogos entre autores. Na sua visão, você acha que o tema do *crack*, até mesmo pela necessidade de você ter ido a essas localidades, conhecer e reconhecer esse problema, é um tema de difícil compreensão para os jornalistas? É uma arena que de repente deve ser investigada, né? A gente tem aí o Mozair Brucchi [desculpa, não sei se a escrita é assim] que é da PUC, que também pesquisa esse assunto, publicou um livro sobre isso. Você acha que é um tema ainda desconhecido, digamos assim? Você sentiu algum tipo de dificuldade ou percebeu dificuldades até por parte da produção em relação ao tema?

Ismar Madeira: Olha, sempre terá uma dificuldade quando se transita em áreas muito polêmicas, né? E não é só na área da saúde. Se você for conversar sobre a área de direito, da medicina, da filosofia, seja que área for, a gente terá pessoas fechadas em seus ambientes de trabalho. Elas estão mais preocupadas em falar com seus pares do que falar com o público em geral. É difícil que pessoas que estejam em alguma área de atuação consigam sair e perceber o jornalismo como o jornalismo é. Porque o médico está preocupado em dar o diagnóstico, então é uma informação que, como médico, ele está preocupado com o que o outro médico vai achar e do que ele falou a respeito de alguma coisa na imprensa. Muitas vezes, estão menos preocupados com a pessoa que vai receber essa informação do que com o que os outros vão achar que do que ele tá dizendo. Então, há uma dificuldade de essas pessoas tornarem essa linguagem acessível. Já o jornalismo, por outro lado, busca o tempo todo... [gravação interrompida] [volta da gravação] usar uma linguagem popular, uma linguagem que o povo fala. E não a linguagem que o especialista fala. A linguagem que o especialista fala vale para outros especialistas. Nós, jornalistas, buscamos uma linguagem e uma abordagem que as pessoas falam. Assim, a gente pode se tornar mais acessível para todo mundo, e a intenção é sempre, obviamente, fazer isso da melhor forma possível. Com coesão, com uma intenção de levar a informação de maneira que a pessoa possa entender. Então, quando você fala que é difícil pro jornalista entender, é difícil

para o jornalista entender todas as áreas. Porque o jornalista não é advogado, não é médico, não é político, não é um promotor do Ministério Público. Mas ele tem que tratar de todas essas informações e levar a público. Só que o jornalista não tem que ser promotor, o jornalista não tem que ser médico, o jornalista não tem que ser policial. O jornalista tem que ser um comunicador. Então, ele vai buscar uma maneira de expressar e reportar aquilo que ele encontrou. Então, a dificuldade é, muitas vezes, eu acho, de certos nichos de conhecimento. Especialmente de conhecimento considerado muito elevado, em entender como o jornalista trata as informações. Porque jornalista vai buscar transformar aquilo no que é muito especializado em algo simples para o público geral, para as pessoas de qualquer região do país. Então, quando a gente fala com pessoas do Brasil inteiro em um jornal como o JN, tem que falar com todas as classes sociais. Tem que falar com a pessoa do Norte do país, do Sul do país, do Sudeste, com diferentes níveis de instrução, com diferentes informações culturais. Então é complicado. É difícil ser tão abrangente assim. É claro que um tema como o *crack* é um tema muito difícil. Ele sempre vai ser muito polêmico também, não só com os jornalistas, mas entre os próprios profissionais, muitas vezes, da mesma área, que têm noções completamente diferentes e que acham que o outro está errado. Médicos também têm visões completamente diferentes, psiquiatras, policiais... têm noções completamente diferentes. Então, o que o jornalista colocar no ar sempre vai ser algo de muita crítica, né? O importante é buscar fontes respeitáveis.

Fernanda: Certo. E aí, assim, o JN e as pesquisas na qual o jornal se baseia, as reportagens sempre indicam um avanço significativo do consumo do *crack* no Brasil. Pelo menos nos últimos cinco anos, isso tem sido muito perceptível pelas reportagens. Considerando esse avanço, você acha, na sua visão como repórter, como jornalista, que o *crack* deve ser um tema que mereça, o consumo do *crack*, especificamente, deve ser um tema que mereça ser, permanentemente, objeto de uma campanha jornalística, digamos assim? Entendendo campanha como sendo uma cobertura mais dedicada do jornalismo, diferente de qualquer acontecimento midiático factual, ou ele deve ser de fato uma campanha para que entre na pauta sempre que possível?

Ismar Madeira: É como eu te falei. Eu não tenho uma opinião formada nesse tema. Como eu te disse, eu acho que a [não consegui entender, a gravação começa a ficar ruim] quando você fala de campanha, não sei se cabe ao jornalismo ficar fazendo campanha de combate ao *crack*. Cabe ao jornalista dar voz e espaço a quem faz as campanhas, no caso, pessoas que fazem um trabalho bacana. Esse trabalho que vai

ser mostrado é que tem muita gente nervosa que precisa de ter a situação em que vive... a gente viajou para o interior porque essas pessoas ficam invisíveis, porque estão lá numa cidade pequena do interior. E aquilo o governador não vê, o presidente da República não vê, não veem o que está acontecendo em uma cidade pequena. Então, se isso tá acontecendo, o jornalista tem conhecimento, eu acho que tem que dar voz, tem que ir até lá, tem que mostrar o que está acontecendo. Agora, campanha, não vejo isso como papel do jornalista ficar fazendo campanhas. Eu acho que o jornalista tem que fazer coberturas. Coberturas relevantes do que está acontecendo. Acontece coisa a todo momento, em todo lugar. Aí cada vez mais a gente vê nichos de jornalistas se formando. Existem hoje revistas especializadas em aniversários de crianças, revistas especializadas em viagens de um determinado tipo. Então, também na televisão, a gente vai vendo na tv paga que tem nichos especializados, alguns canais que se especializam em algumas coberturas, mas não é exatamente campanha. É pra quem você tá falando, com quem você está falando, e a quem interessa aquele assunto. Mas é claro que se houver alguma campanha e ela for relevante, o jornalismo tem que dar voz a isso.

Fernanda: E aí, para finalizar a nossa conversa, algumas outras perguntas que eu faria você já respondeu ao longo do nosso bate-papo. Considerando a experiência que você tem em jornalismo, Ismar, você acha que existe um caminho ideal para a abordagem de temas complexos como o consumo de drogas, e tantos outros temas complexos que vocês pegam para cobrir? Você acha que existe algum caminho ideal? Não sei se uma receita, não é uma ideia de receita de bolo, mas uma abordagem que contemple adequadamente essas temáticas?

Ismar Madeira: Isso é muito difícil porque o jornalismo não tem uma fórmula pronta e ele está muito sujeito ao factual, ao fato do dia. Você pode planejar, fazer uma reportagem grande para um telejornal, por exemplo, como o domingo lá da Record, ou o Fantástico, que tem reportagens grandes, e naquele dia acontecer algo que faz com que a tua cobertura de um fato seja diminuída em função de outro. Mas eu acho que um dos caminhos para esses temas que exigem um debate maior são os canais jornalísticos. No caso, por exemplo, como a gente tem a GloboNews aqui no Brasil, a CNN que é internacional, ou a BBC, que são canais que debatem o jornalismo e não apenas o jornalismo factual, e que podem apresentar uma reportagem, logo depois levar um especialista para ser consultado a respeito do assunto e debatê-lo, falar mais daquela questão num debate, por exemplo, né? Eu acho que essa é uma maneira

mais completa de você tratar um assunto. Alguns telejornais locais já fazem isso. Os próprios telejornais locais da Globo já tentam colocar reportagens e depois entrevistas com especialistas a respeito daquele assunto. É um jornalismo mais comunitário, tratando de questões mais próximas ali da vida das pessoas no dia a dia. Agora, por exemplo, a gente tá no Novembro Azul, se não me engano, falando sobre o câncer de próstata. Só que aqui é uma campanha dos médicos, que você vê que a imprensa como um todo aborda isso e dá voz a essa campanha, que é muito importante, tem dados importantes. O repórter, o jornalista vai reportar isso. E aí várias reportagens feitas por telejornais factuais como o JN, *Jornal da Record*, *da Band*, o que vai ser feito? Vai ser feita a reportagem de um minuto e meio, dois minutos, que vai tratar do assunto e informar o expectador, porque é o que espera o expectador daquele telejornal. É para isso, ele já sabe qual é o formato do jornal. Mas a GloboNews, por exemplo, pode, além da reportagem, levar especialistas, debater o assunto que ela tem um programa de debates sobre o assunto. Os telejornais locais como os [não consegui entender os nomes] eles provavelmente levam para debaterem esse assunto. Não tem uma fórmula, né? Isso vai depender de cada telejornal, no caso da TV, ou cada jornal, também considerando o público, o que o seu público espera daquele produto jornalístico. O público já sabe o que vai encontrar. Por exemplo, se você colocar uma entrevista muito longa no JN, o público não está acostumado. O público está acostumado com notícias rápidas, ele quer saber o que aconteceu e pronto. Mas, no *Bom Dia Brasil*, cabe, de repente. Ou no *Bom Dia Praça*, no Praça TV, que é o jornal local, e, principalmente, num canal como a GloboNews. Os programas de rádio têm feito isso com muita frequência quando tem um tema relevante. Eu acho que o ideal seria isso, que a gente tivesse a reportagem, mas, além da reportagem, um debate a fundo do assunto, levando especialistas. Mas não é em qualquer produto jornalístico que isso cabe.

Fernanda: Certo. A partir da sua resposta, me surgiu uma dúvida aqui, mas eu prometo ser breve. A gente pensa nesses aspectos dessas outras possibilidades, esses outros canais, mas aí me veio a dúvida em relação ao acesso, sabe, Ismar? Será que esse acesso a esses canais seria um amplo acesso, como é o JN, né, que tem uma audiência ainda bastante alta, considerando os outros telejornais, me bateu essa angústia aqui.

Ismar Madeira: Mas o acesso é exatamente isso que eu tô te falando. Os jornais locais fazem isso. O *Bom dia Minas*, o *Bom Dia DF*, eles têm espaço para entrevistas.

Ele tá bem próximo desse público local. Por que o JN fala com um público muito abrangente, é difícil você ser tão específico. O difícil é falar com uma pessoa que mora lá no Pará e mora no Rio Grande do Sul. Alguém que tá no interior do país e alguém que tá numa metrópole como São Paulo. Então, você fazer algum debate sobre o assunto específico como esse é muito complicado. Quem trabalha com comunicação sabe. É muito difícil. Você vai ter muita dificuldade nessa conversa. Já os traços nos jornais locais é muito mais próximo. Você tem a linguagem daquelas pessoas, o apresentador tem o sotaque daquelas pessoas, o médico que vai falar ali ou o especialista, ele conhece aquela região, ele sabe o que está acontecendo naquela região específica. Ele sabe como se comunicar com aquelas pessoas, o que realmente interessa àquelas pessoas ali no Pará, que pode ser diferente das pessoas no Rio Grande do Sul.

Fernanda: Entendi.

Ismar Madeira: E isso acontece nesses canais. Na TV Globo, por exemplo – não estou falando em nome da TV Globo, não me cabe isso –, mas, como jornalista, eu verifico isso claramente. A TV Globo com seus jornais locais tem uma preocupação em dar um escopo de reportagem muito grande e sempre levando entrevistados. O *Bom Dia Minas*, que é o praça local aqui, mas tem o *Bom Dia Rio*, leva especialistas e vão, certamente, ao longo desse tempo, levar vários especialistas falando sobre câncer de próstata, assim como no mês de outubro levaram várias informações sobre o câncer de mama, com especialistas, com médicos e outros profissionais. Então, esses telejornais conversam direto com aquele público especificamente, não o JN.

Fernanda: Tá certo, Ismar. Como eu posso me referenciar a você em relação à Rede Globo? Você é um repórter de rede, editor, como é que eu posso dizer...

Ismar Madeira: Eu sou repórter especial da TV Globo.

Fernanda: Repórter especial da TV Globo, né?

FIM DA DEGRAVAÇÃO

AGRADECIMENTOS FINAIS DESCARTADOS A PEDIDO DA SOLICITANTE

7) Entrevista com MENEZES, César

Entrevista por email. Realizada em 13/11/2017

Boa tarde, César Menezes.

Conforme combinamos, segue um pequeno "abre" da entrevista e também as perguntas referentes ao meu tema de pesquisa. Coloquei os links das reportagens, caso você queira acessá-las de modo mais rápido. De acordo com o que combinamos, a entrevista não será veiculada em nenhum site ou órgão de imprensa e terá como única finalidade subsidiar a pesquisa de doutorado que estou fazendo.

Agradeço desde já seu pronto retorno e aguardo você.

Sou pesquisadora da Universidade de Brasília e minha tese de doutorado na Faculdade de Comunicação tem por objetivo estudar a cobertura jornalística, em especial da televisão, do consumo do crack e suas implicações. No recorte que fiz, há duas reportagens suas que foram para o JN: em 2012 e em 2013:
<https://globoplay.globo.com/v/1839609/>
<https://globoplay.globo.com/v/2363656/programa/>

As perguntas que quero fazer dizem respeito ao processo de produção dessas reportagens e seguem abaixo:

1) Você poderia descrever como foi o processo de produção, desde a pauta, até que essas reportagens fossem ao ar? Você pode falar individualmente de cada uma.

As duas tiveram o mesmo caminho de produção. Partiram de factuais - uma ação policial numa e a decisão da internação compulsória noutra – pra oferecer o tema naqueles dois dias. A partir daí, levantamos informações atualizadas, fomos à cracolândia e produzimos imagens e entrevistas no dia.

2) Que ganchos jornalísticos justificaram a reportagem sobre o consumo do crack nas duas reportagens? Uma delas traz dados de uma pesquisa realizada em 2010. As

informações da pesquisa podem ser consideradas um elemento de contextualização, na sua opinião?

Como disse acima, os ganchos foram factuais, acontecidos nos dias de cada reportagem. A pesquisa de 2010 foi usada por tem os dados mais atualizados disponíveis. Apesar de datar de dois ou três anos antes, eram as informações mais recentes. Temos uma grande carência de pesquisas confiáveis e dados oficiais atualizados no Brasil.

3) Você considera que as pautas foram factuais? Ou foram produzidas com um objetivo de contextualização do fato a ser noticiado?

Foram factuais, mas com o cuidado de ir além do fato. Desde a manhã daqueles dias, o assunto vinha sendo tratado por vários telejornais da Globo e por vários outros veículos. Para publicá-los às 20:30 da noite, tivemos tempo de ir além com dados e análises de especialistas.

4) Sabemos que nos últimos 5 anos o JN tem pautado muitos assuntos relativos à corrupção, à política e Brasília, mas não apenas Brasília, tem sido o foco do telejornal. Você conseguiria me dizer quais os temas de maior importância para o telejornal? Mesmo levando em consideração a máxima que Bonner tem quando diz que o JN cobre o que está acontecendo de mais importante no Brasil e no mundo, você saberia dizer, como repórter, se existe uma lista de temas que são considerados mais relevantes que outros. Fatos que, pela importância, devem ser checados de tempos em tempos? Ou o que vira notícia para o JN é o que é quente/factual?

O Bonner é editor chefe do JN e essa máxima reflete o critério que você pergunta. Os assuntos levados ao ar são de interesse público. Por isso, são publicados, também, por todos os veículos.

5) Houve alguma conversa prévia sobre crack, as peculiaridades da droga ou do consumo dela entre editores e repórteres, da realidade brasileira, como preparação para a cobertura realizada tanto em 2012 como em 2013? Alguma orientação quanto a ficar atento a algum aspecto dos fatos a serem mostrados?

NÃO HÁ PRÉ-ENCAMINHAMENTO DAS PAUTAS. OS FATOS, AS APURAÇÕES, AS INFORMAÇÕES OFICIAIS, OS FATOS VISTOS NA RUA PELO

REPÓRTER E O CONHECIMENTO MAIS APROFUNDADO PASSADO PELOS ESPECIALISTAS DETERMINAM JUNTOS ESSE ENCAMINHAMENTO.

6) As pautas que você cobriu sobre o consumo do crack foram abertas para que você pudesse fazer contribuições sobre a angulação da reportagem ou você recebeu algum tipo de orientação específica, alguma angulação de cobertura oriunda dos editores? Você pode falar sobre isso?

RESPONDIDA ACIMA.

7) Você considera que as reportagens exibidas (as duas citadas acima) tratam o consumo do crack no Brasil a partir de qual compreensão (saúde, trabalho, emprego, violência, segurança)?

Vários ângulos foram tratados, no espaço exíguo que uma reportagem de televisão permite. Saúde e segurança, principalmente.

8) Você acha que as reportagens ouviram todas as fontes que precisavam ser ouvidas? Fique à vontade para comentar.

Novamente, uma reportagem de TV é curta e consegue ouvir apenas algumas fontes. Não há nem pode haver a intenção de esgotar um assunto em dois ou três minutos. Foram ouvidas as fontes necessárias para cada uma delas.

9) O consumo do crack no Brasil é tratado como um tema complexo e ainda desconhecido no Brasil por algumas fontes ouvidas e por alguns pesquisadores. Você acredita que pela proporção (já ter atingido 98% dos municípios brasileiros, conforme pesquisa da Confederação Nacional dos Municípios), é um tema que mereça maior enfoque por parte da mídia? Acha que a televisão pode contribuir de alguma maneira? Se sim, de que maneira?

O tema é obviamente importante e a televisão sempre tem um papel importante no enriquecimento das discussões. Eu mesmo já fiz algumas dezenas de reportagens sobre o assunto, incluindo uma série de reportagens exclusivamente sobre crack para o Jornal da Globo, há 8 ou 9 anos. E não fui o único. A atenção dada ao tema é grande. Quanto a ser maior, acho difícil. Há outros temas a tratar.

10) Em 2012 você fez essa reportagem. Em 2013 fez outra. Em 2013 também, uma

equipe do JN fez uma série de reportagens sobre o crack. Você considera que o crack e os problemas que envolvem a droga são de difícil compreensão para os jornalistas? Na sua visão, é necessário algum preparo extra para cobrir o assunto do consumo do crack no Brasil ou para falar do tema no telejornal? Conduzindo as reportagens, você sentiu dificuldades ou percebeu dificuldades por parte da produção em relação ao tema? Poderia listar?

Vida de repórter é interessante porque tratamos de temas novos todos os dias. Por isso, contamos com as entrevistas de quem entende. Nossa expertise - de jornalista - está em traduzir o que eles falam. É claro que há os setoristas, que tratam de um único tema. Não é o meu caso. Sou generalista. Mas, com mais de 20 anos de profissão e com várias pautas cumpridas nesse tema, não senti dificuldade para fazer as reportagens. E, como sempre, aprendi um pouco mais.

11) Considera que o crack, ou o consumo dessa droga, deve ser um tema que mereça ser permanentemente objeto de uma "campanha" (no sentido de sempre ser trazido à tona) jornalística ou deve, como qualquer acontecimento midiático, entrar na pauta quando surgirem "ganchos" novos?

O papel do telejornalismo, na minha opinião, não é escolher temas ou fazer campanhas. Existem temas importantes demais para que isso seja possível. O crack é um assunto recorrente - e deve ser mesmo - porque os ganchos também o são.

12) Considera que reportagens sobre drogas – e, quem sabe, o crack, por ser uma das piores (tratada como epidemia) -, devem ter abordagem com cuidados específicos? Ou devem ser encaradas como fato jornalístico como quaisquer outros?

Os cuidados devem ser os mesmos em qualquer reportagem. Seja crack, febre amarela, corrupção. O tema é importante, por isso, merece e tem espaço nos telejornais.

13) Considerando a experiência que você tem em jornalismo, há um caminho ideal para o jornalismo televisivo para abordagem de temas complexos como o consumo de drogas?

Não há segredo nesse caminho. Boa apuração, levantamento de dados, oportunidade para tratar do tema, boas fontes e cuidado extremo na elaboração da reportagem. De qualquer uma.

8) Entrevista com MORRONE, Giuliana

Data da entrevista: 07/11/2017

Fernanda: E aí, eu to morando no interior da Bahia, Giuliana.

Giuliana Morrone: Ah, eu achei que você estivesse aqui em Brasília, por isso não consegui ligar.

Fernanda: Não tem problema não, eu ligo sem nenhum... [interrompida pela entrevistada]

Giuliana Morrone: Ô, Fernanda, deixa eu te falar, eu quis te ligar exatamente pra te pedir desculpas porque eu não posso falar nada dessa reportagem por um motivo simples, eu fiquei impressionada. Eu não me lembrava de nada. Eu lembrei dessa reportagem quando você me mostrou, mas eu não me lembro como foi a pauta, como foi que eu cobri isso, como fica aquela história, qual foi a decisão de cumprir aquela pauta, como é que aquela pauta emplacou, entendeu? Então, assim, eu não me sinto à vontade de fazer nenhum comentário sobre aquilo [áudio ruim seguido de risada].

Fernanda: Eu percebi que você ficou. Sim. Giuliana, mas assim...

Giuliana Morrone: Eu acho que é tanta coisa que a gente passa, né?

Fernanda: Que vocês vivenciam, né? Eu, na verdade, o seguinte: existem algumas questões que são muito relativas à reportagem e algumas outras que são relativas à cobertura do jornalismo em relação ao *crack*, então, assim, eu não sei se de repente você ficaria à vontade para responder essas. É... Como, por exemplo, você considerando que a droga, você já tinha coberto esse assunto antes, Giuliana? Primeiro, você tá podendo falar agora? Ou você vai..

Giuliana Morrone: É, eu posso pedir pra você me ligar em 5 minutos?

Fernanda: Ligo, ligo, sim. E eu não sabia se eu tava ligando para o número certo porque eu perguntei o DDD e aí eu deduzi que fosse Brasília.

Giuliana Morrone: Ah, tá bom.

Fernanda: Tá bom? Então tá, eu já te ligo. Um abraço.

Giuliana Morrone: Oi, Fernanda.

Fernanda: Oi Giuliana, já tá podendo falar?

Giuliana Morrone: Tô podendo falar. Fernanda, então, o que eu queria falar é o seguinte: eu não me sinto à vontade pra conversar com você sobre essa questão porque realmente aquela pauta foi circunstancial, foi uma coisa que pintou assim, eu

nem... honestamente, eu não me lembro como. E aí você tava falando que a sua ideia também seria conversar sobre a cobertura em relação à droga no geral, né? Não especificamente em relação àquela reportagem. E aí, eu tenho uma sugestão pra fazer pra você. O pessoal de São Paulo tem uma, quase uma pauta diária, né, corriqueira essa questão do *crack* ali por causa do centro de São Paulo. Eu já vi reportagens muito interessantes deles, lá de São Paulo, em várias ações, você lembra? O Dória agora recentemente, o Haddad também. Houve várias ações ali pra tentar resolver aquele problema ali. Então, o que eu posso fazer é te indicar alguns nomes, pauta por e-mail a equipe de São Paulo. Eu acho que eu teria o maior prazer de conversar com você, de falar com você. A gente tá vendo que o seu projeto é bem bacana, e tal. Agora, eu não me sinto à vontade, porque eu não tenho nenhuma familiaridade com essa cobertura, entendeu? Se fosse pra falar de política ou algo assim... Aqui em Brasília teve um caso, você se mudou daqui quando?

Fernanda: Tem um ano que eu saí daí.

Giuliana Morrone: Ah, então você se lembra do caso do hotel, já tinha lido?

Fernanda: Sim, sim. Eu acompanhei.

Giuliana Morrone: Então, então... Ali também eu posso te indicar uns colegas aqui de Brasília que cobriram aquilo ali. Que ali também tinha problema de *crack*, não tinha?

Fernanda: Sim, tinha.

Giuliana Morrone: Então, o que você acha?

Fernanda: Giuliana, então, deixa eu só lhe dizer uma coisa. Eu fiz um recorte metodológico do JN num período de cinco anos.

Giuliana Morrone: Ah, é no JN.

Fernanda: Sim, num período de cinco anos. Inclusive, eu já conversei com alguns colegas seus da Globo São Paulo que cobrem esse tema e da Globo Rio, entendeu?

Giuliana Morrone: Ah, legal.

Fernanda: Entendeu? Mas, na verdade, quando eu selecionei o seu material, é também porque eu tô tentando, assim, a cada repórter que cobriu esse tema, tentar conversar com esse repórter, entendeu? Eu compreendo a sua dificuldade de retomar o assunto, isso aí eu compreendo e, na verdade, assim, queria até saber se eu posso colocar, por exemplo, na minha tese, que foi uma pauta circunstancial, isso que você me disse, entendeu? Se tem algum problema de mencionar, que foi talvez a primeira vez, não sei, eu tô chutando aqui, que você cobriu esse assunto.

Giuliana Morrone: Sim. Mas o que você vai conseguir? Qual é o valor dessa informação? Que, na verdade, eu não cobria isso, então, a gente pode acabar incorrendo numa avaliação, talvez não precisa, né? Porque assim...

Fernanda: Não, eu entendo. É só porque, assim, em toda pesquisa que eu faço, todo o referencial que eu busco com pesquisadores estrangeiros e brasileiros, eles falam da dificuldade dessa temática ser tratada pela área da comunicação, né? Principalmente porque é um tema que é complexo, né, que tem várias nuances de serem tratadas, especificamente a sua reportagem é mais um drama de uma mãe, né? Que foi terrível, fiquei superemocionada com aquela reportagem, então, assim...

Giuliana Morrone: Imagino que sim, e a coisa da esperança, né?

Fernanda: Claro. E eles falam, esses pesquisadores dizem muito sobre essa necessidade que a comunicação, o jornalismo, de um modo geral, necessita, tem de repente se especializar um pouco mais nesse assunto, entendeu? Pra poder também fazer uma cobertura mais aproximada. Uma das minhas perguntas, inclusive, é sobre isso, sobre se você acha se há a necessidade de se especializar para cobrir o tema das drogas, entendeu? Mas é isso, basicamente, dentro da minha pesquisa, tentar fazer uma análise do jornalismo da área da saúde pública e da área da violência pública, olhando pela cobertura jornalística entendeu? E aí compreender como é que é, né, esse *modus operandi*. Que é muito fácil eu escrever ali que o jornalismo faz o texto, é muito rápido na televisão, e aí as coisas não ficam tão bem contextualizadas. É muito simples fazer isso, né, Giuliana? Meu objetivo não é esse. Meu objetivo é exatamente, a partir do que cada um, cada repórter me diz, tentar compreender essas tessituras de cobertura sobre o *crack*, né? Por exemplo, você cobre uma vez no JN nesse período, outra repórter que cobre uma vez e que é da política é a Zileide. Então, assim, como que é vocês saírem às vezes da área de vocês e irem cobrir esse assunto, entendeu? Que é natural no jornalismo, a gente sabe que é muito comum, mas enfim.

Giuliana Morrone: Cada dia um [difícil compreensão].

Fernanda: É, exatamente.

Giuliana Morrone: Aqui, né? Aqui no Brasil, né? Uma vez eu entrevistei uma moça, ela era da [difícil compreensão]. Ela mora nos Estados Unidos. Ela é especialista em tragédias, então ela... Às vezes, vou contar uma estratégia. A única coisa que ela cobre é tragédia. E ela se especializou de uma tal forma que até uma matéria sobre [difícil compreensão].

Fernanda: Ah, eu conheço.

Giuliana Morrone: Como as pessoas reagem diante das dificuldades [difícil compreensão] e outras pessoas ficam até hoje em centro de reabilitação, de não sei o quê, porque não conseguiu se superar, é bem bacana o livro dela. Ai, Fernanda, acho que eu não consigo te ajudar por isso. Como é que eu vou falar, você me entende?

Fernanda: Não, mas assim... eu entendo. E quero deixar você muito à vontade.

Giuliana Morrone: Eu até te dei meu telefone pra você, falei não... É pra te pedir desculpa mesmo.

Fernanda: Não, mas eu entendo.

Giuliana Morrone: E aí, graças a Deus que você conseguiu falar com algumas pessoas.

Fernanda: É, não, eu tô conseguindo. Tem sido muito produtivo o diálogo. Percebo que muita gente tem muito interesse em, inclusive, em quem são e quais as pesquisas que eu estou utilizando, entendeu? Os repórteres estão superinteressados. Ontem eu conversei com a Lília Teles, foi um bate-papo bem bacana.

Giuliana Morrone: Ah, você conversou com ela?

Fernanda: Conversei.

Giuliana Morrone: Ela fez o quê?

Fernanda: Ela fez duas reportagens pro JN, sabe? Foi um diálogo muito produtivo porque nota-se que ela tem um interesse pelo tema e ela até disse que tá preparando uma série sobre isso, que já, na verdade, que foi aprovado uma série sobre isso, né, na redação, mas que...

Giuliana Morrone: O que eu posso falar, assim... não sei se vai te ajudar, o que eu posso falar é uma coisa assim, tem.. Da minha percepção daquele momento, se você me perguntar: como é que foi o processo de escolha da pauta, eu não vou me lembrar de nada disso. Mas se você quiser que eu fale desse jeito assim, vagamente, do registro que eu tenho, aí eu até posso... Aí você pode talvez se quiser aproveitar alguma coisa, aí a gente pode fazer assim.

Fernanda: Você quer tentar então narrar essa... Pode ser? Eu posso gravar então?

Giuliana Morrone: Pode.

Fernanda: Posso? Então tá. Giuliana, inclusive, quero destacar que, a partir do momento que eu tô gravando, as informações que eu vou utilizar são meramente para o estudo da minha tese, não vão ser divulgadas em outros veículos, nem em outros

órgãos de imprensa e tem um único e exclusivo objetivo da pesquisa científica que eu tô fazendo, tá bom?

Giuliana Morrone: Aham.

Fernanda: Então vamos lá. Giuliana, você fez uma reportagem cobrindo uma mãe que tava acorrentando o filho, a pedido do próprio filho, em 2013, pro JN. Essa reportagem foi gravada em Samambaia, no Distrito Federal. Quais os registros que você tem dessa reportagem que você fez?

Giuliana Morrone: Então, como eu estava te falando... Tem muito tempo essa reportagem, né? Foi em 2013 e eu, depois disso, aconteceu muita coisa na minha vida e eu acabo que não me lembro exatamente como foi o processo de decisão sobre essa pauta. Foi uma pauta que não sei se foi eu quem descobriu a história ou se foi algo que a gente viu em algum jornal local, eu não me lembro exatamente como é que foi. Mas tem uma coisa que eu me lembro muito que foi a minha percepção do sofrimento daquela família, né? E eu me lembro muito, assim, da esperança da família. Eu não tenho familiaridade com cobertura nesse assunto, a leitura que eu tenho é de uma pessoa que se interessa, mas não acompanha. E uma coisa que eu me lembro no carro foi assim: “gente, no dia que a pessoa usa *crack* não tem [difícil compreensão], inclusive que falam muito que morre cedo, que não consegue se livrar da dependência. E o desespero dessa mãe de ter que amarrar o próprio filho, né, a pedido dele, pra ele não roubar. E me lembro também dos vizinhos contarem lá que ele roubava todo mundo, acabava pegando dinheiro da família toda pra usar a droga, né? Esse é o registro que eu tenho, um registro vago. O que me interessou na reportagem foi exatamente esse drama humano, né? Inclusive, eu termino a matéria, só que eu não sabia qual que seria o desfecho, né? Se haveria uma cura, porque eu, internamente, a informação que eu tinha é de que a cura do *crack* é algo muito difícil né?

Fernanda: Entendi.

Giuliana Morrone: Então era uma coisa assim, de mostrar o drama, de mostrar o que acontece, o caminho e tentar uma solução, né?

Fernanda: É, fica claro para mim que você realmente não cobre esse assunto, né? Então, eu só queria te dar alguns dados pra contextualizar a nossa conversa. A Confederação Nacional dos Municípios divulgou uma pesquisa em que ela informa que mais de 90% dos municípios, é... 98% mais precisamente, tem a presença do *crack*, né? O consumo do *crack*. O JN deu esse assunto e depois começou a render

bastante coisa sobre isso né? Aliás, 2012, 2013 são os dois anos que o jornal trabalha mais com essa temática, e agora novamente em 2017 com a gestão do Dória, né? E aí, assim, esse é um tema que é tratado por especialistas da área, Giuliana, como sendo um problema epidêmico já no Brasil, né? Existem pesquisas da FioCruz, pesquisadores da Unifesp, né, que falam sobre isso. Eu sei que como jornalista, mesmo não cobrindo o assunto, talvez você tenha alguma opinião pra dar sobre o tema. Por exemplo, você acha que quando a gente tem um problema desse, do nível que é o *crack*, nessas circunstâncias que eu estou te informando, né, que a gente tem de pesquisas... Você acha que a televisão, de algum modo, o jornalismo, tem como contribuir pra orientar, pra esclarecer, pra de repente até prevenir, fazer um jornalismo de prevenção do uso desse tipo de droga?

Giuliana Morrone: Eu acho que tem muito, eu acho que é um assunto que tem visibilidade, que tem interesse do público, porque de certa forma essa pesquisa da confederação acaba mostrando o que a população tem. O *crack* está presente em 98% dos municípios, a população de certa forma é atingida de um jeito ou de outro por causa do *crack*, ou do aumento da violência, ou com dramas pessoais, né? Então, é um assunto que é de extrema relevância e eu não sei, eu acho que tem pouca informação sobre isso, né? Você vê que eu estou aqui falando pra você que eu não sei como é o processo de cura, por exemplo, não tenho conhecimento em relação a isso. O que existe hoje de tratamento, essas experiências que são feitas aí, polêmicas, às vezes, né? Que a gente vê de ações de governo pra esconder o problema ou pra tentar remediar o problema. Eu acho que falta divulgação nesse assunto, em relação a isso. E não acho que seja um assunto árido, acho que é um assunto que interessa, que o público tem interesse.

Fernanda: Entendi. É bem legal você tá falando sobre isso porque, geralmente, nas escolas de comunicação, né, estuda-se a teoria do newsmaking, os valores-notícia e essa foi uma pauta possivelmente que ela sai do factual, porque não é uma pauta factual...

Giuliana Morrone: Essa que eu cobri?

Fernanda: Essa que você fez. Ela não é factual, ela é uma história como tem muitas outras histórias, né, Giuliana, de usuários de *crack*. Mas de repente foi uma história [interrompida pela entrevistada].

Giuliana Morrone: A minha não era uma história do *crack*, era uma história de resgate, de salvação, um drama familiar, né? Eu escrevi mais do que sobre o *crack*, né?

Fernanda: Entendi. E aí, de repente, essa história é pinçada, né? Você já me disse que não tem como lembrar desse registro todo. Mas, assim, é uma história pinçada e que vem à cena pública, o conhecimento das pessoas, né? Cria uma certa, eu diria que cria até uma certa empatia com o público, porque muitos podem ter se identificado até pelo problema que vivem nas suas respectivas famílias, né? Mesmo não sendo uma pauta factual, você, dentro daquilo que você viu ali pelo vídeo, né, que eu te mandei o link, você consegue perceber que a pauta contextualiza aquele drama daquela família, ela dá uma boa noção de que impactos o *crack* tem no usuário, e pras famílias, e pras pessoas que estão ao redor?

Giuliana Morrone: Eu gostaria que eu tivesse me aprofundado mais, pra ser honesta. Ali eu contei aquele drama, né, e não foi muito, não me aprofundei muito porque era uma reportagem diária ali, eu tava contando 1m30s, você tem que contar uma história ali, daquele drama que o público assiste, né? Você me pergunta se eu consegui.

Fernanda: Se você acha que conseguiu contextualizar.

Giuliana Morrone: Você falou se eu consegui contextualizar?

Fernanda: É, se você acha que você conseguiu contextualizar o problema e os impactos que envolvem, né, o uso do *crack* pras famílias, pras pessoas que estão próximas.

Giuliana Morrone: Você sabe o que eu acho que, pelo menos eu tentei, eu acho que eu ali, que eu tentei foi mostrar esse problema não como aquela percepção preconceituosa que as pessoas têm, né? Eu escuto muito, já escutei no ar ao vivo falando "o *crack*udo", "olha o *crack*udo", né? Eu ouvi isso no ar. E ali, o que eu procurei e tentei mostrar foi assim, era um filho com um sofrimento profundo, uma família em sofrimento profundo, e uma tentativa de se livrar desse sofrimento. Qual era, o que tava em torno, o que provocava esse sofrimento, né? O *crack* não era nem o foco da história. Você vê que eu não fiquei: "o jovem tá com isso e isso por causa do *crack*". A situação dele, os sintomas que ele tem, o motivo pelo qual ele começou a usar a droga, o que provocou. Eu não entrei em nada disso, eu não discuti a doença, o adoecimento dele, porque ele teve esse adoecimento. Porque é um adoecimento você buscar uma droga dessa, né? Mas eu quis mostrar só que era uma questão assim, da família ali. Ali eu só tava mostrando isso, o sofrimento de uma família e uma tentativa

de acabar com esse sofrimento. Não tive a coragem de chegar e falar. Eu até fui conversar na clínica, eu me lembro que eu conversei na clínica, e eu agora me lembro que me falaram. Então, eu não ousei dizer nada disso porque ali era pra: deixa essa família, né?

Fernanda: É interessante você trazer isso porque o usuário de *crack* é visto como um indivíduo que ele não tem controle sobre si, né? Em regra, são os estereótipos que muitos autores tentam desconstruir a partir de pesquisas, né? E é curioso porque você traz isso no seu texto na reportagem, dizendo que ele pede para ser acorrentado, né? Então, quer dizer, há um momento de sanidade do indivíduo em que ele pede, ele sabe que aquilo ali não é legal, né? Isso você traz na reportagem. Eu achei bacana esse seu enfoque também dessa sua última resposta. E aí, pra finalizar, assim, que a gente vai fazer uma mais curtinha por conta da especificidade, você acha que dentro dessa perspectiva de cobertura das drogas no Brasil, do problema que hoje o país enfrenta com relação a isso e especificamente ao *crack*, é possível de repente o jornalismo trazer esse assunto de uma forma mais contextualizada pro telespectador? Existe algum caminho, Giuliana, seja especialização do jornalista, seja a busca por fontes alternativas, que caminhos você vislumbra pra que a gente tenha uma cobertura desse tema cada vez melhor?

Giuliana Morrone: Eu acho que, assim, é preciso haver mais especialização. Eu acho que esse é um tema que é muito pertinente pro programa, pra esse *hardnews*, dessa coisa corrida mesmo que a gente acaba não se aprofundando. E o jornalismo comunitário é fundamental, 98% dos municípios têm a presença de *crack*. Então, essa tem que ser uma pauta diária do jornalismo local, né? Não dá apenas: "ó, teve uma ocupação não sei aonde", "ó, teve assalto", "teve crime" e sei lá o quê. Mas entendendo, porque a minha percepção, posso estar equivocada, é que a população não conhece essa droga, não conhece as dimensões, a possibilidade de cura, o que existe como tratamento, o que existe no serviço público, né? E é algo que afeta tanta gente. Eu mesma já fui assaltada em Brasília por uma pessoa que me disseram que era usuário.

Fernanda: Entendi. Sabe, teve um texto, Giuliana, do meu orientador que foi publicado sobre o jornalismo tentando enfrentar as crises pelas quais ele passa, né? Seja a crise econômica, seja crise de audiência, enfim. E aí ele publica esse texto dizendo que o jornalista tem uma especificidade no trabalho dele. Segundo ele, essa especificidade seria mais-valia, ou seja, pra falar sobre um assunto, para dar esse

assunto melhor, o jornalista teria que trabalhar muito além das horas que ele já trabalha, considerando que a rotina já é uma rotina bastante excessiva em termos de horário de trabalho. E ele disse que isso seria o sobretrabalho dos jornalistas. Então, pra ele dar as dimensões, pra ele conseguir trazer uma contextualização ainda maior de determinados temas, ele não fala sobre drogas, mas trazer uma contextualização melhor, ele disse que o jornalista teria esse sobretrabalho e isso estaria dentro do que ele chama de mais-valia. Você acha que o jornalismo vive isso hoje, Giuliana? Ou os jornalistas?

Giuliana Morrone: Bom, é claro que a minha perspectiva é sempre pessoal, né? Eu discordo. Por que eu acho que é da profissão, assim como o médico, ele... Ah então o cara, médico pra se especializar, ele precisaria de mais horas e não sei o quê, e ele ia ter uma sobrecarga, tem que clinicar, tem que operar e então ele não vai estudar. Não, acho que não é por aí não, né? Eu, por exemplo, eu me especializei em jornalismo político, em cobertura política aqui em Brasília, né? Pra fazer isso, não é de 9 às 17h. O trabalho não é uma carga horária fixa. Então, assim, eu sou uma pessoa que estou contando a minha experiência pessoal, trabalho o dia inteiro. Inteiro mesmo, eu começo às 4:30 da manhã, que é quando eu acordo; aí eu vou pro jornal; aí eu fecho aquilo que vai ao ar no dia; depois eu tomo um café; depois eu faço a pauta do dia, que é o jornal que eu trabalho, o *Bom Dia Brasil*; então eu que vendo as pautas de Brasília. Pra ter pauta em Brasília, eu preciso conversar com as fontes, então, aí, depois que eu termino de conversar com as fontes, eu vou acompanhar a cobertura do dia. Então, assim, eu fico o dia inteiro. É isso mesmo, foi uma escolha.

Fernanda: Entendi, tá certo. Giuliana, eu quero te agradecer. Primeiro, dizer que você é muito simpática, né, menina? A gente não conhece pessoalmente e só vê na televisão, né? Apesar de que eu morei em Brasília, trabalhei no Congresso também, mas é muito bom saber. Nós, da academia, existe uma dificuldade muito grande de contato, sabe, Giuliana? É, eu confesso que eu estava, assim, quase desistindo de fazer essas entrevistas, quando acendeu uma luz e falou: Vai, tenta de novo. Porque eu tentei por todos os caminhos institucionais da Globo e eu não consegui. E aí, assim, a única coisa que me pediram sempre, todas as pessoas as quais eu falei, foi: "Não vai veicular isso em outro lugar". Isso aí não é o meu interesse, né?

Giuliana Morrone: Nossa, mas tenho uma confiança em você, fazendo doutorado na UnB, que é aonde eu estudei, eu me formei, conheço o professor orientador, então, assim, tô tranquilíssima, sem a menor insegurança, te considerar superética.

Fernanda: Fico feliz, sabe? De saber. E olha, como tem sido produtivo o diálogo com todos os repórteres que tenho procurado saber, olha... O Renato Biazzi deu entrevista ontem de São Paulo, né? E ele fez umas reportagens bem interessantes também, e ele falou pra mim: "Poxa, me passa aí o que você está lendo", sabe? E eu achei isso sensacional. Na verdade, eu curti demais e aí já troquei figurinhas de coisas que eu publiquei com ele também, pra que de alguma maneira a gente tenha essa interlocução, né, isso é bem saudável.

Giuliana Morrone: Claro. Você sabe que há muitos anos eu fui fazer mestrado na UnB e era um momento da UnB muito complicado, que eu não sei, acho que mudou. E eu fiquei tão impressionada, eu ouvi do coordenador da época, ele virou assim pra mim: "A gente não quer gente do mercado", e eu pensei: que coisa boba. Aí você não quer a gente no mercado, e você fica analisando o mercado de longe.

Fernanda: Exatamente.

Giuliana Morrone: Achei tão, assim, bobo aquilo, né?

Fernanda: Olha, você sabe que é muito legal isso que você tá falando? Tem um professor na UnB chamado Fábio Pereira, ele pesquisa a cultura profissional jornalística, sabe? E aí ele faz pesquisa muito ligada também com os pesquisadores na França, Canadá, e ele é um cara que desenvolveu, tá desenvolvendo vários estudos com uma pesquisa chamada "Entrevista com jornalistas", né? Porque todo trabalho dele, boa parte do trabalho dele é baseado em entrevistas com jornalistas, e aí eu fico, sempre fiquei me questionando, "ora, por que que a gente tem que falar do mercado sem ouvir o mercado?". E tanto que eu faço esse esforço de ligar, de conversar, prefiro que seja por telefone, que tem condições de ampliar muito mais a discussão, porque é realmente é muito estaque a gente falar: "Olha, o JN foi lá e fez, mas eu acho isso", entendeu? Porque aí vira achismo.

Giuliana Morrone: Eu acho que nesse momento que, tem muito tempo isso, era uma questão assim, não era nem política, era político-partidária, mas já mudou, o pessoal saiu, sabe? Bobagem. Mas, Fernanda, obrigada.

Fernanda: Que bom, né? Que bom. Obrigada você, Giuliana. Pelo seu tempo, bom trabalho aí em Brasília.

FIM DA DEGRAVAÇÃO

AGRADECIMENTOS FINAIS DESCARTADOS A PEDIDO DA SOLICITANTE

9) Entrevista com OLIVEIRA, Wagner Barbosa

Data da entrevista: 23/02/2016

Cargo que ocupa: servidor da Fiocruz, atua como jornalista na Assessoria de Comunicação da Presidência da Fiocruz, foi chefe durante dez anos da Assessoria da Fiocruz Coordenadoria, trabalhou nas revistas *Globo Ciência* e *Galileu*. É mestre na área de divulgação de ciência e pós-graduado pela Fiocruz em Ciência e Mídia e em Divulgação Científica.

01 – A Fiocruz tem feito estudos relativos ao *crack*. Como é feito o agendamento do tema, a divulgação das pesquisas para a imprensa, em especial para a Rede Globo e para o *Jornal Nacional*?

Política de prestar contas, compromisso de que tudo que está sendo pesquisado precisa ser levado ao conjunto da sociedade, deve circular amplamente na comunidade acadêmica e, de uma forma geral, deve chegar à sociedade como um todo. É uma premissa. Todas as linhas. Teve um ano que teve mais de 1.500 projetos em andamento, desde saúde, que é um campo em que os determinantes sociais são importantes para se entender como um todo – como se dá o ciclo da doença, desemprego, educação, meio ambiente, trânsito. Visão ampliada: saúde não é só a ausência de doença. Pesquisa que teve divulgação ampla, mas tem estudos que também avaliam questões recortadas de condicionantes que levam as pessoas a procurarem o *crack* ou outras drogas. Como dentro de famílias de comunidades carentes, há jovens que caíram no caminho do *crack* e na mesma família há jovens que estão estudando, trabalhando, seguindo a vida. A Fiocruz busca compreender os antecedentes. O *crack* se encaixa no modo de olhar, o surgimento da doença nos determinantes sociais. Procuramos tomar cuidado com critérios para qualificar a pesquisa que será divulgada. Exemplo: vai ser publicada em uma revista científica bem dura com um corpo editorial, participação em congressos, produção de livros, relatórios técnicos. Existem códigos que indicam a qualificação do trabalho. E esses parâmetros servem muito para as equipes de jornalistas da Fiocruz para saber quando deve ser publicado e o momento de ser publicado. Fases do trabalho: mapas do *crack* no Brasil a partir de vários parâmetros, buscando entender o sujeito. E, a partir disso, definem-se estratégias de divulgação. É um problema grave de saúde pública do

ponto de vista institucional. Deve ser tratado a partir de uma perspectiva ampliada. Envolve a questão sobre redução de danos discutida em outros países, envolve a noção de que deve ser observado como um paciente mental. E há um conflito entre quem lida com a repressão (mecanismos) e quem lida entendendo o vício como uma doença, em que vários condicionantes levaram a pessoa a chegar àquela situação. Falta de emprego, drogas viciam e geram bem-estar, fuga e que explicam a dependência alcança em determinados como o *crack* até num prazo curto. É um problema de saúde pública cujas várias outras disciplinas precisam pensar juntas para tentar solucionar o problema, que não pode ser vista de um modo simplista como sendo uma questão de segurança pública. Para a Fiocruz, os condicionantes sociais explicam a aproximação do usuário à droga. A Fiocruz lida para saber como os neurotransmissores reagem diante da droga, mas as ciências sociais pesquisam como esses grupos têm impactado o trabalho da saúde pública. O crivo dos pares de uma comissão editorial sinaliza que os trabalhos têm um referencial a dar ou trazem uma reflexão importante sobre o tema. É uma referência importante para a Fiocruz, ou um líder mais sênior que possa conversar com a imprensa. Cenas do *crack*: divulgou o projeto a partir das publicações que foram sendo realizadas. Ministério da Justiça, Secretaria de Drogas do Ministério da Justiça. Quando o convênio foi assinado, entendemos que era o momento de divulgar as pesquisas para a sociedade, para a imprensa. No início e no durante, prestamos muita atenção na imprensa. A gente só procura a imprensa quando há uma consolidação. Buscamos fugir de pesquisas que podem ser divulgadas com um viés sensacionalista por parte da imprensa. Muitas vezes, entregamos pesquisas, textos, com glossários. E a TV Globo entra nessa rotina. Temos mala direta, temos uma página da Agência Fiocruz de Notícias na internet. A Rede Globo recebe essa mala direta. Alguns jornalistas sabem que, se acessarem a página da agência de notícias... Já se criou uma marca para jornalistas do Rio de Janeiro e São Paulo. Fora isso, a assessoria acaba se aproximando de alguns produtores. E eles acabam criando vínculos na área de ciência e tecnologia. Tem toda uma metodologia que guia, e isso dá uma certa segurança porque lidamos com dados testados, pesquisas testadas, pesquisas que passam pelo conselho de ética, o que dá um respaldo tanto para quem tá na CCS quanto para quem está na redação porque sabe que está trabalhando com uma instituição séria. O *crack* entrou num rol de temas que despertam um grande interesse da imprensa. O *crack* dá viés para quem quer dar de forma sensacionalista. Temos uma procura muito

intensa. No *Jornal Nacional*, eles dizem que vão atrás porque o tema é importante. Leu em alguma nota e está correndo atrás de uma matéria para não deixar de publicar nada sobre isso. O *Jornal Nacional* ainda não deu e precisa dar. E tem o tipo de profissional que diz que quer receber o artigo quando for publicado e te liga para entender melhor, propõe parceria para buscar novas e boas fontes que pesquisam em outras instituições. Não vemos mais temas como *crack* no *Globo Repórter*, o que é uma pena, porque tem tempo para poder entrar em profundidade. Alguns produtores e repórteres têm o esforço de fazer uma reportagem ampliada, que buscam fazer uma abordagem em mais profundidade, mas nem sempre acontece, mas existem. Mala direta, mas a agência de notícias é um diferencial não apenas sobre o *crack*, mas para vários outros assuntos. Muitos pesquisadores, sempre publicando e sempre produzindo material, um insumo permanente para a assessoria de imprensa. E também tem a *newsletter* para receber informes ou sugestões de pauta (geralmente na segunda-feira). Pinça da pesquisa para pautar a mídia. Jogamos coisas para instigar que eles enxerguem informes para produzir matérias boas. Em determinado momento, abrimos uma mala direta só para eles (repórteres de ciência). Há um retorno sempre de pedido de esclarecimento, de agendamento de entrevista com o responsável pela pesquisa. Repórteres do *Jornal Nacional* também são mais interessados. Acaba estabelecendo relações de confiança. Conhece o mundo acadêmico e procura ajudar as redações. A TV é mais generalista. Sonia Brid, repórter muito criteriosa. Sandra Passarinho.

02 – Existe alguma rotina de envio de releases sobre o tema para o *Jornal Nacional* ou o envio se dá de forma episódica, eventual, quando há algo novo sobre o assunto na perspectiva da Fiocruz?

03 – Se são enviados *releases* ou se são feitos contatos telefônicos, é possível dizer como o *Jornal Nacional* entra em contato com a Fundação? Fazem entrevistas? Como são selecionadas as fontes de informação que darão entrevista ou que subsidiarão as informações para o telejornal?

04 – Com que frequência – levando em consideração também a frequência de agenda da Fiocruz – a Fundação é procurada pelo telejornal sobre o tema do *crack*?

Novidade da Fiocruz, circula alguma informação de pesquisa, alguma tendência no mundo do *crack*, ou então querem acompanhar o que já foi dado início a uma pesquisa para saber o andamento.

05 – A Fiocruz tem sede no Rio de Janeiro, mas um dos grandes polos de problema do *crack* está em São Paulo, na região conhecida como cracolândia. O fato de existirem pesquisadores no Rio de Janeiro e a sede ser lá facilita, dificulta ou é indiferente na hora de fornecer fontes especialistas ou esclarecimentos sobre o assunto?

Estruturalmente, a Fiocruz tem penetração em vários estados brasileiros. O efeito do problema é o mesmo. Só vai conseguir chegar ao centro da questão que vai nas raízes do problema se abordar como uma questão de saúde pública, enxergando os determinantes sociais, estudos biológicos, debilitados, dependentes por conta das reações que o *crack* causa. Fiocruz vídeo: edital para privilegiar temas que são agendados ou que não são agendados. *Crack* repensar (vídeo). Matérias de TV tratam o usuário como zumbis, estereotipado. Cenas do *crack* estão cada vez mais comuns em muitas cidades brasileiras. Marginaliza no *Jornal Nacional* o tema do *crack*? Boa parte do que se cobre na imprensa hoje não discute o problema na sua essência, sem querer partidarizar, ao contrário do jornalismo de outros países. A liberdade de imprensa vai às últimas consequências. O jornalismo também passa por uma fase de transição com o advento das redes sociais, agilidade dos veículos, inclusive na questão de credibilidade (transmissões em tempo real), enquanto que esses jornais têm diminuído o número de pessoas das redações e têm saído pouco das redações para ver a realidade. Que país queremos construir? Que país é esse? Estudos da área da educação são ouvidos? São pautados? Saúde até vai conquistar um espaço maior porque o mosquito da dengue pica. O jornalismo está numa aposta velada ou muito clara pelas pautas mais rápidas e que tenham um impacto sensacionalista. Inclusive, as pautas que saem de instituições científicas desconstróem o sensacionalismo. Para que público estamos falando? E no caso do *crack*, a entrada tem muito de viés do sensacionalismo. O próprio quadro de situações que vivem na rua ou delito que cometem já dá um gancho para produzir o tom sensacionalista. É mais fácil fazer uma matéria sensacionalista, porque a encomenda já chega pronta, do que fazer uma matéria mais profunda. Mas há estudos que mostram que pessoas seguem suas vidas mesmo usando *crack*. A abordagem dada pela imprensa e pelos

telejornais, em geral, segue muito pela facilidade das imagens, o modo de vida, ou os pequenos delitos rendem enquanto facilidade de produzir uma matéria sensacionalista. Uma pimentinha sensacionalista que pode ser até no jornal mais visto da TV brasileira vai aumentar a audiência e a audiência está na frente.

06 – A Fiocruz faz um acompanhamento das matérias veiculadas pelo telejornal e que se referem ao *crack*? Desde quando isso é realizado? Está disponível para consulta?

Metade dos 80, a abertura dos que estavam represados de falar, a Fiocruz mantém o *clipping* e o acompanhamento das matérias, desde o *clipping* do corta-corta até o eletrônico. Para produzir a errata ou mesmo para avaliar se o material que está fornecido contempla para evitar o sensacionalista. Temos o observatório de saúde na mídia. Cenas do *crack* como é a inserção do tema na imprensa. Aids já foi um tema tratado na dimensão de mídia e saúde pública.

07 – Para a área de comunicação da Fiocruz, existe alguma orientação em relação ao enquadramento do tema *crack* para o telejornal ou para a mídia como um todo?

Monitora quando a Fiocruz é citada e quando está associado à saúde pública.

08 – Em regra, como a Fiocruz avalia que o *crack*, ou o tema do *crack*, é divulgado pela mídia?

09 – E pelo *Jornal Nacional*?

Critica e lamenta para fugir dessa hegemonia dos conglomerados de comunicação. Esforço do filme, tentar colocar outras vozes, quer que o vídeo circule o máximo possível para tentar levar debate para outro lado. Mas a mídia tem uma visão mais simplista, carregada de influências econômicas.

10 – Para a área de comunicação, o tema do *crack* é veiculado para a população pelo telejornal numa perspectiva de saúde pública? De violência? Como a área de comunicação da Fundação vê essa questão?

Em geral, não entra na perspectiva de saúde pública. A questão de saúde pública fica marginal nas reportagens. É uma visão hegemônica, tratar por uma questão de violência, do aparato policial do Estado, fazendo intervenções para tirar as populações de locais de convivência, ou para celebrar a miséria porque rende

imagens muito impactantes. É um combustível para dar uma pegada sensacionalista que reitera que são bandidos, à margem, sem minimamente procurar saber quem são essas pessoas, como elas chegaram ali, até porque as pessoas foram educadas para gostar desse tipo de matéria. E o papel da TV? Temos outros modelos de TV para olhar, níveis de educação, são servidos biscoitos mais finos. Contextualizarem a inserção da violência na televisão. Só reitera os estereótipos, indica novos comportamentos iguais.

11 – Existe algum esforço da Fiocruz no sentido de mudar a forma como a mídia em geral noticia o assunto *crack*?

Monitorar e ser perseverante em colocar a questão pela ótica dos determinantes sociais. Quando não somos citados, a gente é proativo de procurar o repórter para mostrar que existem pesquisas que mostram que o que foi mostrado na reportagem... Pauterização da cobertura. Somos vigilantes em qualificar os conteúdos que circulam pela mídia. Logo depois que anunciou que ia fazer o mapeamento do *crack* em todas as regiões brasileiras, uma fila ligou para pedir exclusividade, para receber informações privilegiadas, e algumas que procuravam só reiterar o que já se sabe sobre o *crack*. Tivemos exceções, mas o que predominava era a cobertura marcada por violência, estigmas dos que vivem nas ruas, ou como uma questão de segurança pública. Baratas fugindo do remédio (higienização do Rio de Janeiro).

12 – Qual é a avaliação da Fundação em relação aos avanços em pesquisas científicas sobre o *crack* e a maneira como a mídia se posiciona e noticia o tema? Existe uma relação? É uma relação com arestas? Há divergência entre a forma como as pesquisas compreendem o fenômeno do *crack* e como ele é noticiado?

Espaço para comentários.

10) Entrevista com TAMURA, Giuliano

Data da entrevista: 31/10/2017

Fernanda: Giuliano, é uma matéria que realmente foi veiculada em 2012. "Policiais prendem 40 pessoas que vendiam pedras de *crack* para trabalhadores rurais". Uma reportagem que foi veiculada em outubro de 2012. Ela teve 1m23s de duração, né? E sobre essa reportagem, eu queria entender um pouquinho como que foi o processo de construção da pauta, como é que ela se tornou uma reportagem que foi pro JN, sobre esse tema.

Giuliano Tamura: Assim, como é que funciona primeiro, para você entender como funciona essa tramitação entre afiliadas e a Globo. Quando a gente tem algum assunto que a gente sinta que valha realmente uma reportagem para o JN, tem um colega nosso, jornalista, que é o Denilson Mônaco, que ele faz essa ponte, vamos dizer assim, entre a gente aqui na praça de São Paulo, assim como todas as outras praças do Brasil, com a cabeça da rede, né, na rede do Rio de Janeiro. Então, o Denilson Mônaco, que é o nosso colega que trabalha nessa parte, que faz essa ponte na coordenação, ele que ofereceu esse material para o JN. Aí tem alguns critérios, enfim. No JN existem alguns critérios, por exemplo, como interesse, se realmente é uma matéria que vai para o Brasil todo, enfim, se é algo que chama a atenção das autoridades. São alguns critérios assim, vamos dizer...

Fernanda: De noticiabilidade.

Giuliano Tamura: É, não são tão explícitos assim, mas a gente como jornalista e pessoas que trabalham em afiliadas têm aquele *feeling*: "olha isso aqui, talvez valha, esse assunto talvez não valha". E no caso a gente acabou oferecendo para o JN, e aí, enfim, quando eles batem o martelo, a gente corre para encaminhar o material naquele esquema que você sabe. Você que tem 1m20, 1m23, com o tempo um tanto quanto determinado porque é um tempo que o jornalismo precisa.

Fernanda: Certo.

Giuliano Tamura: E aí, assim, essa questão do *crack* é uma questão que tem, que aqui no interior de São paulo é uma coisa que tem repercutido há um tempo, entendeu? E é aquela grande questão: por quê? Por qual motivo essa questão desse consumo desse tipo de drogas se tornou tão alarmante nessa [ligação cai]. A gente queria entender como o consumo desse tipo de droga se tornou tão alarmante no

interior de São Paulo, um lugar, em tese, tranquilo. Em um grande centro, como São Paulo, grande centro como o Rio de Janeiro... e como que se alastrou esse consumo desse tipo de droga aqui nessa região do Brasil. Isso foi uma coisa que nos chamou a atenção.

Fernanda: Certo. E aí o processo de produção, ele tentou vender essa pauta lá para o JN, né, e essa pauta, assim, você enquadraria ela como uma pauta factual? Até porque teve a prisão dessas pessoas. Você acha que essa reportagem já foi uma reportagem mais produzida, contextualizadora, em que lado que você colocaria a reportagem que você fez?

Giuliano Tamura: Eu acho assim: o assunto do *crack* tem despertado o interesse nos jornais de rede nacional. Isso aí é sem dúvida. Agora você imagina no interior do Brasil a prisão de pessoas ligadas a essa questão aí da droga, chama ainda mais a atenção, porque eu acho que, por um determinado momento, essa questão do consumo do *crack* ficou um pouco mais restrita às grandes capitais: São Paulo, Rio, Brasília. E também há pessoas, infelizmente, fora do contexto. Moradores de rua, aquelas pessoas que, enfim, não têm outra oportunidade e ficam restritas ao uso da droga, e viram, infelizmente, aquelas pessoas que perambulam de uma cidade para outra e vira aquele drama todo que a gente sabe. Eu acho que o que chamou a atenção nessa pauta, especificamente, é que cinco anos atrás a gente tava mostrando uma questão do interior de São Paulo, entendeu? Até então o interior de São paulo era visto como, "poxa, um grande local de oportunidade de trabalho, de qualidade de vida, de sossego, de segurança, etc. e tal". E não, estamos convivendo com o mesmo problema de droga, de uma droga muito complicada que é o *crack*, não só nos grandes centros urbanos do Brasil, mas como também em regiões mais entre aspas "tranquilas", e com uma qualidade de vida, vamos dizer, até que, né [não consegui entender] expressiva como o interior de São Paulo, que chegou no maior mercado consumidor do Brasil. Então, eu acho que é nesse sentido que a pauta acabou se desenvolvendo.

Fernanda: Certo. Então, esses seriam os ganchos que justificaram a realização dessa reportagem, correto?

Giuliano Tamura: É, eu acredito que por qual motivo o Rio bateu o martelo, primeiro: que o *crack* é realmente um assunto de saúde pública, né? Não só hoje, mas é um assunto de saúde pública. Segundo: é o interior do Brasil. Ou seja, a gente não tá contando mais um caso de *crack* numa grande cidade brasileira, como Fortaleza,

Salvador, Porto Alegre, Curitiba, São Paulo ou Rio. Mas no interior do estado. E aí eu acho que isso acaba despertando, né, o interesse para a questão de que essa droga realmente, infelizmente, não está mais restrita a grandes centros ou populações de grandes centros que viviam um pouco zumbis, vamos dizer assim. Isoladas em algumas áreas nessas grandes cidades. Mas como o todo, até em cidades pequenas do Brasil.

Fernanda: Entendi. Em relação a isso, eu tenho acompanhando os cinco anos de cobertura do JN. Ele tem pautado vários assuntos sobre corrupção, política... Brasília tem sido um foco do telejornal, claro que não apenas Brasília, né? Mas, você, assim, como repórter que já entrou para o JN algumas vezes, não apenas para essa questão da cobertura do *crack*, você conseguiria me dizer se existe uma lista de temas que são considerados muito relevantes, né, para o telejornal dar destaque? Eu sei que pode parecer uma pergunta ingênua, mas aí eu vou descaracterizar a ingenuidade da pergunta. Mesmo levando em consideração aquela máxima que o Bonner tem, de que o JN cobre aquilo que está acontecendo como sendo de mais importante no Brasil e no mundo, você saberia dizer, como repórter, se existe uma lista de temas que são, assim, considerados relevantes, imprescindíveis de serem tratados e checados de tempos em tempos pelo JN? Ou o que vira notícia pro JN é o que é quente, factual?

Giuliano Tamura: Olha, eu acho que essa pergunta é muito legal. Porque, assim, eu vou dizer o que eu sinto como profissional da área que atua aqui. E eu já estou aqui nessa região há 15 anos. Ou seja, eu tenho, então, um parâmetro um tanto quanto interessante de tempo. É... até antes dos escândalos políticos nacionais, a gente entrava na rede no geral, não só no JN, mas em todos os jornais de rede nacional da Rede Globo, como o *Bom Dia Brasil*, o *Jornal Hoje*, o JN e o *Jornal da Globo* com uma frequência grande. Com quais temas, por exemplo: economia popular. "Poxa, o preço da carne, arroba da carne, do boi, subiu no pasto". A gente conseguiu fechar um material para o *Bom Dia Brasil* e a gente repercutia não só a questão do boi, do pasto, mas também no frigorífico, mas também a questão no açougue, no dia a dia do cidadão comum. Assuntos peculiares: "poxa, tinha um senhor aqui, japonês, que vivia aqui no interior de São Paulo há 50 anos e ele media o tempo com temperatura, o clima, tinha um pluviômetro há 40 anos. Poxa, entrou numa matéria de comportamento no JN". [Áudio fica distante, não dá pra entender] a gente tem aqui na região 20% da criação de ovo de galinha, nacional. E aí, se tá com oscilação de valor, a gente consegue entrar com matérias ou no *Globo Rural* ou no *Jornal Hoje*, no *Bom*

Dia Brasil, na questão do ovo, certo? O que acontece de uns tempos para cá é que, infelizmente, na nossa percepção, o *crack* era uma pauta, as drogas eram uma pauta em evidência na Globo, era um assunto sempre tratado. Não que hoje não seja, mas antes era tratado de uma outra maneira. O que acontece com essa crise política é que, infelizmente, o noticiário de Brasília toma hoje 50% do tempo dos noticiários nacionais. Ou seja, a gente de praça do interior, a gente perdeu espaço.

Fernanda: É, entendi. Uma coisa... [interrompida pelo entrevistado]

[gravação interrompida – comunicação ruim entre as partes]

Giuliano Tamura: Tá me escutando?

Fernanda: Tô te escutando.

Giuliano Tamura: Tá, vamos lá então. A percepção que temos é que esses assuntos importantes como a questão da droga e outra... nós entramos com muitas reportagens em rede nacional, como aqui no interior de São Paulo sendo a rota caipira do tráfico e eu explico o porquê. Porque nós estamos bem no meio do caminho entre o norte do Paraná e São Paulo, que é a maior cidade do país. Ou seja, estamos bem no meio desse caminho. Ou seja, as drogas que vão para a maior cidade do Brasil passam, necessariamente, por aqui onde nós moramos. E aí, a gente, não só o *crack*, mas como outras drogas, a gente conseguiu ter um espaço legal, fazer uma reportagem interessante. Teve essa curiosidade da rota caipira do tráfico. Acontece que hoje o noticiário político acabou, até, claro, pela necessidade, pela questão dos protestos, da Dilma, enfim, a saída dela do governo, a entrada do Temer e tudo, Brasil acabou tomando um espaço muito grande e a gente ficou com um espaço bem menor. Porque você imagina: você tem que fatiar o mesmo bolo com um tempo menor para o Brasil todo. Ou seja, a nossa participação em rede caiu muito, entendeu? Principalmente pelo contexto político e financeiro que a gente tem enfrentado agora, entendeu?

Fernanda: É curioso isso, essa sua observação, porque eu peguei aqui, fiz um mapeamento do JN, e no ano de microcefalia, zika vírus e no ano das Olimpíadas, não tem quase material publicado sobre *crack*, sabe? Ano de eleição também não tem quase nada veiculado sobre *crack*. Então, é curioso você ter essa percepção também, porque, claro, a questão da corrupção tomou a cena pública, né, mas paralelamente a isso, nós continuamos tendo problemas de drogas, né? Ele subexiste aí no ecossistema do telejornal, né, enfim. E da realidade, claro.

Giuliano Tamura: É. Agora eu acho que, infelizmente, o *crack*, agora uma percepção, eu acho que o *crack* tomou uma proporção entre aspas "tão normal", tão normal hoje

em dia, que para ter uma pauta de *crack* hoje a gente teria que ter uma coisa muito diferente, ou um jeito de tráfico muito diferente, ou uma maneira de preparar o *crack* de um jeito muito diferente, para conseguir emplacar uma matéria em rede nacional. Agora, se for só apreensão por apreensão, usuário por usuário, eu acho que isso, infelizmente, a gente não conseguiria, apesar de ser um problema gravíssimo no Brasil, eu acho que a gente não teria espaço no telejornal, entendeu?

Fernanda: É, interessante essa sua observação, porque uma das reportagens, inclusive, mostra que o problema do *crack* tá em 98% dos municípios brasileiros, segundo a pesquisa que o próprio telejornal veicula, da Confederação Nacional de Municípios, né? E alguns entrevistados, em algumas reportagens específicas, tratam como epidemia e pandemia, né? E, na mesma proporção, me parece, em alguns momentos, que o *crack* é um problema do usuário, né? É um problema individual, menos coletivo, por vezes, como ele é retratado, né? Não apenas no telejornal, assim, eu tô fazendo uma análise bem preliminar, sabe, Giuliano? Mas é... parece que é um problema do indivíduo e não da sociedade, né? Apesar de preocupar a sociedade e incomodar a sociedade.

Giuliano Tamura: É, eu acho até que pelo valor que o *crack* tem hoje em dia, por ser um valor bem mais baixo em relação a uma droga cara como a cocaína, que é usada, enfim, consumida no país, mas mais por uma outra classe social, com poder aquisitivo muito maior, me parece realmente que o *crack* foi deixado, foi relegado aí a uma segunda ou terceira classe de consumo de doença. E o problema social, inclusive disso, e aí fica por conta da pessoa mesmo, e não por uma questão social que a gente tem enfrentado, entendeu? E por todo o problema que vem disso. Que é a dependência, a questão que as pessoas acabam se isolando da sociedade, tendo uma vida paralela, já que não conseguem a reinserção. Acabam tão dependentes que acabam virando como se fossem zumbis mesmo, né? Então, infelizmente, eu acho que a gente tenha esse contexto. Eu acho assim, o *crack*, por estar ligado ao valor baixo do mercado de drogas, no geral, isso eu já tô fazendo uma ilação, uma imaginação, não sou especialista nessa área, mas é a percepção que eu tenho, pelo fato de ser uma droga que tem um custo, que é uma droga potencialmente muito forte, que a pessoa fica viciada nela, mas ao mesmo tempo tem um valor mais baixo, ela acaba perdendo um pouco o interesse até da cobertura, enfim, da mídia no geral.

Fernanda: Entendi. É, Giuliano, houve alguma conversa quando você foi fazer essa reportagem? Prévia, sobre as peculiaridades dessa droga, sobre o *crack* em si ou

sobre o consumo dela, entre você e o seu editor? Da realidade brasileira, ou seja, uma preparação para que você tivesse uma cobertura talvez mais contextualizadora dessa reportagem? Teve algum tipo de orientação quanto a você ficar atento a algum aspecto dos fatos que você ia narrar, né? A serem mostrados... Ou é uma pauta de que foram presos e isso tá no interior de São Paulo, é importante, é um número volumoso de pessoas presas? Como você interpreta aquele momento, se houve conversa ou não houve?

Giuliano Tamura: Olha, eu vou te dizer que não há uma editoria específica sobre drogas em nenhum telejornal de rede nacional, entendeu?

Fernanda: Sim.

Giuliano Tamura: Você: "ah, você vai fazer uma reportagem agora sobre drogas, então você vai ficar com o editor especialista na questão social da droga no Brasil". Isso não existe. Pelo menos até hoje.

Fernanda: E você acha que seria necessário?

Giuliano Tamura: Olha, se houvesse essa capacitação, é claro que seria mais legal, porque você consegue ter uma contextualização melhor. Mas, veja bem, de repente, em 1m23s, você tem que contar uma história para o país [ligação caiu]

Fernanda: Alô. Alô. Alô.

Giuliano Tamura: ...muito. Alô.

Fernanda: Parou em 1m23.

Giuliano Tamura: Tá, vamos voltar lá.

Fernanda: Em 1m23, sobre ter que contar uma história para o país.

Giuliano Tamura: Isso. Então, assim, o que acontece? De repente, em 1m23, não tem como você ser superespecialista na história, entendeu? Nem tem um editor superespecialista na história. Então, hoje, eu te digo que não há nenhum editor superespecialista em *crack* para poder te auxiliar numa reportagem específica, né? Inclusive porque a gente, com exceção de algumas editorias, como economia, internacional, a gente é um tanto quanto, e isso é do jornalismo brasileiro, a gente é um tanto quanto clínico geral. Você hoje tá falando de *crack*, amanhã você tá falando do preço do frango, amanhã você tá falando do vazamento de água, amanhã você tá falando do preço de energia, né? Então, a gente não tem uma especificidade muito grande nesse sentido. Acredito que, se houvesse um editor específico, né, que conhecesse mais a fundo essa questão, é claro que ajudaria. Assim como se eu fosse um repórter mais específico na questão do *crack* nacional, ajudaria muito mais,

entendeu? Mas não é a realidade que a gente tem hoje no mercado, não é. Então, a gente tenta fazer a cobertura mais correta possível. Talvez não seja a melhor nessa questão da contextualização, mas aí eu digo assim... matérias com mais contextualização, talvez nós necessitássemos de mais tempo, entendeu? E dependendo da edição do jornal diário, é aquele registro, é aquela situação e não tem como a gente desenvolver mais ou discutir, não digo mais a fundo, mas assim, escutar outras fontes. A gente tem um conteúdo mais restrito.

Fernanda: Entendi. Giuliano, você já tinha coberto esse assunto antes em alguma ocasião específica? E mesmo depois dessa reportagem ser veiculada no JN, você chegou a sugerir novas pautas sobre o tema?

Giuliano Tamura: Olha, o *crack* é um problema recorrente aqui no interior de São Paulo, sabe? E aí eu já cobri outras pautas para o telejornal local. Eu já atuo aqui já faz 15 anos, quase 16 anos. E, assim, a gente tem coberto. Se não me engano, no começo deste ano de 2017, aqui na TV Teia, que chama a afiliada da TV Globo, a gente fez, uns colegas fizeram duas reportagens bem bacanas, contando essa história também, de pessoas que acabam se tornando do mundo, da vida por conta do *crack*, etc. e tal. Mas, para a rede nacional, a gente acabou não fazendo mais. Talvez porque a gente não tenha tido algum outro gancho muito diferente do que se tem retratado no Brasil. Tem a questão daquelas pessoas que acabam ficando isoladas e acabam ficando naquele grupo para consumir droga, enfim. A gente não conseguiu desenvolver outras pautas nacionais, mas local a gente cobre. Não com tanta frequência, mas, quando tem alguma coisa que chama a atenção, a gente cobre.

Fernanda: Entendi. É, e você acha que, assim, dentro das limitações do tempo, que a gente sabe que existem, né, você acha que a reportagem, quando você fez, você acha que chegou mais próximo do que você pode chamar de uma reportagem redonda para o telejornalismo? Faltou alguma coisa que você acha que de repente seria importante mencionar e até por essa questão mesmo do processo de produção, que envolve o tempo, a escassez de tempo no grande bolo? A pequena fatia do bolo, que você acha que de repente não tenha sido feito? Fique à vontade para comentar.

Giuliano Tamura: Essas reportagens que a gente faz pra rede nacional sempre têm um editor preocupado com o conteúdo do material, com o conteúdo das informações. Então, a gente faz um bate-bola bem legal entre praça, afiliadas do interior, com o Rio ou com São Paulo, dependendo do telejornal, porque o *Bom Dia Brasil* e o JN os editores são no Rio, o *Jornal da Globo* e o *Jornal Hoje* ficam em São Paulo. Então,

assim, a gente tem um bate-bola bem legal. O que acontece é o seguinte: num jornal de rede nacional como o JN, é um tempo que a gente já sabe mais ou menos delimitado quanto a gente tem. Entendeu? Então, eu não posso escrever uma tese sobre o *crack* que simplesmente não vai entrar. É o formato do produto. Então, a gente trabalha com o jornalismo, é um produto de televisão que vai ter um minuto, um minuto e meio no máximo. E isso no máximo. Com *sonoras* decupadas, com texto, com passagem e tudo. Então, assim, realmente, não há como fazer um tratado. Eu acho que, assim, a gente tem que tentar, na medida do possível, cobrir o assunto, e aí eu acho que os jornais locais, né, os jornais regionais, eles têm um espaço muito maior para conseguir fazer esse debate, do que de repente um jornal de rede nacional que a gente sabe que ele dá a notícia do Brasil e do mundo em 20, 25 minutos. Então, eu acho que nesse sentido eu me sinto tranquilo com ter coberto aquela história, naquele dia, daquela maneira. Agora, é claro que se eu pudesse avançar um pouco mais, é claro que se eu pudesse conversar com um especialista a mais, é claro que se eu pudesse ter um editor especialista no assunto, seria muito melhor. Mas, infelizmente, não é o que a gente tem hoje no mercado. E você sabe, o mercado a gente trabalha conforme tem disposição. Não adianta também a gente imaginar uma tese maravilhosa, linda, e um produto jornalístico de TV que não vá ao ar. Porque a nossa obrigação é cumprir, entendeu?

Fernanda: Fazer ser veiculado, né?

Giuliano Tamura: Eu brinco que a gente é operário da notícia.

Fernanda: Entendi.

Giuliano Tamura: O cara trabalha na fábrica, tem um que faz carro, outro que faz salsicha. A gente faz produto jornalístico. Queira ou não queira, desculpa a grosseria na comparação, mas assim, queira ou não queira, é uma fábrica.

Fernanda: É uma linha de produção. Isso aí fica muito evidente nas próprias teorias do jornalismo, né, Giuliano? Nas próprias teorias do jornalismo, isso fica evidente. Assim, não é grosseria da sua parte comparar não, porque parece esdrúxulo, mas não. É como uma outra fabricação qualquer, né, na verdade. Só que é uma fabricação que vai ter impactos dos mais diversos na população, né? Quando não é feito com cuidado e tudo mais, né?

Giuliano Tamura: Cara, agora assim, eu acho assim, que todos os jornais de rede nacional, eu tô falando pela minha experiência, são feitos com atenção e com carinho. Talvez a gente não seja realmente os mais especialistas para falar em um dia sobre

crack e para falar no dia seguinte sobre desmatamento, e para falar no dia seguinte sobre febre amarela, de repente. Mas aproveitou todos, todos. Desde o cinegrafista até o colega que vai colocar o jornal no ar, todos estão imbuídos da melhor intenção, de levar a melhor informação, a mais clara, a mais palpável, a mais objetiva para a pessoa que tá assistindo.

Fernanda: Entendi. É, e você acha, assim, considerando essa epidemia, né, esse tempo epidêmico do *crack* no país, a relevância do tema propriamente dito. Você acha que a televisão pode contribuir de alguma forma, o telejornalismo, especificamente, pode contribuir de alguma maneira para, não solucionar o problema, mas para pelo menos esclarecer um pouco mais a população do que vem a ser essa droga, que ainda passa por muitos estigmas, até mesmo por parte de pesquisadores, Giuliano?

Giuliano Tamura: É, eu acho que é fundamental. Eu acho que, assim, o *crack*, infelizmente, acabou invadindo todas as cidades, vamos dizer assim. Não tem mais, como você mesma disse, não tem mais uma região ou uma área metropolitana, em tese, que é mais sossegada. Hoje a gente tem cidades pequenas, com 10 mil (habitantes), onde eu moro tem 10 mil habitantes. Cidades até menores, com 5 mil habitantes, onde o *crack*, infelizmente, acaba sendo uma droga que as pessoas acabam consumindo. Agora, eu acho que tinha que ser feito um trabalho de conscientização, em relação ao que a sociedade pode fazer para tentar recuperar essas pessoas. O que a gente pode fazer, eu acho que o *crack* fica muito como "aquela pessoa é um drogado do *crack*, é um zumbi, vai ficar andando aí", vai ficar, sabe, com todos os sintomas que a gente sabe e daqui a pouco vai começar aquela peste, como se diz, vai começar a furtar, a roubar para continuar mantendo o vício, e a gente fica de braços cruzados, a gente assiste. Pá pá, que triste, e a gente como cidadão, como sociedade não se move.

Fernanda: Sim, nesse sentido [interrompida pelo entrevistado]

Giuliano Tamura: Eu acredito que tem que tentar mudar. Essa é a questão.

Fernanda: Eu tinha até uma pergunta aqui, que era assim, ó: considera que o *crack* deve ser um tema que mereça ser permanentemente objeto de uma campanha jornalística, no sentido de sempre ser trazido à tona? Ou deve, como qualquer acontecimento midiático, entrar na pauta quando surgirem ganchos novos? Você falou que, para conseguir chegar no JN, nesse contexto que a gente tá vivendo hoje, vai precisar de ganchos bem novos e bem diferenciados, né? Mas, de repente, isso que você tá falando agora nos coloca também diante da necessidade que a gente tem

talvez de abraçar, né? E aí eu vou dizer a minha opinião, você pode discordar e fique a vontade. De repente, a sociedade civil, as organizações, instituições, né, ONGs, o Estado, na sua representação da saúde, da segurança pública, e o jornalismo também, mais ou menos como hoje é o Outubro Rosa, o Novembro Azul, e o Setembro Amarelo, por exemplo, né? Será que se a gente tivesse uma campanha para além daquela "*Crack*, é possível vencer", que o Ministério da Justiça colocou no ar, será que a gente conseguiria avançar de repente nessa questão?

Giuliano Tamura: É, o que você coloca é bem interessante, eu nunca tinha parado para pensar que de repente a gente pudesse trabalhar como o Outubro Rosa, que precisa de uma cumplicidade muito forte, como o Novembro Azul, que também tem uma publicidade muito forte, numa questão, o Setembro Amarelo também, que a gente pudesse trabalhar essa questão do *crack*, é muito bom. Mas eu acho que [áudio extremante ruim! nível de ruído altíssimo e gravação longe].

Fernanda: Giuliano, o áudio ficou um pouquinho ruim agora nessa última, mas o gravador pegou e eu acho que entendi também algumas coisas que você disse. Acho que talvez você tenha que afastar um pouquinho do celular. Você considera que o tema das drogas, de repente, o *crack*, por ser uma das piores, tratada como epidemia, devem ter cuidados específicos na hora da verdade, devem ser encarados como um acontecimento mais complexo? Eu achei bem interessante que você fala em vários momentos da nossa conversa que você não é um especialista no assunto, mas que vocês buscam, né, você em especial busca tratar o tema da melhor maneira possível. Da forma mais responsável possível, com o maior cuidado, né? Ao mesmo tempo, seria interessante que tivesse uma formação, um entendimento, uma expertise maior nesse assunto, porque a gente vê hoje em dia a setorização, especialização, né, até numa contracorrente do mercado aí, que é a do jornalista que faz tudo, né? Assovia, chupa cana, canta e dá risada. Mas, de repente, como é o cara que cobre economia, o cara que cobre política, ele foca num determinado assunto. Será que a gente vai chegar um dia a ter esse tipo de coisa dentro do jornalismo ou é muito utópico pensar nisso? Como é que você vê essa questão?

[Ligação falha] – Al o.

Giuliano Tamura: Oi! Voltou?

Fernanda: Voltou.

Giuliano Tamura: Vamos l a então. Al o, al o.

Fernanda: Oi, oi, oi.

Giuliano Tamura: Tá ouvindo bem daí?

Fernanda: Tô ouvindo.

Giuliano Tamura: Tá, vamos lá então, porque eu parei no meio da pergunta. Você tava falando da expertise, né?

Fernanda: Sim. Você quer que eu repita?

Giuliano Tamura: Não, eu acho o seguinte, Fernanda. Realmente, questões de saúde pública [ligação falha].

Fernanda: Alô?

Giuliano Tamura: Oi!

Fernanda: Giuliano, tá dando bastante interferência. Eu tô pensando em te ligar. Só tem mais essa e outra pergunta. Acho que eu vou te ligar.

Giuliano Tamura: Não, eu tô no fone aqui.

Fernanda: Tá, porque eu acho que pode ser conexão também.

[Tentando resolver o problema]

Giuliano Tamura: Pronto, e aí?

Fernanda: Sim, melhorou.

Giuliano Tamura: Tá me ouvindo?

Fernanda: Sim.

Giuliano Tamura: Tá, vamos lá, então. Eu o seguinte, Fernanda. Se nós realmente tivéssemos a opção na grande mídia, nesses telejornais de grande rede nacional, de termos um profissional muito qualificado para cobrir esses assuntos, não só como você disse, da economia, como da política ou como da política internacional, mas alguém ligado às questões como essa do *crack*, especificamente, que é o objeto que você pesquisa, seria muito legal. Mas eu vou te falar de antemão já o que eu sinto no mercado, e tô falando do mercado no interior do Brasil, tá? Não do mercado das grandes capitais. Com essa crise que houve, a gente tem visto redações cada vez mais enxutas. Hoje você assovia e chupa cana, entendeu? E para se manter no mercado, você tem que ser hoje um profissional multifuncional, certo? Então, assim, talvez não haja interesse dos grupos em ter profissionais extremamente especializados para alguns assuntos, para poucos assuntos, entendeu? Numa realidade que hoje a gente tem que ser polivalente, né? Mas que ajudaria e o que melhoraria a qualidade da informação, sem dúvida, sem dúvida. Você imagina ter uma pessoa extremamente especialista naquele assunto para dar contextualização melhor ao material, ter uma pessoa que tenha mais conhecimento nas temáticas que existem

no Brasil. Seria ótimo. Talvez para um programa, talvez para uma coisa mais específica. Mas, com o jornalismo diário, volto a repetir, que a gente tem um minuto, um minuto e meio para contar uma história, talvez a gente não vá conseguir num curto espaço de tempo essa questão do *crack*, que é um assunto que tá aí na questão que você tá tratando.

Fernanda: Certo. Giuliano, você gostaria de fazer algum outro comentário? Eu encerro por aqui porque eu acho que você já contemplou minha próxima pergunta também, né?

Giuliano Tamura: O negócio é assim, Fernanda, eu acho que todos os jornalistas que têm uma pauta hoje para cobrir, todos os repórteres, eu acho que eles vão na melhor das intenções de garimpar a notícia para levar a melhor informação para o público. E quando eu falo público, não me leve com desrespeito nem com preconceito, eu coloco na minha cabeça, entre aspas de “dona Maria”. Quem seria essa Dona Maria? [Gravador é mudado de lugar, provavelmente, e há um ruído muito grande sobressaindo-se ao áudio do entrevistado. Não é possível entender] Uma pessoa muito simples, diferente de alguém que faz um doutorado. Então, a gente parte por esse princípio da linguagem simples, porque a gente tem a obrigação de levar essa informação que a gente tá trabalhando para todas essas pessoas, entendeu? Da pessoa mais graduada à mais humilde. O que acontece é que, no jornalismo de televisão, a gente sempre tem que ter uma pauta, um gancho diferente. Infelizmente, o *crack* fico um tanto quanto mártir com esse lance de usuários, pessoas que acabam saindo de casa, que viram moradores de rua, que o cara não consegue mais voltar para a vida que tinha antes por N motivos, entendeu? Então, isso hoje é a escória da sociedade, você tá entendendo? Eu acho que, enquanto a gente não conseguir mudar esse conceito, conseguir mostrar que realmente são pessoas que têm problemas de saúde, que necessitam de um amparo social, de um amparo afetivo, de um amparo religioso, até, entendeu? A gente vai ver só [ligação falha] como alguém que faz isso porque quer, caiu nesse mundo porque foi opção dela e [ligação falha] e que fique lá e morra no fundo do poço, infelizmente. Então, eu acho que os jornalistas partem do princípio de tentar levar a informação da melhor maneira possível, mas, às vezes, nem o próprio repórter que está cobrindo o assunto consegue ter essa visão, da correria do dia a dia ou dada a própria formação da pessoa, a própria experiência pessoal, que, enfim, o jornalista cobrir, entendeu? De ser um pouco mais humano da questão, ser um pouco mais amplo e não achar que é só o dependente e dane-se. E que esse

cara não tem saída. Eu acho que essa é a grande questão que a gente tem que levantar hoje.

Fernanda: Giuliano, como é que eu posso identificar você? É um repórter da Rede Globo, como que eu te identifico?

Giuliano Tamura: Eu sou repórter da afiliada de Bauru. Assim, só para você entender, a Globo tem um correspondente em cada praça no Brasil como um todo. São mais de 100 afiliadas no Brasil. Cada região tem um repórter que em tese faz matéria para o JN. Aqui na região de Bauru, que fica no centro-oeste paulista, a gente cobre [ligação falha] e uma população de telespectadores estimada em 2 milhões [ligação falha]. Então, quando tem uma matéria para o JN nessa região aqui, sou eu que acabo cobrindo. Não necessariamente só eu, mas eu faço 80, 90% aqui para o JN.

FIM DA DEGRAVAÇÃO

AGRADECIMENTOS FINAIS DESCARTADOS A PEDIDO DA SOLICITANTE

11)Entrevista com TCHAO, Eduardo

Data da entrevista: 07 e 08/11/2017

Eduardo Tchao: Oi!

Fernanda: Oi, Eduardo!

Eduardo Tchao: Deixa eu te falar, tudo bem?

Fernanda: Tudo joia.

Eduardo Tchao: Olhá só, você faz as perguntas e eu respondo pelo telefone, pode ser?

Fernanda: Pode ser, faço!

Eduardo Tchao: Tá, então pode ir fazendo. Eu vou entrar no elevador, mas pode ir fazendo e aí eu vou te respondendo porque eu não consegui acessar o link, mesmo no Google Play aqui, eu não consegui. Aí você vai fazendo, que não é nenhuma coisa que eu já não tenha feito, então, você pode fazer as perguntas e eu respondo. Pode mandar a primeira.

Fernanda: Tá certo. Então, Eduardo, só pra confirmar aqui o nosso combinado, essa entrevista serve para subsidiar minha tese de doutorado, não vai ser divulgado em nenhum outro órgão de imprensa, tá bom? Só tem esse objetivo e eu tô gravando a nossa ligação para depois poder ser mais fiel às suas respostas, ok? Então, em 2012, você fez uma reportagem com o título, com a seguinte chamada: “Bandos assaltam cidadãos nas ruas do centro do Rio”. Foi uma reportagem em abril de 2012 com 3 minutos e 12 segundos, e eu sei que já faz algum tempo, né, mas eu queria saber se você conseguiria descrever como foi o processo de produção dessa pauta, do momento em que ela chegou pra você, até quando ela se tornou uma pauta, uma reportagem pronta para ir ao ar.

Eduardo Tchao: [difícil entendimento]

Fernanda: Certo. Se ficar ruim a ligação, eu te aviso. Alô? [falha na comunicação]

Eduardo Tchao: Me liga de novo.

Fernanda: Tá ruim, eu vou ligar. Ok!

Eduardo Tchao: É, tem que ligar de novo.

[Alguns minutos depois]

Eduardo Tchao: Oi!

Fernanda: Oi, só agora que completou.

Eduardo Tchao: Então, assim, os assaltos no RJ, no centro do Rio, sempre aconteceram. Eles diminuíram há cerca de dois anos, depois da criação do... você bota aí do Centro Presente, do Lapa Presente, da Lagoa Presente, entendeu? Do Aterro Presente, do Meyer Presente, que são incentivos da Fecomércio. A Fecomércio aqui do Rio apoia e paga reservistas e PMs pra que façam o trabalho que a Polícia Militar não consegue fazer por falta de efetivo, entendeu? Então, depois de todos esses órgãos, esses bairros que eu te falei, começou a melhorar e é claramente, entendeu, e diminuiu. Se você botar aí, esse projeto tem mais ou menos um pouquinho mais de dois anos, bota no Google aí, quando é que foi criado o Centro Presente, que cada hora é um bairro diferente. Mas os principais são o Centro, Lagoa, Aterro, Lapa e Meyer. Então, realmente, com mais PMs e reservistas, consegue diminuir, né, consegue diminuir o número de assaltos. Então, aquilo ali eu trabalhei, se não me engano, com o cinegrafista Júnior Alves, não sei você anotou na hora se aparece a imagem... [áudio cortado]

Fernanda: Agora, eu não estou tendo condições de acessar o vídeo, mas eu acho que foi esse mesmo porque até o Bonner chama pra essa reportagem e da equipe toda que participou.

Eduardo Tchao: É, então é o nome do Júnior.

Fernanda: Sim.

Eduardo Tchao: Não sei, né? O grande, o auge desses assaltos foi a petulância do, sensação de impunidade dos assaltantes quando roubaram, não, furtaram, furtar é diferente de roubo, né? Não é com arma. Quando esses assaltantes tentaram furtar o cordão de uma mulher quando dava entrevista pra mim no centro do Rio, entendeu? Foi em maio de 2014. Eles tentaram, um garoto tentou e eu saí correndo atrás do garoto, essa imagem tá famosa, ficou famosa, passou até no Japão, do outro lado do mundo. Então, isso pra você entender, mistura, lógico, drogas com, eles compram, roubam ouro pra vender em determinados lugares e roubam também pra comprar droga, pode ser *crack*, pode ser maconha, entendeu? Eles fumam ali mesmo em determinados lugares ali do centro do Rio e esse consumo só acontecia mais em função da falta de policiamento. É óbvio que agora tá em crise o Centro Presente porque eles estão reclamando que não estão recebendo, porque falta o apoio do governo. Se não me engano, principalmente municipal, que não está fazendo a parceria junto com a Fecomércio. Fecomércio são os comerciantes do Rio que fazem esse tipo de apoio junto com a prefeitura. Se não tem dinheiro pra pagar os reservistas

e também os PMs, entendeu? Se atrasa, aí fica difícil, né? Fica muito difícil. E aí os assaltos aumentam. Teve a produtora Mácia Brasil, no intervalo desses daí, fez um assalto que ela se posicionou junto com outro cinegrafista Sérgio Leite aqui perto, no alto da 7 de Setembro com a Rio Branco, que ela se posicionou, ele lá e ela embaixo, e o senhor levou uma facada, não sei se você lembra, levou uma facada e foi também o JN, você leu?

Fernanda: Sim.

Eduardo Tchao: Então, isso tudo mostra a insegurança do Rio de Janeiro, que realmente está entregue. A violência hoje no Rio de Janeiro passa por momentos, né, de muita crise, entendeu?

Fernanda: Essa sua reportagem de 2012, ela fala da nova cracolândia no Rio, que era um espaço que não era pra ter esse tipo de ação dos usuários de *crack* e era, entre aspas, pra ser um lugar seguro, mas se tornou um lugar absolutamente sem condições de transitar, as pessoas irem pro trabalho. Tem um cidadão que você escuta, ouve, faz uma *sonora* com ele no final da sua reportagem, que ele disse que não tem a menor condição. E aí o cinegrafista pega uma imagem dos usuários de *crack* jogando as pedras em ônibus e etc., né?

Eduardo Tchao: Exatamente. Eles agriem, né, agriem as pessoas.

Fernanda: E você, o seu texto mostra também a violência desses usuários de *crack*. Eu tô tentando retomar um pouquinho só pra te ajudar e também porque eu sei que você não pode ver, enfim. Mostra a violência dos usuários de *crack*, na sua maioria crianças e adolescentes que estavam realizando furto a cidadãos, né, a polícia age tentando... [áudio interrompido pelo entrevistado].

Eduardo Tchao: Exatamente. Incentiva, né, esse uso de droga, sem dúvidas nenhuma, incentiva. Movidos por droga, eles querem roubar, furtar ainda mais pra poder comprar a droga, entendeu? Então, isso é claro, eles usam a droga pra poder se sentirem completamente tomados pelo *crack* e, tomados pelo *crack*, eles furtam, furtam, furtam e não querem saber, agriem, entendeu? E se não existe policiamento... Na Rio 12, não tinha esse policiamento reforçado do Centro Presente. Se tivesse hoje, o Centro Presente tivesse lá, não aconteceria. E diminuiu esse ponto como sempre [difícil compreensão], provavelmente, não existe mais, entendeu? Porque realmente ele exige essa preocupação do Centro Presente. Você vai encontrar em matérias, você pode ajudar a botar em matérias aí, acrescenta no Google, que eles realmente estão agindo. Agora, os que estão ameaçando, eu recebi hoje um

recado de um dos sargentos da Polícia Militar que faz parte do Centro Presente, de que eles estão muito desanimados ultimamente em relação aos reservistas, que estão desanimados pensando até em parar, entendeu? A questão básica é essa, é um excesso de gente, a população de rua aumenta, a crise econômica aumenta e a violência com isso tudo aumenta.

Fernanda: Certo. E aí, assim, você falou que talvez, possivelmente, essa cracolândia, ou seja, esse espaço de uso de *crack*, como você viu lá em 2012, talvez não exista mais. Isso não seria um ponto de pauta de repente pra o JN? De repente, "olha conseguimos em algum ponto reduzir, essa cracolândia já não existe mais".

Eduardo Tchao: Não, isso não exige mais assim em termos de pauta. Eu não encaro isso como pauta do JN, a não ser que outro produtor encare isso como, réporter, encare isso como pauta pro JN. Eu não encaro, entendeu? Eu acho que não.

Fernanda: Entendo. Seria pauta pra algum outro produto da Globo, o Bom Dia?

Eduardo Tchao: Pode ser. Pode ser pro RJTV, mas aí tem que verificar de novo, entendeu? Mas a gente já fez outras pautas sobre pontos no centro do Rio, entendeu? Fizemos no centro, que a gente fez e a gente bateu muito nessa tecla, nessa questão da cracolândia, mas o *crack* no centro do Rio ele continua. Tá bem, não tem mais grandes pontos. Muitas pautas vêm da rua, né? E ninguém me falou nada sobre essa grande. O que tem, Fernanda, na Lapa... pra falar a verdade, sabe qual é a grande concentração do *crack*? É na Avenida Brasil. Naquelas dobras ali. Então ali é o consumo diário, e eu fiz uma pauta mês passado lá. Foi uma correria danada dos usuários quando a polícia chegou, quando a TV Globo chegou. E nós, obviamente, fomos não muito bem-vindos, né, foi pedra pra cá, pedra pra lá, pedra na polícia. Mas o *crack* é igual a cracolândia de São Paulo, né? A cracolândia de São Paulo também é muito, é pior do que aqui, a cracolândia de São Paulo é maior que o Rio, né?

Fernanda: Tradicionalmente, São Paulo tem mais, né?

Eduardo Tchao: Isso, dentro da Avenida Brasil é muito pior, entendeu? E não chega, é bem pior que qualquer cracolândia mostrada no JN ou no centro, entendeu? Muito pior, muito.

Fernanda: E você considera, Eduardo, que essa pauta foi uma pauta factual pro JN, tava no calor dos acontecimentos? Que que você... como você avalia essa pauta que você fez?

Eduardo Tchao: Então, é porque eu produzi isso lá, eu produzi e virou factual. Quando você produz, aí vira uma coisa que você direciona pro factual, aí vale a pena,

né, entendeu? O Rio de Janeiro hoje tá muito ligado à Lava Jato, viu, com o Sérgio Cabral, entendeu? Embora não deixe de olhar, como se diz, o factual das drogas, né? De qualquer maneira, não tenho dúvidas que o Rio de Janeiro hoje tá muito virado pra essas coisas em relação à política, né? Dizer que os jornais locais, os jornais do JN estão realmente muito virados a... [só um instantinho, Fernanda, só um minutinho].

Fernanda: Sim.

[o entrevistado faz contato externo]

Eduardo Tchao: Então, o RJ hoje está muito ligado à política, embora a corrupção, embora não deixe de observar essa questão das drogas, entendeu? Mas São Paulo tá ligado ao quê? À política e à cracolândia, que é enorme, entendeu? [Áudio interrompido]

Fernanda: Eduardo, eu ainda insisto, assim, você me desculpa minha insistência, é mais para tentar compreender mesmo, tá? O fato de hoje a gente não ter o *crack* tão severo no Rio de Janeiro como tava naquele período de 2012/2013, e aí agora você está me dizendo que fez uma pauta um mês passado, né? Será, isso não se torna pauta? Porque seria assim, vê se você entende o meu ponto de vista, por favor, e aí com toda a minha humildade... Se tivesse, quando é o problema em si, vocês vão lá e mostram, né? Agora que houve uma mudança dessa realidade social, até pra que as pessoas possam conhecer esse novo Rio sem tanto a presença do *crack*, isso pra você não entra como pauta? Na sua concepção como repórter.

Eduardo Tchao: Não, até então o *crack* entra como pauta a partir do momento do *crack* ali na Avenida Brasil. O *crack* entra como pauta ali no Jacarezinho, entendeu? O Jacarezinho tem muito consumo também, Jacarezinho, Avenida Brasil e outros pontos. Mangueira entra também como pauta. Então, são os três grandes centros de consumo de *crack* hoje no Rio. Mangueira embaixo do viaduto, Jacarezinho e Avenida Brasil. Isso é pauta, mas não quer dizer que a gente vai fazer toda hora, entendeu? Faz uma vez ou outra e pronto. Não vejo motivo pra você, motivo que eu digo é o Rio de Janeiro [difícil compreensão] na questão da violência. Mas eu sei que o *crack* também tem a ver com a violência, mais uma opção à violência. Aqui você sabe que já morreram, só esse ano, 116 policiais militares, então, é muito PM morto. Então, isso é um negócio maluco, né, cara? De violência. Então, o *crack*, eu volto a falar pra você, não chega, não tá na frente dos PMs mortos, entendeu? Eu tô passando aqui em frente a Copacabana, aqui nessa rua que eu tô procurando, tem também muito bandido. Então, você tem que também com o ponteiro da profissão, tem que entender

os momentos, entendeu? Porque o Rio tem outras coisas também, não pode ser só a sua pauta.

Fernanda: Claro, claro. Eu entendo. Inclusive, a minha pergunta não é nem no sentido de dizer que tenha que ser dessa forma, é mais no sentido de compreender mesmo. Porque o meu objeto de estudo é entender a cobertura televisiva em relação à questão do consumo do *crack* e as implicações que o *crack* tem pra sociedade, os desdobramentos, né? E a minha tentativa de correlacionar isso com os outros campos do conhecimento como a saúde, como a própria segurança pública, entendeu? É mais nesse sentido que vai a minha pesquisa. Agora, deixa eu te fazer uma outra pergunta, Eduardo: você cobre sempre esse assunto, tem muita experiência... [Áudio interrompido pelo entrevistado]

Eduardo Tchao: Não, eu cubro violência no geral.

Fernanda: E me diz uma coisa: sua percepção de violência, violência, essa palavra ela está mais associada ao *crack*, ela está mais associada à cocaína?

Eduardo Tchao: Não, a violência está associada... o Rio de Janeiro tem mais de mil favelas, entendeu? O Rio tem, hoje eu vi numa matéria mostrando que tem um morro que tem, são fuzis e mais fuzis. O Exército esteve no [só um instantinho]. Pode falar.

Fernanda: Sem problemas. Se você quiser falar outro horário também, Eduardo, fica como for melhor pra você.

Eduardo Tchao: Tá, é porque eu tô enrolado com muita coisa essa semana, mas pode falar.

Fernanda: Então, o que eu tava querendo conversar com você é sobre... [interrompida pelo entrevistado].

Eduardo Tchao: Você tá querendo centralizar muito o *crack*, entendeu? E o *crack* é apenas um detalhe da violência no Rio. Por mais que seja o seu estudo, é apenas um detalhe, entendeu? Porque, na verdade é, é violento? É. Por causa também do *crack* sim. Mas tem outros problemas quando existem mais de mil favelas no Rio. Então, são centenas e centenas de bandidos, acho que milhares de bandidos nessas comunidades. Tem gente boa? Tem gente boa. Mas a maioria, grande parte desse pessoal de favela, grande parte tá sendo tomado por facções criminosas, que acontece é a questão dos traficantes, é a luta pelo poder, luta pelo lema da droga, e o *crack* não tá entre isso, entendeu? O *crack* tá entre as preocupações. É a cocaína e a maconha, entendeu? O *crack* não dá grande lucro. Então, a questão toda é essa luta toda de traficantes pelo poder, essa matança dos PMs, a matança do cidadão

carioca, o cidadão carioca tá morrendo. Tá morrendo porque... o que tá acontecendo? Porque existe uma média muito grande de assaltos, entendeu? É isso que você tem que entender. O cidadão carioca hoje é refém da violência.

Fernanda: Sim.

Eduardo Tchao: O cidadão carioca hoje evita sair à noite, entendeu? Muitas famílias deixaram de sair à noite porque ficam com medo, entendeu? E não tem nada a ver com o *crack*. Tem a ver com o homem armado, principalmente na Zona Oeste, que além do tráfico tem a milícia. Que são muitos homens, PMs e ex-PMs que são milicianos. Acabam de pegar o carro de um comandante para assaltar. Então, você tem que entender que a violência não tem nada a ver com o *crack*, essa violência.

Fernanda: Entendo.

Eduardo Tchao: Essa violência tem a ver com a violência dos bandidos que saem dessas mais de mil favelas. Complexo da Pedreira, Rocinha, Baixada Fluminense, entendeu? É roubo de cargas no Largo Metropolitano. Índice altíssimo. E aí, o que acontece? O cidadão carioca, eu volto a falar para você, está refém de toda essa violência no Rio. E não tem a ver com o *crack*. Então, desculpa falar isso para você, eu sei que de repente a sua pauta fica um pouco prejudicada com isso.

Fernanda: Não, Eduardo, não fica não. Eu acho interessantíssima essa abordagem que você tá trazendo pra mim, porque eu não estou partindo de um princípio de que a violência tá ligada ao *crack* não. Eu parto do princípio de que eu quero compreender a médio e longo prazo o que se divulgou a respeito do *crack* no país, cê tá entendendo? Então, assim, e que [interrompida pelo entrevistado]

Eduardo Tchao: Entendi.

[choque de falas – entrevistado e pesquisadora]

Fernanda: Em que conformação social isso dá. Então, assim, eu sou uma cidadã, eu morava em Brasília até o ano passado, né? Agora, eu estou morando no oeste baiano, mas eu que sou uma cidadã, que morei em Brasília durante 11 anos, eu nunca fui ver a cracolândia de perto. Eu nunca fui ver a Avenida Brasil de perto. Então, eu não sei desse problema. Mas eu vejo falar desse problema. Eu soube que uma vizinha minha teve um problema com o filho usuário de *crack* e foi muito sofrido. Mas aí a minha noção de realidade, entendeu, como ela é permeada pelo retrato e o recorte que a televisão dá, entendeu? É mais nesse sentido a minha pesquisa. Eu não parto de premissa. Inclusive, meu trabalho não tem hipóteses, porque eu dispensei todas

aquelas que eu achava que devia usar, porque eu acho que [interrompida pelo entrevistado].

Eduardo Tchao: Minha namorada tá ligando, só um minuto, por favor.

[retomada da ligação]

Eduardo Tchao: Oi, Fernanda, pode falar.

Fernanda: Oi, Eduardo, continuando a nossa conversa de ontem, eu vou tentar ser bem breve, tá bom?

Eduardo Tchao: Tá.

Fernanda: Eu queria te perguntar o seguinte, você, a partir da sua experiência, com a temática de violência, cobrindo o craque nessas vezes em que você teve contato com assunto, você acredita que essa questão, a questão do consumo do *crack*, é um problema de saúde, violência segurança, trabalho, educação... Em que guarda, digamos assim, em que guarda-chuva o consumo do *crack* se enquadra hoje?

Eduardo Tchao: Eu não entendi. Pela experiência com o *crack*...

Fernanda: Não. Pela experiência que você teve na cobertura que você fez sobre o consumo de *crack*, né, que a gente conversou ontem, pela experiência que você tem cobrindo essa área de violência, que você me disse ontem que você tem muito contato com tragédia e tal. Você acha que essa questão do consumo do *crack*, de um modo geral, não apenas no Rio de Janeiro, ela tá em qual guarda-chuva? É um problema de saúde, violência, segurança, trabalho?

Eduardo Tchao: É um problema de saúde, né? Eu acho muito mais de saúde, né? Eu acredito que não existe um programa aqui nem em São Paulo de combate a essas vítimas do *crack*. Não tenha dúvidas disso. O *crack* é uma droga devastadora, né? E isso aí tem claro pra mim e pros especialistas na área de violência e também de ética, né? É uma droga, é a pior droga, entendeu? Uma das piores, né, porque eu acho que droga é tudo o mesmo nome. Droga é droga, né? Mas eu acho que o *crack* bate com a cocaína, né? As duas juntinhas estão ali destruindo o ser humano, né? Na minha opinião. Agora, não tem um programa de saúde no Brasil, nas grandes capitais, não tem hospitais para atender os pacientes, é tudo de maneira precária. E aí, o que acontece? Acontece que, quando fomos cobrir a cracolândia, tinha um garoto que foi visto na matéria em São Paulo, ele estuda no Santo Inácio aqui, perto do meu prédio. E aí, o que aconteceu? Foram tirar ele. Quer dizer, sempre teve a vontade de ele voltar. Só que não conseguiram. Levaram ele para Teresópolis, Itaipava, não sei, uma clínica lá. E o que aconteceu? Morreu. Apesar de ter sido retirado de lá, ele acabou

morrendo. A matéria foi pro Fantástico. Você pode até dar uma olhada nessa matéria do Fantástico sobre o *crack*, que mostra a tentativa de ajuda por parte dos alunos do Santo Inácio. Descobriram, viram ele. Só que o estado dele tava tão grave que não conseguiram recuperar.

Fernanda: Entendi. Pois é, eu tenho lido muita literatura na área de saúde, psiquiatras que investigam a droga, né, e o que eles dizem sobre a droga. Você acha que hoje em dia o retrato que se tem do usuário dependente de *crack* é um retrato estereotipado ou realmente ele é aquele indivíduo que é um zumbi mesmo?

Eduardo Tchao: Repete a pergunta, Fernanda.

Fernanda: Algumas literaturas que eu tenho lido dizem sobre como é o usuário de *crack*, como ele se comporta a partir das suas intervenções, né, na realidade social. Quando você fez a reportagem que trata do usuário de *crack*, ele é esse zumbi ou existe possibilidade [interrompida pelo entrevistado].

Eduardo Tchao: Essa é uma questão difícil porque tem a família, o serviço social, os médicos no geral, que eu acho que conseguem recuperar. Agora, é difícil, né? É aquilo que você falou, é uma pessoa muito violenta, não é? O *crack*udo é uma pessoa muito violenta, entendeu? Ele perde a noção. Não quer tomar banho, não quer colocar roupa. É aquilo que tá naquelas imagens todas que você deve ter aí. São aquelas imagens da cracolândia em São Paulo e da Avenida Brasil aqui no Rio e Jacarezinho aqui no Rio. São três contra um, só que essas três aqui no Rio não passam nem perto da de São Paulo. Não sei da cracolândia de São Paulo qual é o estado agora. Parece que o Dória estava batendo nessa tecla, né?

Fernanda: Tá batendo sim. Esse ano tá bem forte.

Eduardo Tchao: É, eu não sei como tá agora a situação.

Fernanda: Agora, em relação ao jornalismo, principalmente na televisão, que é o que eu tô estudando, você acha que existe algum caminho para que o jornalismo tente retratar e de alguma maneira contribuir no sentido de esclarecer, de prevenir, né, a ideia de um jornalismo para prevenção e de orientação também sobre o consumo e uso de drogas, em específico, né, eu tô tratando do *crack*, mas você acha que existe um caminho possível?

Eduardo Tchao: Eu acho que sim, cara. Mas não é fácil, né? É muito difícil, entendeu? Existir, existe. Você tem essa possibilidade de criar pautas positivas para o consumo do *crack*, mas não sei, cara. Eu não sei, Fernanda. Depende muito das redações. Quem vai querer ou não vai querer, eu não sei. Às vezes, essa

necessidade, e eu volto a dizer, em São Paulo foram feitas muitas matérias. Agora, aqui no Rio não chegou a esse nível ainda. O pessoal ainda não tá preocupado com isso. Então, não existe essa preocupação ainda das redações do Rio. Por enquanto, por enquanto.

Fernanda: Entendi, entendi.

Eduardo Tchao: Agora, São Paulo, óbvio que tem uma preocupação maior. Porque, afinal de contas, tem aquela cracolândia enorme.

Fernanda: Diria que são tantos temas importantes, relevantes e urgentes, Eduardo, que fica difícil pra que o *crack*, às vezes, tenha alcance naquele momento, não é isso?

Eduardo Tchao: É isso. Exatamente isso.

FIM DA DEGRAVAÇÃO

AGRADECIMENTOS FINAIS DESCARTADOS A PEDIDO DA SOLICITANTE

12)Entrevista com TELES, Lilia

Data da entrevista: 06/11/2017

Lilia Teles: Alô?

Fernanda: Oi! Lilia?

Lilia Teles: Oi, Fernanda, tudo bom?

Fernanda: Tudo bom e você?

Lilia Teles: Tudo bem.

Fernanda: É, queria te agradecer...

Lilia Teles: Descumpri sua hora, viu?

Fernanda: Não, imagina. Eu tava com outro colega seu também, há poucos minutos, com o Renato Biazzi. Tava conversando com ele também. E aí, eu também tô trabalhando assim, madrugadas, sem muito limite. Querida, bom, primeiro, foi um prazer conversar com você ali inicialmente por *e-mail*, né? Que a gente pode acertar nossa entrevista hoje, agradecer o seu aceite, né? Dizer que o objetivo dessa pesquisa, desse trabalho, é exatamente contribuir com uma compreensão melhor, até melhorar, quem sabe, né, as práticas, as reflexões, e queria te dizer que todo trabalho dessa entrevista e mesmo depois da degravação dela vai integrar a tese, né? Mas não vai ser reproduzido em nenhum outro espaço que não o da pesquisa da tese, tá? Então, só pra gente ficar combinado, também dizer para você que eu estou gravando, né? Pra você ter ciência e que a gente vá conversando assim. É, eu tenho um roteiro de perguntas aqui, mas também quero que você fique à vontade para me interromper e também pra me perguntar qualquer coisa que você tenha dúvida, tá bom?

Lilia Teles: Tá certo.

Fernanda: Então, Lilia, basicamente, eu recortei um período do JN pra fazer minha pesquisa de doutorado. Nesse período, existem duas reportagens tuas que falam sobre *crack*, né? E as duas foram veiculadas em 2013, uma na sequência da outra. Uma em 19 de fevereiro e outra em 20 de fevereiro. Uma delas é “Adultos dependentes de *crack* começam a ser internados de forma involuntária no Rio” e “Usuários de *crack* do Rio voltam a serem vistos na Avenida Brasil”, né? Então, a entrevista gira em torno dessas duas reportagens. Eu sei que foi em 2013, mas você conseguiria se lembrar de como é que foi o processo de produção de quando essa pauta caiu pra você, Lilia? Desde o pedido, né? "Olha, Lilia, tem essa pauta pra ti,

você vai cobrir esse assunto". E aí toda conversa que foi mais ou menos pra você chegar ao final a exibição desse material?

Lilia Teles: Olha, eu me lembro de alguma coisa, sim. Quando eles decidiram colher essa pauta, era um episódio que tava acontecendo, que acabou recolhendo. Decidiram por algum motivo que eu não me lembro qual recolher esses usuários de *cracks* ali do Parque União, que eu não me lembro, é na Avenida Brasil, se eu não me engano. Se eu não me engano, era ali na altura do Parque União, onde ainda tem uma crackolândia muito forte. São dois lugares do Rio onde a situação ainda é muito "braba". Tem pequenas crackolândias, mas esses dois lugares, Parque União e Jacarezinho, são os piores. E eles estavam recolhendo os usuários da Avenida Brasil e eu me lembro que a gente acompanhou a minha pauta. Eu me lembro deles terem oferecido pro JN como um factual, né? Que era o pessoal recolhendo esses usuários e levando, sabe? Desmontando aquele acampamento que eles tinham ali. Isso foi oferecido pro JN e eu era a repórter, a gente não tem muito... Quando tem uma pauta como essa, é escondido ali entre a gente e depois diz que foi levado pro JN pra ver se eles querem e tal, e foi o que aconteceu. Eles queriam essas pautas porque era realmente uma operação muito grande de retirada desses usuários lá da Avenida Brasil. E a minha parte ficou uma parte mais humana, que era deles terem levado pros hospitais, né? Alguns deles atenderam ao chamado, foram e se entregaram espontaneamente pra essa internação. Eu me lembro de ter um hospital que era um hospital novo, tinha sido, sei lá, eu fiquei um tempo fora do Brasil, então, quando eu voltei, o *crack* tinha tomado conta, sabe? Do país.

Fernanda: Desculpa te interromper, você ficou quanto tempo fora do país, Lilia?

Lilia Teles: Eu fiquei de 2006 a 2010.

Fernanda: Sim.

Lilia Teles: Deixa até eu te contar uma coisa. Antes de ir, uma das últimas matérias que eu fiz antes de ir pra Nova Iorque, eu fui correspondente lá durante 4 anos. Uma das últimas foi uma matéria com usuários de *crack*, e o *crack* tava começando a chegar ao Rio. É, e tinha uma lenda urbana de que o *crack* não se criava aqui porque os traficantes não deixavam, que *crack* era uma droga de São Paulo, então, que isso não pegava aqui porque é uma droga também muito letal, né? Rapidamente vicia e mata, então, pra eles, não era rentável, era o que se dizia na época. Mas eu entrevistei alguns usuários de *crack* e tava chegando, tanto que chamou atenção e virou uma pauta nossa, tava chegando fortemente aqui ao Rio e eu conversei com alguns

usuários e eles me disseram que, é... A dificuldade que era pra largar, que um deles foi ajudado por uma mulher, que era uma mulher muito generosa, que quase que levou ele pra dentro da casa dela, e ele matou essa mulher pra roubar dinheiro. Era uma coisa assim, era muito pesado, né? Mas isso ainda era pontual, né? Apesar de tá já internado, ainda era uma história pontual. Mas quando eu voltei, em 2010, era uma coisa que tinha se alastrado pelo Brasil inteiro, por ali, naquelas pequenas aldeias de pescadores do Nordeste, sabe? Tudo ficou violento, tudo ficou muito perigoso em função do *crack*. E eu vi essa pauta, eu achava até que ela não tinha sido em 2013, eu achava que era antes. Então foi em 2013, né?

Fernanda: É, essas duas do Rio foram em 2013. Eu não consigo resgatar, pelo menos eu não consigo, né? Porque eu tenho acesso pelo Google Play, mas eu não consigo resgatar o que é anterior, porque, na verdade, é a minha pesquisa. Eu queria um período de 2010 até 2017, daí depois... Só que, assim, eu também tinha uma expectativa, eu confesso, até otimista e desmedida eu diria, né? Que era de conhecer pouco antes, no início da década, da primeira década do século 21, entendeu? Eu queria pegar esse recorte, mas eu não tenho acesso a isso, entendeu? Que, provavelmente, é essa reportagem que você tá falando, que você fez antes de ir embora.

Lilia Teles: Acho que era por volta de 2005/2006, se eu não me engano. Foi um pouco antes de me mudar pra Nova Iorque. E aí essa de 2013 já era uma coisa muito pesada, era chocante. Já tinham muitos usuários andando ali até feitos zumbis, né, no meio da Avenida Brasil. E aí eu me lembro que eles foram levados pra esse hospital e nesse hospital a gente não podia filmar, a gente não podia entrar. Mas eu consegui com os enfermeiros ali, conversando com ele e ele me deixou entrar sem câmera, e eu fui até o lugar onde esses garotos estavam internados. Era uma ala e eram todos muitos jovens, eu acho que não eram só garotos, eram garotas também. E eles ficaram numa ala, era um hospital novo, como eu disse, e era uma ala muito clara, e aí eu me lembro de entrar no quarto desses garotos e ficar muito impressionada porque eles defecavam na cama, eles se alimentavam na cama, eles ficavam embaixo do cobertor com a cabeça escondida e viviam como bichos. Comiam com a mão, sabe?

Fernanda: Degradante, né?

Lilia Teles: Era uma coisa muito esquisita, muito triste de ver, meu Deus do céu. E aí isso foi o nosso relato. Eu não me lembro também se tinha uma pauta, talvez você até

tenha visto, olhando esse material todo, se tinha... era só uma matéria minha ou tinha de outras pessoas também nesse mesmo jornal?

Fernanda: Não, eram duas em dias seguidos.

Lilia Teles: Duas seguidas minhas, né?

Fernanda: Exato.

Lilia Teles: Então, é porque a gente mostrou a operação e mostrou essa parte humana que era o recolhimento deles, porque existia uma discussão e ainda existe essa questão do recolhimento, né?

Fernanda: Sim, compulsório.

Lilia Teles: Essa coisa compulsória é uma discussão muito antiga, né, porque alguns foram, só quem quis ir é que foi. Não pode pegar e levar e enfim, era essa coisa. E aí a nossa dúvida era isso, e agora? O que vai acontecer com essas pessoas? Elas ficam, algumas são levadas pra clínicas mais distantes e tal. Não sei o que aconteceu com essas pessoas, e o engraçado é que você tá me dizendo isso, você tá me fazendo lembrar de uma coisa que esse ano agora teve a nossa reunião anual de pauta e eu sugeri isso, eu tô marcada pra fazer uma série sobre *crack* agora, e a minha ideia era essa de voltar naquele hospital pra saber o que aconteceu. Vamos acompanhar, vamos comentar com essas pessoas responsáveis por esse recolhimento se essas pessoas tiveram alguma melhora, se essas pessoas partiram, né? O que acontece. Porque a gente acaba não conseguindo acompanhar durante muito tempo, né? Eu me lembro, a matéria do dia seguinte você se lembra do que que era?

Fernanda: Uma era sobre os adultos dependentes de *crack* que começaram a ser internados involuntariamente no Rio e, na sequência, no outro dia, você fez uma matéria sobre usuários de *crack* do Rio que voltaram a ser visto na Avenida Brasil. Então, era, tipo assim, uma suíte do dia anterior, entendeu?

Lilia Teles: Era isso, pra mostrar que muita gente que foi, na verdade, a gente que tirou de lá, né, isso já aconteceu esse ano, já aconteceram várias dessas operações. Daqui a 15 minutos já tá todo mundo lá de novo ou a poucos metros dali, e acho que era mais ou menos isso. Eu não tenho muito bastidor da produção, sabe? Porque era uma matéria factual que a gente ia cobrir de qualquer forma, mas a pegada era essa, além dessa pegada da operação, a pegada mais factual, tinha também essa questão humana, que era pra ver o que ia acontecer com essas pessoas e, enfim, por que elas decidiram ir, mas a gente, na verdade, não podia conversar com elas também.

Fernanda: Inclusive, em uma das reportagens, o Bonner faz uma *nota pé* em que ele diz assim: “A prefeitura do Rio disse ainda que os usuários recolhidos serão cuidados como pacientes, mas não explicou como vai mantê-los internados contra a vontade deles.”

Lilia Teles: É, eu me lembro disso. É verdade. Era uma questão assim, como é que vai manter porque a gente sabe que a reincidência é uma coisa que, né?... e o vício deixa todo mundo ali louco pra voltar pra aquele negócio. Então, a gente acompanhou durante um tempo, mas depois a gente acabou perdendo esse fio da meada. E a minha proposta esse ano era justamente voltar a esses lugares e tentar, só que esses lugares ficaram muito perigosos, é uma grande dificuldade pra gente dar prosseguimento pra essa ideia, é justamente chegar até esses lugares mais frequentados por esses usuários, onde falam as maiores cracolândias essa do Jacarezinho e do Parque União, porque se tornaram lugares muito perigosos, muito. O Jacarezinho tem tiroteio a torto e a direita. Parque União é na entrada dessa favela, que é também superperigosa e esses usuários lançam coisas na gente, sabe? É bem difícil, tem que ser com câmera escondida, e também não pode identificar, tem todo aquele cuidado que a gente normalmente tem com aquelas pessoas.

Fernanda: E é só para informação, né, acho que pode te ajudar também, a Bette Lucchese fez uma série de reportagens nesse mesmo ano que você fez essas duas e ela... foi três meses depois que você fez as duas, entendeu? Você fez em fevereiro e ela fez em maio. Salvo engano, são quatro reportagens dela com uma equipe também viajando para o interior do Brasil.

Lilia Teles: Isso, eles foram pro Amazonas, não é?

Fernanda: Isso. Mato Grosso do Sul, enfim. Inclusive, eu fiz uma anotação aqui assistindo a uma das suas reportagens em que eu coloco assim: a fala do secretário do governo, que você entrevistou, serve para explicar o tipo de tratamento, serviço que vai ser oferecido, explicando que medicamentos são ministrados e a contenção dos dependentes pra que eles não atentem de forma violenta contra eles mesmos ou contra outras pessoas. E aí a matéria de 1 minuto e 56 segundos foi uma matéria que você fez milagre, que eu acho, né, na minha opinião. É, fecha com a fala do coordenador de atendimento psiquiátrico que traz uma visão um pouquinho diferenciada do que todos os outros é... as outras fontes dizem, né? Eu tenho aqui o que ele fala, vou só retomar pra você, pra de repente ajudar. "Será oferecida a oportunidade de eles abandonarem aquele estilo de vida. Ao contrário do que muita

gente pensa, eles desejam abandonar”. Então, eu anotei aqui como destaque que a fonte traz uma outra perspectiva do que geralmente é retratado, que o *crack* não tem retorno, não tem jeito, é uma droga que gera muitos estereótipos, e aí vem o coordenador de atendimento psiquiátrico da Prefeitura do Rio de Janeiro e fecha a matéria com isso que eu achei bem interessante. Você quer comentar alguma coisa Lilia?

Lilia Teles: Então, eu acho que, quando eles começaram essa operação, era justamente pensando nisso, porque se acha que não tem retorno, que não vai adiantar absolutamente nada, eles nem sabem, né? Mas eu me lembro que era um grupo muito focado nisso, era muito voltado pra essa questão da oportunidade que era dada ali a esses usuários. Eu me lembro de ter... o engraçado é que agora eu vou voltando coisas assim, né, minha cabeça tá tão povoada aqui. Mas eu me lembro disso, que isso era uma coisa que chamava a atenção porque ele queria que aquelas pessoas voltassem pra casa, largassem mesmo e ele acreditava nisso, ele acreditava nessa possibilidade, por isso que ele ofereceu vagas nesses hospitais, vagas em outras clínicas, sabe? A prefeitura, aquele grupo ali da prefeitura, estava bem empenhado nesse trabalho, tava bem focado nisso. Então isso que ele falou, eu nem sei por quanto tempo isso foi levado, por isso eu te digo que tenho vontade de voltar lá, porque eu não sei por quanto tempo essas pessoas ficaram internadas, o que que resultou aquilo, sabe, se as pessoas saíram, voltaram, pararam, voltaram pra rua, eu não sei. Mas eu me lembro que era um grupo bem imbuído desse propósito, que acreditava realmente que, ao contrário do que se prega, né, consegue-se salvar, consegue-se sair desse poço fundo que é o *crack*.

Fernanda: E você sugeriu essa série? Já tem uma provação da equipe, dos editores ou ainda tá numa negociação? Você tem previsão de quando seria essa série?

Lilia Teles: Foi uma pauta aprovada, teve uma série de pautas e de séries aprovadas nessa última reunião, já tem um tempo e ela ficou pra ser produzida. Como eu viajei muito esse ano, eu fui pro Líbano, pra Geórgia, então, eu acabei ficando muito tempo fora e a gente não teve muito tempo pra produzir, e a minha produtora agora que vai cuidar dessa série que ela também tinha sugerido algumas coisas. Ela tá de férias e ela deve voltar por agora, e aí eu entro de férias. Então, tá meio confuso, mas em algum momento a gente vai sentar pra poder retomar essa pauta, e era justamente isso. A minha faxineira, uma senhora de 70 anos de idade, o filho único dela de 36 se tornou usuário de *crack* já mais tarde, sei lá, tipo com 30/31, alguma coisa assim. Ele

começou a usar *crack* e ela tem passado por esse drama, então, a minha sugestão era até que a gente acompanhasse a Dona Gigi nessa busca, porque ela vai atrás dele e fica lá no Jacarezinho, que é esse lugar mais violento de todos, e fica lá. Ela é uma senhora de 70 anos. Imagina, pega ônibus, vai lá atrás dele, sabe? E sai procurando no meio daquelas... Ela falou: “Dona Lilia, ele virou um zumbi, um morto-vivo, aí chega em casa todo sujo. Chega lá, fica um dia e depois some de novo”. Ela falou que já acabou se acostumando a esse drama. Ela falou: “Eu não sei mais o que vai acontecer, ele vai morrer, meu pressentimento é esse e eu vou junto porque é meu único filho, a única coisa que eu tenho na vida”. Tem coisa mais triste do que isso?

Fernanda: É, é uma sentença anunciada, né, Lilia?

Lilia Teles: E a minha sugestão numa dessas pautas era justamente acompanhar ela, sabe? Só que pra gente se tornou muito perigoso. A minha produtora tinha uma outra proposta, que era também de se infiltrar entre esse pessoal de ONG pra poder ajudar e acompanhar ali mais ou menos o que é feito por eles e tal, mas eu também não sei citar se vai ser viável, sabe? Mas eu tô só esperando ela voltar de férias pra gente sentar e esquematizar alguma coisa.

Fernanda: Bacana. Pegando o gancho nisso que você tá me dizendo, me parece que então você já cobriu algumas vezes esse tema e tem alguma proximidade, né? Você acha que existe uma necessidade, Lilia, dos jornalistas... Eu pesquiso televisão, aliás, existem poucas pesquisas sobre a cobertura do *crack* em televisão, né, de modo que possa contribuir também, né? Porque eu acho que um dos legados que a gente pode dar pra o mercado e pra quem tá no mercado é devolver também aquilo que a gente estuda como uma forma de contribuir para as melhorias, né, de prática e etc. Eu pelo menos encaro desde que ingressei no doutorado dessa forma, sabe? E quando, minha pergunta vai mais ou menos no seguinte ponto: Você acha que é possível ou necessário que a gente tenha aí uma formação ou uma possibilidade de que o jornalista que cobre esse tipo de tema, que são temas complexos e exigem uma certa expertise e até mesmo com relação à segurança, né? Você acha que é necessário ter algum tipo de formação ou melhor engajamento do jornalista com pesquisa científica pra tentar melhorar as condições de cobertura e aí com isso contribuir pra orientar, sanar mais as dúvidas da sociedade, contextualizar mais a temática? O que você pensa sobre isso?

Lilia Teles: Eu acho o seguinte. Acho que, pras matérias mais complexas, pra uma série sobre *crack*, por exemplo, é necessário que você se aprofunde muito mais. E no

trabalho, o fato de pesquisa mesmo, né? Eu acho que é importante esse aprimoramento de conhecimento sobre o *crack*, que é realmente muito complexo. Quanto mais você olha, tem ângulos que, de repente, você nem sabia que existiam, né, é um tema que é muito... primeiro, eu acho que tem várias pegadas, tem pegadas humanas, pegadas cruéis, enfim. Tem uma série de nuances desse tema que eu acho que você pode abordar. Eu acho que precisa, realmente, que seria necessário um aprofundamento, um contato direto com alguém que, algum pesquisador que... a gente sempre faz isso, né, nessas matérias mais longas, onde a gente tem um trabalho mais extenso, onde tem mais tempo também pra mostrar, a gente sempre tem contato com alguém que é envolvido nessa causa, que sabe muito mais que a gente, que pesquisa. Então, a gente acaba se interagindo desses assuntos com essas pessoas especializadas. Acho que pro factual, assim, eu acho que a gente acaba fazendo é... como as matérias são muito curtas, essa aí, por exemplo, de 1m56s é até grande, o JN tem uma média de 1min e meio, então pro factual acho que a gente consegue com o conhecimento que a gente tem, com o que você via acontecendo ali funciona, e mais uma *sonora* de alguém que seja inteirado daquele assunto. Mas eu concordo com você nessa questão das matérias mais extensas, das séries. É preciso que a gente trabalhe junto com alguém que a gente acaba não se especializando muito nisso porque a gente cobre tudo, né? Absolutamente tudo. Então, a gente acaba não se especializando. Mas quando você decide fazer uma série dessa que é mais abrangente, mais profunda, aí, é claro, que você precisa de uma pesquisa muito mais abrangente, muito mais, alguém que saiba realmente o que tá falando pra também não falar besteira.

Fernanda: Sim. A minha pergunta também converge, né, pelo fato de que, até mesmo no recorte que eu fiz do JN, tem muito especialista que fala da droga já numa situação de epidemia ou pandemia, né? E aí, assim, a pergunta que eu faço é no sentido de, dadas as circunstâncias de a gente ter, segundo pesquisa da Confederação Nacional dos Municípios, 98% dos municípios brasileiros hoje terem a presença do *crack*, né, eu vivo numa cidade com 42 mil habitantes que tá no mapa do *crack* também, no Oeste Baiano.

Lilia Teles: Você mora onde?

Fernanda: Hoje eu moro no oeste baiano. Eu vim pra universidade pública daqui, pra dar aula aqui, mas eu morava em Brasília. Morei em Belo Horizonte também um período. E sou do Mato Grosso do Sul. Então, assim, dadas essas circunstâncias,

será que o nosso... seria muito desafiador exigir ou seria exigir demais do jornalismo que tentasse buscar essas informações mais contextualizadas, às vezes, em artigos científicos, Lilia?

Lilia Teles: Eu não acho que seja tão difícil assim. O desafio é justamente pra formar uma pesquisa tão densa quanto essa, de um tema tão pesado em algo que as pessoas entendam. Porque é essa a grande dificuldade. As pesquisas, normalmente, têm uma linguagem que é muito mais sofisticada, muito mais técnica, então, eu acho que o desafio é esse, mas eu acho que dá pra, assim, plenamente correrem juntas as duas pegadas, que eu acho que a pesquisa é fundamental pra dar um embasamento desse trabalho que a gente leva pra milhões de pessoas. Então, essa pesquisa pode ser, a divulgação dela, às vezes, acontece através da gente, né? Então, são pessoas que podem trabalhar juntas, são profissionais que vão ajudar. Eu acho realmente, foi essa sensação que eu tive quando eu voltei, que existia uma epidemia, uma pandemia, era uma coisa que eu falei: Gente mais não é possível, o que aconteceu? E era uma tragédia anunciada, né? Quando se começou com isso e foi vindo, e quando eu cheguei eu falei: Caramba, que coisa horrorosa, meu Deus do céu, o que aconteceu? E ninguém sabe explicar o que aconteceu. Simplesmente deixaram pra lá. Eram viciados pobres com uma droga letal. Vai matar mesmo, vai viciar mesmo, então foi deixando e virou isso. Virou o que a gente assiste hoje pra todo lado. Então, acho que a pesquisa é fundamental quando você aprofunda em um tema como esse. É maravilhoso a gente ter uma fonte como essa, entendeu? A gente ter a quem recorrer, alguém que sabe do que tá falando. Então, dá pra trabalhar junto, sempre. Essa questão da linguagem, e aí a linguagem a gente traz mais pra gente dar uma simplificada, justamente pra que ela se torne mais acessível, né?

Fernanda: Eu estou explorando isso com você porque o meu orientador, o Luiz Martins da Silva, pesquisador da UnB já aposentado, publicou em 2013, salvo engano, um texto em que ele diz que o jornalismo está passando por uma série de crises, né? E dentro dessas crises pelas quais o jornalismo passa, uma das alternativas de sobreviver e emergir desses problemas todos, seja de audiência, credibilidade ou enfim, quaisquer que sejam eles, da crise econômica, inclusive, seria o jornalista oferecer uma coisa que, segundo ele, é uma especificidade da profissão do jornalista, que é a mais-valia do trabalho. É o que ele chama de sobretrabalho, né? Então, o que seria esse sobretrabalho? Não dá para o jornalista sair pra uma pauta mais ou menos, com feijão com arroz, né? Eu tô traduzindo aqui. Ele teria que ir muito além, e esse

muito além é o que exatamente ele mostra como sendo a grande moeda de troca do jornalismo, que seriam essas contextualizações, essa possibilidade de investigar e de empenhar mais tempo nas coberturas. Por isso que eu tô assim.

Lilia Teles: Então, a gente tem alguns jornais que falam que cabem matérias bem grandes, né? O *Bom Dia Brasil* é um jornal desses, o *Jornal da Globo* mais ou menos, mas o JN é aquele jornal que é um resumo do resumo. Então, a gente já aprende também, ao longo da nossa trajetória aí, a contextualizar e a fazer de uma forma inteira, mas dentro de um tempo muito curto, né, em um tempo muito pequeno. Então, isso pra gente é um grande desafio também. E eu concordo plenamente com ele: esse investimento, acho que é a única forma, que o nosso principal tesouro é a nossa credibilidade. Então, pra fazer isso, você tem que tá completamente atento a tudo, né? Tem que tá por dentro. Então, isso eu acho fundamental também. A gente tem essa questão do tempo em jornais de muita audiência, mas tem espaços ótimos, como, por exemplo, na Globo News, tem espaços ótimos no *Globo Repórter*, no *Fantástico*, é o que a gente tenta fazer quando não cabe em um jornal no dia a dia. A gente parte pra um outro espaço. Eu acho totalmente. Não tem nenhuma outra saída a não ser a gente se apegar ao conhecimento, espalhar e levar de uma forma legal pra todo mundo.

Fernanda: Então, Lilia, e aí assim nesse mesmo caminho das perguntas que eu tô fazendo pra você, a gente sabe que o JN tem pautado muitos assuntos relativos à corrupção, política, Brasília, mas claro que não apenas isso. Mas tem sido um grande tempo do telejornal. Eu sei que, assim, você não pode responder pelo jornal como sendo um editor e etc., porque não é o seu caso, mas você conseguiria me dizer se existe, por exemplo, por parte do jornal, do telejornal, uma orientação no que diz respeito a temas que os repórteres ou que as pautas devem ter mais cuidado? Temas que devem vir à tona de tempos em tempos com uma retomada, um resgate, uma lembrança, seja do assunto [interrompida pela entrevistada]

Lilia Teles: Não, não existe uma orientação nesse sentido. Existem sugestões que surgem de todas as praças, como essa minha agora. A gente sugeriu que voltasse a esse assunto. Enfim, de vez em quando, surgem os mesmos assuntos lá de trás e que a gente dá um outro trabalho e acaba fazendo de uma forma diferente, mas não existe nenhuma recomendação.

Fernanda: Entendi. E você acha que você hoje, a compreensão que você tem do problema do consumo do *crack* é um problema de saúde, de violência? Ele tá em que caixinha, se assim eu possa dizer?

Lilia Teles: Eu acho que ele englobou tudo, né? Eu acho que ele é um problema de educação, de falta de educação, de investimento na educação desse país. Ele é falta de investimento na saúde, ele é falta do cuidado que esse país teve, a falta de cuidado com as pessoas, com a formação desse país, com a falta de segurança nas fronteiras, com a falta de segurança pra todo lado. Eu acho que ele engloba tudo. Ele gera violência, ele é um retrato da miséria, ele é um retrato do sofrimento, da falta de investimento nesse país, sabe? Assim, durante muitos anos, acho que existe um abandono, porque é essa coisa de se deixar pra lá. Vão deixando e vão empurrando com a barriga até chegar nesse ponto que eu acho que é quase irremediável. Eu acho uma tragédia, eu acho que dentro dessa caixinha do *crack* cabe tudo, sabe? A criminalidade, a falta de segurança, a falta de saúde, falta de investimento no ser humano.

Fernanda: Certo. E você ouviu muita gente, assim, da prefeitura, né, na época que fez as reportagens. Eu acompanhei de perto vendo aí quais são os pontos de maior problema das crackolândias. A gente teria alguma possibilidade de entender essa questão do consumo do *crack* como sendo um problema muitas vezes que o Estado, os organismos públicos deixam por conta do usuário? Eu tô correta em fazer essa afirmação na sua compreensão como jornalista? É um problema mais do usuário do que do Estado? E aí, na mesma sequência de raciocínio, parece que o *crack* é uma droga que incomoda mais, por exemplo, que a cocaína, é uma droga barata, mas é uma droga que suja a cidade, visualmente. As cidades, não só uma cidade, e aumenta a criminalidade. Será que o *crack* é visto também como uma epidemia por conta disso, Lilia?

Lilia Teles: Sim. Eu acho que ela é resultado desse abandono, eu acho que ela existe em função de tudo isso. Eu acho que ela se perpetuou e se espalhou. Ela tomou conta de tudo, dos grandes centros, pequenos centros desse país, em função desse abandono. Ela foi relegada, sim, do plano, ninguém quis fazer nada durante muito tempo, eu acho. As autoridades abandonaram esses usuários que começaram lá atrás e foram outras gerações que foram chegando e que foram também se envolvendo nisso, sabe? Eu acho que eles fazem vista grossa realmente. É impressionante assim de ver. Eu acho que, de tempos em tempos, eles fazem essa limpeza. Limpeza entre

aspas, que é essa coisa, que é aquilo que aconteceu em São Paulo e que acontece aqui esporadicamente. Vai lá, mas não é feito de uma forma muito... aqui, agora, há pouco tempo, fez uma, eu não sei se você viu, fez uma matéria, eu acho, que era local, se eu não me engano, que eles foram lá, recolheram, mas a prefeitura não participou. Então, a PM foi, recolheu, mas aí a prefeitura: "Não, vamos deixar isso pra lá e tal", e deixou pra lá realmente. Então, isso tudo, acho que esse quadro, esse cenário degradante que a gente encontra em muitos lugares desse país, eu acho que tudo isso é em função desse abandono, da falta de cuidado que se teve durante muitos anos e que hoje eu não sei mais se tem jeito. Eu acredito, eu espero, tenho uma esperança enorme que ainda se consiga reverter, mas olhando assim, a olho nu, eu acho que não tem jeito mais, sabe? Eu acho que foi resultado mesmo de anos e anos de deixa pra lá. Aí vai gerando criminalidade, vai gerando violência, vai virando esse cenário que eles consideram feio, né, que empobrece a cidade, que deixa tudo muito mais sujo. Porque são aquelas pessoas que não se cuidam, que não tomam banho, enfim. Aí vão lá, dão uma limpeza e esparramam pra lá.,, Aí, daqui a pouco, tá em outro canto, mas vai deixando porque é tão difícil de cuidar, né? Eu acho que essa é a mentalidade deles. "Ah, é tão difícil, deixa pra lá, esse povo não incomoda ninguém, então, se você mantiver ali o *crack* deles". É mais ou menos isso, sabe? Porque é droga de gente mais pobre, né? É triste demais.

Fernanda: E você acha que o jornalismo poderia contribuir de alguma maneira para mudar esse contexto de... [entrevista interrompida pela jornalista]

Lilia Teles: É o que a gente vem tentando fazer, sabe? Ou pelo menos a gente vai tentando, né, de uma forma ou de outra. Não dá pra fazer disso um tema diário, né? Mas dá pra gente mostrar, pra ver as coisas que acontecem. Vira e mexe a gente tá fazendo alguma pauta nessas cracolândias e mostrando e chegando às autoridades: E aí, é isso mesmo? Vai deixar todo mundo pra lá? Então, a gente vai tentando fazer. Mas é claro que nosso papel é muito importante nesse processo todo, eu não sei se a gente consegue reverter, mas também não dá pra abandonar, como tanta gente faz.

Fernanda: Entendi. É, você acha que é possível mais ou menos nos moldes que a gente tem hoje o Outubro Rosa, Setembro Amarelo, Novembro Azul, o jornalismo tentar trabalhar numa perspectiva de campanha? Não digo de publicidade, mas de publicização dessa temática? Porque o que eu vejo, Lilia, dialogando um pouquinho com a amostra que eu tenho, é que, em 2012, teve muita coisa sobre o *crack*. Em 2013, teve a série da Bette e outras reportagens, incluindo também as suas. Em 2014,

já teve bem pouca coisa, em 2015 pouca coisa, em 2016 nada. Foi o ano de zika, microcefalia e muita coisa de política também. Em 2017, volta novamente, né? Você acha que é possível colocar essa como uma temática emergente aí e tentar fazer com que o telejornal, e não apenas o JN, mas outras mídias também, fizessem um engajamento pra tentar desconstruir estereótipos e por aí vai?

Lilia Teles: Acho que sim. Uma das armas que a gente tem é justamente a informação, né? Quanto mais você informar as pessoas, os jovens, principalmente, sobre o risco que corre com esse *crack*, quanto mais você expuser os riscos que ele oferece pra vida e pra saúde. Então, acho que cada coisa dessa que a gente faz, acho que ajuda muito. Se atingir doze pessoas, já é um trabalho de bom resultado, né? Então, eu acho que precisa muito mais disso. Eu reconheço que a cobertura acaba sendo pequena, mas também é tanta coisa que acontece, né? Mas eu acho que o que não pode é deixar. De tempos em tempos, tem que se voltar realmente a falar disso. Uma campanha como essa talvez? Talvez sim, né? Talvez uma campanha bem intensiva em função dessa coisa de falar do *crack*, acho que pode ser uma forma de ajudar. O que não dá é pra esquecer.

Fernanda: Uma estratégia, né?

Lilia Teles: É.

Fernanda: Lilia, eu sei que a hora aí já tá avançando, né, tô tentando ser breve também aqui no meu roteiro. Tem algum outro comentário que você gostaria de fazer, acrescentar... enfim?

Lilia Teles: Eu acho que não. Eu acho importantíssimo esse trabalho que você tá fazendo, porque, quando você me mandou, eu falei: Nossa, que coisa bacana, que coisa boa que tem gente preocupada com isso, né? E é uma coincidência enorme porque é justamente desse assunto que a gente tá tratando ali nessas nossas reuniões. A gente fica tentando encontrar uma forma pra falar do *crack* de uma forma que não seja tão agressiva, de uma forma que não seja tão maçante, né? Então, é um grande desafio. Vamos tentando ver o que a gente consegue fazer. Eu acho que o que a gente puder fazer daqui é bacana. E você fazendo daí tanto com outros pesquisadores, enfim, tanta gente empenhada, não é possível que a gente não consiga alguma coisa. E que seja assim, fazer as autoridades tomarem algum desafio ou por vergonha, né? Porque não é possível, tá todo mundo fazendo alguma coisa, não é possível que a gente também não vá fazer.

Fernanda: É interessante isso e até porque, geralmente, o *crack* é a droga do outro, né? Não me atinge. É esse pessoal que fica incomodando na rua, né? Isso é muito, isso eu acho que de algum modo atrapalha os avanços nas políticas públicas, atrapalha até a perspectiva de cobertura mesmo, sabe, fazendo uma leitura minha, né?

Lilia Teles: Eu tenho uma visão que eu acho meio revoltante assim, que tem um grupo que eu acho que é preto, pobre e mora longe, sabe? Que aí entram esses usuários de *crack*. Incomoda, mas não tá muito perto de mim, né? Aquela coisa que incomoda a cidade, mas tá longe da Zona Sul, sabe? É isso. Se tivesse uma cracolândia aqui na Zona Sul, talvez a coisa fosse mais, talvez as ações fossem mais voltadas pra isso, mais objetivas. Eu fui fazer agora há pouco tempo uma morte de um garoto, e essa morte me deixou muito marcada. Eu tenho feito mortes uma atrás da outra também. É um absurdo o tanto de gente morrendo de bala perdida nessa cidade ou executado, enfim. Mas tem esse garoto, entrava nessa qualificação, sabe? Que é preto, pobre e mora longe, em Japeri, na Baixada Fluminense. E é um garoto que tava dentro de casa, tava tendo uma operação na comunidade onde ele mora, um garoto de 15 anos. Aí tava tendo uma operação e a mãe foi na padaria, escutou o tiroteio e voltou correndo. Ele tava deitado numa poça de sangue dele, com vários policiais no quintal da casa dele. Ele foi confundido com bandido e morto com tiro de fuzil na barriga. No que ele deve ter saído no quintal e tinha uns garotos que tinham fugido e faziam parte da boca de fumo, então, esse aí, assim, ninguém vai fazer nada por ele também, vai ficar nessa situação de impotência, família, de impunidade dos policiais. Enfim, acho que o *crack* é isso também: ninguém faz nada de forma muito efetiva, é tudo muito brando, tudo muito suave, tudo muito sorte assim pro azar, não tem uma mão firme pra chegar ali, tirar e falar: Aqui não volta mais, enfim.

FIM DA DEGRAVAÇÃO

AGRADECIMENTOS FINAIS DESCARTADOS A PEDIDO DA SOLICITANTE

13)Entrevista com TURCI, Fábio

Data da entrevista: 22/11/2017

Olá Fábio,

Bom dia. Primeiramente, muito obrigada pelo retorno. Compreender o fenômeno que estou estudando e poder dialogar com os repórteres que estão cobrindo o assunto é fundamental. Entender o lado de quem produz, a rotina e o processo como um todo é imprescindível para mim. Bem, eu farei uma apresentação aí embaixo. Vou inserir as perguntas que fiz e você fique à vontade. Pode me responder por email, pode me responder por telefone ou por Skype, conforme for melhor para você. Eu gostaria muitíssimo de contar com seu apoio. Sei que não é um especialista no tema, mas você pode me ajudar muito a compreender as interfaces de uma cobertura jornalística sobre o assunto. Mais uma vez meu muito obrigada. aguardo seu retorno.

Bom dia, Fábio. Sou pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) e minha tese de doutorado na Faculdade de Comunicação tem como objetivo estudar a cobertura jornalística, em especial da televisão, em relação ao consumo do *crack* e suas implicações. No recorte que fiz, existem duas reportagens suas que foram para o JN: uma em 2014 <https://globoplay.globo.com/v/3083141/programa/>, e outra em 2017 <https://globoplay.globo.com/v/5900272/programa/>. As perguntas que quero fazer dizem respeito ao processo de produção dessas reportagens e seguem abaixo:

1) Você poderia descrever como foi o processo de produção, desde a pauta, até que essas reportagens fossem ao ar?

No caso da primeira (na Cracolândia), grande parte do material (imagens, entrevistas) já havia sido gravada por equipes nossas que estavam no local pela manhã. Era um factual e nossas equipes foram cobrir para vários telejornais locais e de rede. Nessa reportagem, as entrevistas com usuários de *crack* foram feitas por colegas meus. Eles estavam lá nas horas de trabalho dos usuários de *crack*. Eu e minha equipe, que havíamos sido escalados para trabalhar um pouco mais tarde naquele dia, fomos incumbidos de preparar a reportagem para o JN. Entrevistamos a secretária de Assistência Social, filmamos a desmontagem dos barracos nas ruas e gravamos a passagem. Juntamos tudo para compor a reportagem final. A pauta era

factual – o primeiro dia de trabalho dos usuários num programa que estava começando. Num caso como esse, nosso objetivo é simples e óbvio: acompanhar e contar como foi.

No caso da segunda reportagem – a que foi feita em Nova Iorque –, nossa missão era complementar a cobertura do *crack* no Brasil com um “side”, uma reportagem mostrando como Nova Iorque lidou com o problema no passado. Essa é uma utilidade frequente de um escritório internacional – mostrar um exemplo de como outro país lidou com um problema que o Brasil também enfrenta. Algo que pode ajudar os telespectadores brasileiros a ter uma visão mais contextualizada e a formar uma opinião. Nesse caso, o pedido também foi simples: contar o que fez Nova Iorque. Foi um trabalho, essencialmente, de pesquisa, de arquivo.

2) Que "ganchos" jornalísticos justificaram a realização da reportagem sobre o *crack* em Nova Iorque, por exemplo?

A Prefeitura de São Paulo havia pedido autorização para fazer internações compulsórias de dependentes químicos. E a Justiça havia autorizado a apreensão de dependentes químicos com mais de 18 anos na chamada “cracolândia”. Era uma medida controversa. E, além disso, era mais uma tentativa de lidar com o problema do *crack* em São Paulo, entre tantas outras que não funcionaram antes. Isso suscitou a ideia de mostrar o exemplo de uma cidade que já enfrentou o mesmo problema.

3) Você considera que as pautas foram factuais (cobriram o acontecimento quente)? Ou você considera que foram produzidas com um objetivo de contextualização do fato a ser noticiado?

A primeira reportagem, feita em São Paulo, foi factual. A segunda, feita em Nova Iorque, foi uma reportagem de contextualização.

4) Sabemos que nos últimos cinco anos o JN tem pautado muitos assuntos relativos à corrupção, à política e Brasília, mas não apenas Brasília, tem sido o foco do telejornal. Você conseguiria me dizer quais os temas de maior importância para o telejornal? Mesmo levando em consideração a máxima que Bonner tem quando diz que o JN cobre o que está acontecendo de mais importante no Brasil e no mundo? Você saberia dizer, como repórter, se existe uma lista de temas que são considerados

mais relevantes que outros? Fatos que, pela importância, devem ser checados de tempos em tempos? Ou o que vira notícia para o JN é o que é quente/factual?

O JN tem o objetivo de mostrar o que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo nas últimas 24 horas. E minha percepção é de que assim é feito.

5) Houve alguma conversa prévia sobre *crack*, as peculiaridades da droga ou do consumo dela entre editores e repórteres, da realidade brasileira, como preparação para a cobertura realizada tanto em 2012 como em 2017? Alguma orientação quanto a ficar atento a algum aspecto dos fatos a serem mostrados?

Não me lembro de como foi nesses casos, especificamente. Mas, de maneira geral, em coberturas factuais, costumamos trocar impressões sobre o factual em si, o histórico daquela situação, o tempo disponível no jornal para contar aquela história, o material (imagens, entrevistas, informações) já disponível e o que ainda é preciso buscar ou gravar. Como repórter, também procuro sempre conhecer o histórico do assunto que estou reportando. Se não o sei de memória, procuro pesquisar – embora o ritmo próprio da profissão nem sempre nos deixe muito tempo para isso.

6) A pauta sobre Nova Iorque e a pauta sobre o *crack* em São Paulo foram abertas para que você pudesse fazer a reportagem ou você recebeu algum tipo de orientação específica, alguma angulação de cobertura?

Nenhuma angulação. Para a reportagem feita em São Paulo, o pedido era mostrar como havia sido o primeiro dia de trabalho dos dependentes de *crack* daquela região. Para a segunda, feita em Nova Iorque, recebemos o pedido para resumir como foi a política na cidade.

7) Você considera que as reportagens exibidas (as duas citadas acima) tratam o consumo do *crack* no Brasil a partir de qual compreensão (saúde, trabalho, emprego, violência, segurança)?

As reportagens acompanham o tom do objeto reportado. O programa em São Paulo tinha uma abordagem mais humana, de oferecer trabalho, uma oportunidade aos dependentes da droga. Dessa forma ele foi retratado. Mas buscamos, como contraponto, demonstrar que o lado da segurança pública, naquele momento, não estava sendo focalizado pelo programa – o tráfico de *crack* continuava bem ali ao lado.

A ação em Nova Iorque foi essencialmente policial, como retratado. Como contraponto, destacamos que a população mais pobre – na maioria, negra – acabou sendo a mais punida porque essas eram as pessoas que consumiam a droga mais barata.

8) Você acha que as reportagens ouviram todas as fontes que precisavam ser ouvidas? Fique à vontade para comentar.

A reportagem feita em São Paulo levantou dois “senões” – a minoria dos usuários apareceu para trabalhar no primeiro dia; o tráfico continuava. Ambos os “senões” foram respondidos pela prefeitura dentro da reportagem. O tamanho do debate sempre é possível ampliar – é possível fazer, como são feitos, documentários sobre *crack*. No jornalismo diário, no entanto, o tamanho das reportagens depende das notícias do dia, do espaço que cada uma tem, da disponibilidade de fontes capacitadas a debater, etc. Também é preciso levar em conta reportagens que são feitas dentro de um contexto de cobertura maior, na qual o assunto é tratado durante vários dias, com várias reportagens e debate mais amplo.

Em relação à reportagem sobre Nova Iorque, buscamos algum estudioso que conhecesse e pudesse analisar o programa adotado na cidade americana, mas não encontramos alguém disponível.

9) O consumo do *crack* no Brasil é tratado como epidêmico por algumas fontes e por alguns pesquisadores. Você acredita que pela proporção (já ter atingido 98% dos municípios brasileiros, conforme pesquisa da Confederação Nacional dos Municípios), é um tema que mereça maior enfoque por parte da mídia? Acha que a televisão pode contribuir de alguma maneira?

Sem dúvida, o problema tem dimensão necessária para merecer grande atenção da mídia. E a mídia, não apenas a televisão, pode, sim, contribuir com o debate – como é a missão do jornalismo.

10) Em 2012, você fez essa reportagem. Em 2017, fez outra. Em 2013, uma equipe do JN fez uma série de reportagens sobre o *crack*. Você considera que o *crack* e os problemas que envolvem a droga são de difícil compreensão para os jornalistas? Na sua visão, é necessário algum preparo extra para cobrir o assunto do consumo do *crack* no Brasil ou para falar do tema no telejornal? Conduzindo as reportagens, você

sentiu dificuldades ou percebeu dificuldades por parte da produção em relação ao tema? Poderia listar?

Informação nunca é demais. Tudo o que o jornalista puder saber sobre o *crack* vai ajudá-lo a reportar. É inerente à profissão que o jornalista lide com um sem-número de assuntos. Um dia, trata de *crack*. No dia seguinte, de economia. No outro, cobre uma exposição de arte. Precisamos ser versáteis e, ao mesmo tempo, ter fontes para buscar informações. O problema do *crack* tem muitas faces: a composição da droga, o mecanismo que proporciona a ela criar dependência com rapidez, o que motiva alguém a buscar essa droga especificamente, como o corpo e a cognição do usuário são afetados, a rede de produção e tráfico, as alternativas de tratamento disponíveis e qual a indicação e eficácia de cada uma, as formas de ação policial, as formas de ação de assistência social etc. etc. Minha percepção é a de que o próprio poder público carece de melhor compreensão. O problema é complexo e, como cidadão, acho inaceitável que existam ações do poder público baseadas, por exemplo, apenas na força policial.

11) Considera que o *crack* deve ser um tema que mereça ser permanentemente objeto de uma "campanha" (no sentido de sempre ser trazido à tona) jornalística ou deve, como qualquer acontecimento midiático, entrar na pauta quando surgirem "ganchos" novos?

Creio que já exista, hoje, uma certa sensibilidade da mídia ao *crack*. Creio que ganchos são aproveitados porque se compreende a gravidade do problema. Mas existem outros problemas no Brasil e o foco da mídia, inevitavelmente, se ocupa de vários temas – a corrupção, as disputas políticas, os problemas econômicos, a criminalidade, a falência do sistema de saúde, as demais epidemias etc. etc. Mas não há dúvida de que a mídia em geral deve permanecer com o alerta ligado em relação ao *crack*.

12) Considera que reportagens sobre drogas – e, quem sabe, o *crack*, por ser uma das piores (tratada como epidemia) – devem ter abordagem com cuidados específicos? Ou devem ser encaradas como fato jornalístico como quaisquer outros?

No cotidiano, o jornalista lida com assuntos simples e outros complexos. O *crack* está no segundo grupo. Um problema que a sociedade, de forma geral, ainda

não descobriu como enfrentar não é um problema simples. Os cuidados são necessários – inclusive para retratar o problema com a complexidade que ele tem.

13) Considerando a experiência que você tem em jornalismo, há um caminho ideal para o jornalismo televisivo para abordagem de temas complexos como o consumo de drogas?

Entendo que uma possibilidade para tornar a abordagem jornalística mais fundamentada seja promover treinamentos para os jornalistas. Existem, por exemplo, entidades financeiras que promovem treinamentos em finanças para jornalistas; existem entidades de saúde que ministram treinamentos para fundamentar a cobertura jornalística em saúde. Uma ONG, por exemplo, que pudesse formatar um curso rápido em *crack* para jornalistas certamente estaria contribuindo para a qualidade da cobertura.

Uma outra possibilidade, pensando em medidas práticas, seria que as redações incentivassem a formação de setoristas – profissionais que buscam se especializar em alguns temas – em drogas em geral e *crack*, em particular.

Obrigada.

Anexo

Transcrição das reportagens

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	<i>Jornal Nacional</i> destaca crescimento do <i>crack</i> em todo o Brasil
Data	24/02/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Chamada</i>	Olá, querido internauta, nós estamos aqui preparando o JN dessa sexta-feira. Você vai ver que, em todo o país, o <i>crack</i> tem se alastrado rapidamente. 90% das cidades brasileiras já têm registro de consumo dessa droga. Ela está destruindo uma região de Minas, conhecida pela pobreza da população. Os nossos repórteres vão mostrar hoje o sofrimento das famílias, que acabam vítimas dessa epidemia. E, ainda, uma adolescente de 14 anos morreu hoje, depois de cair de um brinquedo de quase 70 metros de altura em um parque de diversões em São Paulo. No Oscar desse ano, alguns dos galãs mais famosos de Hollywood, como Brad Pitt e George Clooney, vão concorrer aí com novos talentos do cinema ao prêmio de melhor ator. Você vai conhecer um pouco mais sobre os indicados desse ano no JN, é claro. Lembrando que as reportagens completas estão aqui no nosso <i>site</i> . Tá aqui o endereço: g1.com.br/jn . Até lá!	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Consumo de <i>crack</i> atinge 90% das cidades brasileiras
Data	24/02/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	Um problema de saúde que surgiu nos maiores centros urbanos brasileiros passou a ser também um desafio para as autoridades de todo o país. Segundo a Confederação Nacional dos Municípios, o consumo de <i>crack</i> já tem registros em nove de cada dez cidades.	Estúdio
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	Essa é uma situação que os repórteres Ismar Madeira e Saulo Luiz comprovaram no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.	Estúdio
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i>	O sertão mineiro, no Vale do Jequitinhonha, é uma região pobre, de um povo simples. Na pequena Araçuaí, Seu Ailton sempre trabalhou duro para ganhar a vida com dignidade, e agora vê o filho de 16 anos seguir outro caminho.	Imagens da região do Vale do Jequitinhonha
Seu Ailton	<i>Sonora</i>	Esse aí entrou lá no meu serviço, no meu comércio, pegou mercadoria minha, mas muita e muita e muita. Quando eu descobri, foi tarde.	Entrevista
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i>	Em casa, já não tem mais o que roubar. Ficaram só alguns móveis. No quarto, o material usado para consumir <i>crack</i> . Enquanto tem, você fuma?	Casa do Seu Ailton
Jovem viciado	<i>Sonora</i>	Enquanto tem, eu fumo.	Declaração rápida
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i>	O problema na família é em dobro. O filho mais novo	Menor de 11 anos viciado em <i>crack</i>

		também se viciou em <i>crack</i> , aos 11 anos de idade.	
Seu Ailton	<i>Sonora</i>	Essa droga chegou de repente. Ela veio para destruir a gente, <i>pra</i> acabar com a vida da gente.	Entrevista
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i> <i>Passagem</i> <i>Off</i>	A poucos quilômetros de Araçuaí, em Itaobim, é principalmente à noite que o tráfico toma conta das ruas, em várias bocas de fumo. Em todo o Vale do Jequitinhonha, o consumo do <i>crack</i> veio acompanhado do aumento da violência. No município de Itaobim, o volume de apreensões da droga cresceu 73% nos últimos dois anos. E jovens têm perdido a vida, envolvidos com o tráfico. Aqui foi enterrado Kaíque, assassinado aos 15 anos de idade. Do outro lado do cemitério está a sepultura do irmão dele, Johni, morto aos 17 anos. A avó diz que os adolescentes deviam dinheiro aos traficantes.	Cenas de tráfico de drogas Cemitério de Itaobim
Avó dos adolescentes assassinados	<i>Sonora</i>	Eles vieram aqui na porta, ameaçaram eles. Falaram com eles assim: “Se vocês não voltarem pra gangue de novo, nós vamos te matar, nós vamos matar vocês, todos dois”.	Declaração rápida
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i>	Os roubos e furtos se tornaram frequentes.	
Tenente Gilamércio da Rocha – Polícia Militar de MG	<i>Sonora</i>	Principalmente em Araçuaí e na região, esses pequenos furtos realmente estão aumentando, <i>pra</i> quê? Para a manutenção do vício.	Entrevista
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i>	Este outro jovem traz no corpo as cicatrizes do tráfico.	Imagens de jovem com cicatrizes
Jovem viciado	<i>Sonora</i>	Já levei tijolada, tiro, já levei tapa na cara, porrada.	Declaração rápida
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i>	A mãe passou a usar um método radical para impedir que ele saia de casa para usar <i>crack</i> . Estão sempre aqui na cama?	Imagens de correntes e cadeado

	<i>Passagem</i>		
Mãe de viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Está sempre aí na cama.	Declaração rápida
Repórter Ismar Madeira	<i>Passagem</i>	E a senhora usa essa corrente e esse cadeado há quanto tempo com ele?	
Mãe do viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Já tem... Acho que já tem mais de um ano. Resolve porque aí tira... Pra ele não ir <i>pra</i> rua, né?	Viciado preso pelo pé por correntes
Repórter Ismar Madeira	<i>Passagem</i>	Toda noite ela te prende na cama?	
Viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Toda noite...	Declaração rápida
Repórter Ismar Madeira	<i>Passagem</i>	E o que você acha disso?	
Viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Bom, <i>uai</i> , <i>pra</i> mim não ir <i>pra</i> rua usar droga.	Declaração
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i>	No Vale do Jequitinhonha, não existe nenhum programa de atendimento aos dependentes de drogas.	Imagens do Vale do Jequitinhonha
Leda Marques Borges – secretária de Desenvolvimento Social de Araçuaí	<i>Sonora</i>	O problema chegou ao interior. Então assim... Agora, o tratamento desse problema ainda não veio.	Entrevista
Luiz Flávio Saporì – sociólogo	<i>Sonora</i>	Não há como tratar bem o usuário do <i>crack</i> em algumas instâncias, se não houver uma internação para desintoxicação. E essa internação, muitas vezes, tem que ser forçada. Se não fizermos isso, o problema vai continuar se avolumando no Brasil. Há indícios de que ele já está presente em mais de 90% dos municípios brasileiros. É um fenômeno de norte a sul, de leste a oeste. Não há mais dúvida: vivemos uma grave epidemia de uso do <i>crack</i> , consumo de <i>crack</i> no Brasil.	Entrevista
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i>	Mas há exemplos de que é possível superar o problema. Há dez anos, Abrão visita as famílias de dependentes químicos em Itaobim. Passou a buscar ajuda para quem pedia. Foi assim que Douglas largou o vício. Pediu socorro depois de levar um tiro na perna.	Homem visitando dependentes químicos

		O que você considera tenha sido fundamental para a sua recuperação?	
Douglas Rocha Ramalho – desempregado	<i>Sonora</i>	Ajuda. Primeiramente Deus; segundo, as pessoas que me ajudaram.	Declaração rápida
Repórter Ismar Madeira	<i>Off</i>	O PM formado em enfermagem, com pós-graduação em dependência química, vem improvisando no socorro às vítimas do <i>crack</i> . Conseguiu o apoio de empresários, de clínicas ligadas a igrejas e da Secretaria Municipal de Saúde. Douglas está há quatro meses sem usar droga, depois de quase 15 anos de dependência.	PM visitando dependente químico em sua casa
Douglas Rocha Ramalho – desempregado	<i>Sonora</i>	O vício da droga é experimentar ela. Eu, graças a Deus, tive tempo ainda. Mas tem vários que não têm tempo mais.	Declaração rápida

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	<i>Crack é responsável por duas internações compulsórias por dia para tratamento em SP</i>
Data	24/02/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	Na Grande São Paulo, o consumo de <i>crack</i> é responsável por quase duas internações compulsórias por dia para tratamento de adultos. O repórter Alan Severiano mostra como isso funciona e os cuidados necessários para que o dependente da droga seja recuperado.	Estúdio
Repórter Alan Severiano	<i>Off</i>	Alucinações, ansiedade e confusão mental, sintomas comuns aos dependentes de <i>crack</i> no início do tratamento. Dos 61 internados em uma clínica municipal em São Paulo, 14 vieram pra cá contra a vontade. Esse taxista foi trazido pelos pais depois de morar um ano na rua.	Imagens de clínica de tratamento
Taxista – viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Achava que ia ser preso, que estava sendo preso, mas aos poucos fui vendo que estava sendo libertado, que estava sendo libertado das drogas.	Entrevista
Repórter Alan Severiano	<i>Off</i> <i>Passagem</i>	De acordo com um levantamento do Ministério Público, nos últimos oito anos, foram registradas, na Grande São Paulo, mais de 5 mil internações de adultos sem o consentimento deles. A internação contra a vontade do paciente está prevista em uma lei de 2001 que fala dos direitos das pessoas com transtornos mentais. Ela pode ser pedida por um parente ou determinada pela Justiça. Nos dois casos, é obrigatório um laudo médico indicando a internação. Quando o pedido	Imagens da clínica de tratamento

	<i>Off</i>	parte da família, a clínica tem 72 horas para informar a internação ao Ministério Público – uma forma de evitar abusos.	
Mario Coimbra – promotor	<i>Sonora</i>	O marido que esteja em litígio com a esposa e quer mostrar que ela está com problema. Familiares que querem ficar livres de pacientes.	Entrevista
Repórter Alan Severiano	<i>Off</i>	Segundo o promotor, nem sempre o poder público é avisado das internações porque as clínicas clandestinas se multiplicam. O taxista já passou por uma delas.	Dependente internado na clínica
Taxista	<i>Sonora</i>	Era clínica de contenção. Eu só apanhava.	Declaração rápida
Repórter Alan Severiano	<i>Off</i>	Esse juiz diz que é preciso fiscalizar a qualidade dos serviços de recuperação. Mesmo assim, defende a internação compulsória quando o dependente de drogas põe em risco a vida dele ou a de outras pessoas.	Imagens do Tribunal de Justiça
Marco Antonio Marques da Silva – juiz	<i>Sonora</i>	Seria uma irresponsabilidade do Estado, da sociedade, deixá-lo ao léu, deixá-lo na rua, literalmente para um quase suicídio assistido.	Entrevista
Repórter Alan Severiano	<i>Off</i>	Parte da memória dos seis anos em que Fabian conviveu com o <i>crack</i> está em anotações, feitas nas ruas.	Casa de dependente químico
Fabian Nacer – dependente químico	<i>Sonora</i>	Comecei a andar pelas vielas de esgoto e andar por debaixo das ruas mesmo o tempo todo como se fosse um rato. Por causa da paranoia que eu sentia, do desespero, eu achava que todo mundo estava me perseguindo.	Entrevista
Repórter Alan Severiano	<i>Off</i>	Ele foi internado 25 vezes, cinco contra a vontade, entre elas, a última.	
Fabian Nacer – dependente químico	<i>Sonora</i>	Se não tivesse ficado contra a minha vontade esses 30, 40 dias, eu não teria engatado essa primeira para ter entrado nesse tratamento de um ano, um ano e meio a que precisei me	Entrevista

		submeter. Hoje a sensação é muito boa. Hoje estou há oito anos que estou limpo, me casei. Tem sido tudo cada vez melhor.	
Apresentador William Bonner	<i>Nota pé</i>	Todo mundo diz que <i>crack</i> basta experimentar uma vez só e a pessoa fica viciada.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Viciados em <i>crack</i> se espalham por várias regiões de São Paulo
Data	02/03/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	Dois meses depois da operação da polícia, da prefeitura e do governo de São Paulo na crackolândia, o problema se espalhou pelo centro e migrou para outras regiões da cidade.	Estúdio
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	Viciados em <i>crack</i> são encontrados agora até na frente do Tribunal de Justiça.	Estúdio
Repórter César Menezes	<i>Off</i>	<p>No quarteirão que ficou conhecido como crackolândia, no centro de São Paulo, não se vê mais a droga sendo usada no meio da rua. Até o fim do ano passado, carros e pedestres evitavam o território dominado por traficantes e dependentes. Agora, a tranquilidade é vigiada 24 horas por dia e a construção de um centro de assistência social substitui casarões que abrigavam o consumo.</p> <p>Mas a mudança não significou uma solução. Bastou virar a esquina para encontrar um grupo de usuários e registrar mais uma cena de violência.</p> <p>As autoridades municipal e estadual medem o resultado da operação com números – desde o dia 2 de janeiro, 299 dependentes químicos foram internados para tratamento, 293 pessoas foram presas em flagrante e foram apreendidos</p>	<p>Antiga crackolândia, sem os viciados em drogas</p> <p>Cenas do ano anterior mostrando o movimento da crackolândia</p> <p>Equipe de jornalismo sendo ameaçada por viciado em <i>crack</i></p> <p>Números de combate às drogas</p>
	<i>Passagem</i>		

		<p>65 quilos de drogas. Nas ruas, a população reclama, o problema saiu da crackolândia, mas se espalhou pela cidade, só que em grupos menores.</p> <p>Vera mora na zona norte de São Paulo e diz que parte dos frequentadores da crackolândia foi pra lá.</p>	
	<i>Off</i>		
Vera – moradora da zona norte	<i>Sonora</i>	Aonde tem uma periferia ou alguma coisa parecida, eles estão passeando por lá. Estão parecendo zumbis por lá.	Entrevista
Repórter César Menezes	<i>Off</i>	Para a polícia militar, a dispersão já era esperada.	Viciados consumindo drogas
Álvaro Camilo – comandante da PM-SP	<i>Sonora</i>	Ali, a polícia atuou para quebrar a logística do tráfico, para resgatar aquele espaço público e para deixar os outros órgãos trabalhar.	Entrevista
Repórter César Menezes	<i>Off</i>	A coordenadora do programa de apoio de usuários de drogas da Prefeitura de São Paulo confirma a migração de dependentes para outros bairros.	
Rosângela Elias – coord. de Saúde Mental	<i>Sonora</i>	Eles aumentaram o número de pessoas dentro desses pontos. Com isso, a secretaria está trabalhando no sentido do fortalecimento da nossa rede psicossocial para receber e acolher esses casos e encaminhar dentro da lógica do tratamento.	Entrevista
Repórter César Menezes	<i>Off</i>	Hoje, um grupo de 40 pessoas, que incluía menores de idade, consumia crack às 4 da tarde na Praça da Sé, bem na frente do Tribunal de Justiça.	Consumo de crack na Praça da Sé

		Para esse desembargador, é hora de toda a sociedade enfrentar de vez o problema.	
Antônio Carlos Malheiros – desembargador	<i>Sonora</i>	Isto faz com que as nossas consciências fiquem sempre ativas, e que a gente não se esqueça de fazermos justiça para essas crianças e adolescentes. O Estado não pode se ausentar da vida das pessoas.	Entrevista

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Crianças e jovens viciados em <i>crack</i> motivam ação especial da Justiça de São Paulo
Data	24/03/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Carla Vilhena	<i>Cabeça</i>	Em São Paulo, juízes visitam crianças e adolescentes viciados em <i>crack</i> antes de decidir qual será o destino deles. A repórter Graziela Azevedo acompanhou a primeira audiência.	Estúdio
Repórter Graziela Azevedo	<i>Off</i>	Este é um dos melhores abrigos de São Paulo. Aqui vivem 20 crianças e adolescentes que conheceram a pobreza, a violência, o abandono e as drogas.	Crianças e adolescentes no abrigo
Garota dependente química	<i>Sonora</i>	Trabalho numa empresa de publicidade e estudo à noite.	Declaração rápida
Garoto dependente químico	<i>Sonora</i>	Agora, eu estudo, trabalho, sempre tem... nada de ficar parado, sempre tem alguma atividade aqui na casa pra nós fazer. Sempre nós tem a mente ocupada.	Declaração rápida
Repórter Graziela Azevedo	<i>Off</i>	Mas para estarem assim, cercados de cuidados e olhando para o futuro, o caminho não foi fácil. Nem sempre a Justiça ajudou.	Adolescentes jogando xadrez
Garota dependente químico	<i>Sonora</i>	Eles acham que a melhor opção é a Fundação Casa ou clínica. Eles nunca pensam assim: vamos ver essa família como tá?	Declaração rápida
Valéria Pássaro – coordenadora do abrigo	<i>Sonora</i>	Não é uma ação de compreensão do que está acontecendo, e até porque o menino já chega na vara, no conselho tutelar, nessa rede, como culpado ou como inviável. E como culpado ou	Entrevista

		inviável, ou você serve para ser atendido de um determinado jeito, ou de determinado jeito.	
Repórter Graziela Azevedo	<i>Passagem</i>	Para que a intervenção da justiça aconteça mais rapidamente, seja mais eficiente, um grupo de desembargadores, juízes, promotores e defensores públicos decidiu deixar seus gabinetes e ir ao encontro de crianças e adolescentes que usam <i>crack</i> .	Imagens de abrigo de adolescentes viciados em drogas Reunião de servidores da Justiça
	<i>Off</i>	A experiência começou nesse serviço da prefeitura, onde estão internados 33 jovens com menos de 18 anos. Aos servidores da Justiça que vieram pra cá, se juntaram representantes das áreas da habitação, trabalho, assistência social e saúde.	
Iasin Issa Ahmed – juiz	<i>Sonora</i>	Geralmente, o juiz tem um trabalho muito solitário, decide sozinho. Aqui eu decido com todos. Não é só a visão do Judiciário, é a visão de todos. Eu imagino que, com isso, o adolescente e a criança saem melhores atendidos.	Entrevista
Repórter Graziela Azevedo	<i>Off</i>	O caso discutido foi de uma jovem usuária de <i>crack</i> , internada há cinco meses aqui. Não podemos mostrar a jovem, mas a mãe que ela não via há sete meses foi encontrada e trazida para cá.	Reunião de servidores
Antonio Carlos Malheiros – desembargador	<i>Sonora</i>	Ela vai daqui e vai para residência terapêutica, onde ela deve permanecer, isso por ordem judicial. Nós estamos querendo agora correr atrás de demanda, ao invés da demanda vir ao nosso encontro.	Entrevista Cenas de menores de idade consumindo <i>crack</i>

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	JN: Gangues de viciados em <i>crack</i> praticam assaltos no centro do Rio
Data	09/04/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Chamada</i>	<p>Olá, querido internauta, estamos aqui preparando o JN desta segunda-feira e você vai ver flagrantes de gangues viciadas em <i>crack</i> que praticam assaltos em bando no centro do Rio.</p> <p>A adolescente de 14 anos que foi mantida em cativeiro por 8 dias e libertada ontem em Minas falou pela primeira vez e defendeu o sequestrador. Ele, que é primo da jovem, continua foragido.</p> <p>A presidente Dilma Rousseff se encontrou hoje com o presidente Barack Obama na Casa Branca e voltou a criticar a política monetária dos países mais ricos.</p> <p>E você vai ver também que estudos feitos por cientistas da Inglaterra comprovam que jogar futebol dói muito. Você vai saber quais são as dores mais comuns, e as outras notícias desta segunda-feira no JN. Eu, é claro, espero você, lembrando que as reportagens completas estão no nosso <i>site</i>. Tá aqui o endereço: g1.com.br/jn. Até lá!</p>	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Bandos assaltam cidadãos nas ruas do Centro do Rio
Data	09/04/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	A reportagem que abre essa edição do JN é o registro de uma equipe que voltou ao local em que esteve há quatro meses. Naquela ocasião, os repórteres mostraram bandidos fazendo vítimas à luz do dia em uma das principais avenidas do Rio de Janeiro.	Estúdio
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	Pois agora, Eduardo Tchao e Júnior Alves encontraram uma cracolândia na região que deveria ser uma das mais seguras da cidade.	Estúdio
Repórter Eduardo Tchao	<i>Off</i>	Centro da cidade. Este é o prédio do Comando Militar do Leste, é o quartel general do Exército, responsável pela defesa em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Ao lado, fica o prédio da Secretaria de Segurança do Estado, colado à Central do Brasil, por onde passam, todos os dias, mais de 600 mil pessoas que usam o trem. Aqui nesta região, nasceu uma cracolândia. Fica cheia a maior parte do dia. São homens, mulheres e crianças que consomem a droga livremente. Este menor fuma na calçada. As pessoas passam. Às vezes, soldados do Exército chegam com cassetete. Aqui, prendem o menino, que desaparece. Mas volta logo depois.	Imagens áreas do prédio do Comando Militar do Leste, da Secretaria de Segurança e a Central do Brasil Consumo de drogas Repressão de soldados do Exército
Antonio Machado Lamas – major do Comando	<i>Sonora</i>	Essa falta de noção faz com que ele volte ao vício, mesmo que, depois de assistido pelos diversos órgãos, retorne ao vício, retornem para cá. E acaba	Entrevista

Pedestre	<i>Sonora</i>	Não há a menor condição de se conviver mais assim. Olha, só pra você dá uma olhada, estão jogando pedra no ônibus, lá. Na hora que você que está gravando aqui comigo.	Entrevista Cenas de depredação de ônibus
Apresentador William Bonner	<i>Nota pé</i>	A Secretaria de Segurança do Rio informou que, a partir de segunda-feira, policiais a cavalo vão reforçar o patrulhamento em torno da Central do Brasil.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Intervenção do governo não diminui consumo de <i>crack</i> em São Paulo
Data	26/07/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	A Universidade Federal de São Paulo divulgou o resultado de um estudo sobre os dependentes que frequentavam a cracolândia, seis meses depois da intervenção do poder público na área.	Estúdio
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	<p>A barraca de <i>camping</i> no meio da praça serve para proteger os homens do vento, quando eles acendem o cachimbo do <i>crack</i>. Como nem todos cabem no abrigo, parte dos usuários se esconde em um canto do viaduto, dentro de floreiras, atrás de árvores e de arbustos. Quem passa de carro em frente ao terreno baldio, cercado por grades, não vê a agitação do rapaz que acaba de fumar uma pedra.</p> <p>Seis meses atrás, a prefeitura construiu um muro para separar os frequentadores da cracolândia do trânsito pesado de São Paulo, mas não adiantou. Uma pequena passagem pela parede foi aberta e virou balcão do <i>crack</i>. Do outro lado, se vende e se fuma. Perto dali, uma mulher sai de um buraco aberto na estrutura do viaduto e vai até o muro para comprar drogas. Depois volta e lá dentro acende um cachimbo. A mudança de comportamento dos usuários de <i>crack</i> pode estar ligada à repressão. Uma pesquisa feita pela Universidade Federal de São Paulo mostra que 70% dos consumidores da droga migraram do centro de</p>	Consumo de <i>crack</i> a céu aberto

	<i>Passagem</i>	São Paulo, logo depois que o poder público tentou acabar com uma das maiores crackolândias do país. Na Zona Sul de São Paulo, os consumidores de <i>crack</i> se escondem em uma praça, debaixo das árvores. Só são vistos quando saem em busca de dinheiro.	
	<i>Off</i>		
Homem	<i>Sonora</i>	Eles abordam aí no meio da rua mesmo, leva bolsa, leva celular, leva dinheiro, leva tudo, carteira... A polícia está sempre aí. Mas... não dá jeito.	Declaração rápida
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	A pesquisa ouviu dependentes que viviam na crackolândia, na região da Luz, desocupada em janeiro. 70% deles disseram que continuam a comprar o <i>crack</i> com facilidade e 80% que usam a mesma quantidade.	Imagens áreas da crackolândia Consumo de <i>crack</i>
Marcelo Ribeiro – psiquiatra e coordenador da pesquisa da Unifesp	<i>Sonora</i>	A gente sabe que o narcotráfico é muito mais organizado do que a gente imagina, então a substância nunca vai faltar. Não adianta tentar ficar cercando essas pessoas para que na carência busquem ajuda. A gente tem apoio a oferecer, não só médico, mas especialmente social. Acho que essa é a postura mais interessante.	Entrevista Consumo de <i>crack</i>
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	Em nota, a Prefeitura de São Paulo informou que, em três anos, foram realizadas mais de	Nota da Prefeitura de São Paulo

		200 mil abordagens e 3 mil internações de dependentes de drogas na região central da cidade. O governo do estado diz que o consumo de <i>crack</i> em lugares fechados facilita a identificação dos dependentes.	
Eloisa de Souza Arruda – secretária de Justiça do Estado de São Paulo	<i>Sonora</i>	A atuação dos agentes de saúde de assistência social, para convencer o dependente químico a buscar ajuda, internação, ajuda médica, pode ser facilitado.	Entrevista
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	Aos poucos, quem não foi para o tratamento está voltando para a velha crackolândia, na Luz. No grupo, quase todos são homens que usam o <i>crack</i> e estão cada vez mais agressivos.	Consumo de <i>crack</i> Violência

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Nova crackolândia assusta moradores da Zona Sul de São Paulo
Data	10/09/2012
Tema	Cracolândia

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador Heraldo Pereira	<i>Cabeça</i>	Moradores de um bairro da Zona Sul de São Paulo estão assustados com o surgimento de uma nova crackolândia na região. Veja na reportagem de César Galvão e Robinson Cerântula.	Estúdio
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	A luz assustadora do <i>crack</i> já era vista nas noites no bairro Cidade Dutra, na Zona Sul. Agora, a droga chegou de vez, a qualquer hora do dia. Adultos e crianças andam entre os carros. Quem não tem o rodinho para lavar os vidros pede trocados. Quando ninguém dá dinheiro, alguém vira vítima. A bicicleta desse rapaz é nova. A outra foi roubada no cruzamento.	Consumo de <i>crack</i> Mendicância
Ciclista	<i>Sonora</i>	A gente necessita passar nesse caminho e eles ofendem, roubam a gente, que não tem nada a ver.	Declaração rápida
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	O dinheiro é para comprar <i>crack</i> , consumido de forma tão discreta que nem chama a atenção da polícia. Os usuários se escondem em barracas feitas com cavaletes de propaganda de candidatos. Quando o <i>crack</i> chega, todos correm para dentro de uma delas e saem com punhados de pedras nas mãos. Nas outras cabanas, montadas debaixo da copa da árvore, o cachimbo passa de um para outro. Um pano protege a chama do isqueiro do vento e o <i>crack</i> começa a ser usado sem parar. Sem cachimbo, um menino usa	Consumo de <i>crack</i> feito de forma discreta Menor de idade usando droga Blitz da polícia

		<p>uma lata de refrigerantes amassada para fumar a pedra. Numa tarde, quando a polícia apareceu para fazer uma blitz, os usuários já haviam fumado todo o <i>crack</i> que tinham. Pelo menos 30 pessoas foram retiradas das barracas para a revista.</p> <p>Entre elas, um menino de 12 anos, que tem casa, mas mora na rua.</p> <p>Quantas pedras você fuma por dia?</p>	
Menino de 12 anos	<i>Sonora</i>	Umas 20.	Declaração rápida
Repórter César Galvão	<i>Passagem</i>	Motoristas ficam apreensivos só de parar no sinal vermelho. O medo também está afastando os pedestres e afugentando os clientes do comércio.	
Comerciante	<i>Sonora</i>	Depois de quatro e meia, cinco horas, ninguém vem mais nessa área, entendeu? Tem medo.	Entrevista
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	Depois da última invasão, a dona da autoescola usa uma trava pesada na porta.	Dona de autoescola protegendo sua loja
Dona de autoescola	<i>Sonora</i>	Só assim que parou o assalto dentro da autoescola.	Declaração rápida
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	No fim de semana, a prefeitura limpou o canteiro do <i>crack</i> . Mas, algumas horas depois, os usuários estavam de volta, pedindo dinheiro para comprar mais droga.	Mendicância
Apresentador Heraldo Pereira	<i>Nota pé</i>	A Prefeitura de São Paulo informou que, toda semana, uma equipe percorre a área oferecendo ajuda aos usuários de drogas e que, neste ano, 15 pessoas foram encaminhadas para tratamento. São Paulo tem hoje uma rede pública com 25 centros de atendimento para dependentes de álcool e de drogas, além de um hospital de apoio integral, com 80 leitos.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Policiais prendem 40 pessoas que vendiam pedras de <i>crack</i> para trabalhadores rurais
Data	18/10/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador Heraldo Pereira	<i>Cabeça</i>	Policiais civis e militares prenderam hoje, no interior de São Paulo, 40 integrantes de quadrilhas que vendiam pedras de <i>crack</i> para trabalhadores rurais.	Estúdio
Repórter Giuliano Tamura	<i>Off</i> <i>Passagem</i> <i>Off</i>	Dez traficantes foram presos em Borebi, cidade de apenas dois mil habitantes. A polícia investigou o grupo durante dois meses. Nesse período, foram interceptadas, com autorização da Justiça, 50 mil ligações telefônicas. Numa das gravações, um usuário é ameaçado pelo traficante, a quem deve dinheiro.	Traficantes presos
Traficante	<i>Sonora</i>	Se vira, eu tenho conta para pagar, irmão.	Interceptação telefônica
Usuário 1	<i>Sonora</i>	Tá bom.	Interceptação telefônica
Traficante	<i>Sonora</i>	Você pegou, você se vira com as consequências. Se vira! Vai lá no seu pai, na sua mãe. Se vira.	Interceptação telefônica
Repórter Giuliano Tamura	<i>Off</i>	Nas gravações, outro usuário tenta negociar um carneiro em troca de <i>crack</i> .	Traficante preso
Usuário 2	<i>Sonora</i>	Você não quer fazer rolo com um carneiro, não, cara? Tenho um carneirinho congelado aqui.	Interceptação telefônica
Traficante	<i>Sonora</i>	Pera aí que eu já vou ver aqui.	Interceptação telefônica
Usuário 2	<i>Sonora</i>	É meu mesmo, não é roubado nada não.	Interceptação telefônica
Repórter Giuliano Tamura	<i>Off</i>	Em outras quatro cidades, 30 suspeitos de fazer parte de mais uma quadrilha de traficantes também foram presos. Segundo	Traficantes presos

		a polícia, a droga era vendida para trabalhadores rurais.	
Luís Cláudio Massa – delegado	<i>Sonora</i>	Pessoas que trabalham o dia todo, mas que no final da tarde, principalmente, vão atrás dos traficantes, de caminhão, de trator, oferecendo bens pessoais. Então, isso deixa claro que, infelizmente, não existe cidade hoje em dia livre do vício da droga.	Entrevista
Apresentador Heraldo Pereira	<i>Nota pé</i>	Oito adolescentes detidos na operação de hoje, no interior de São Paulo, foram encaminhados à Vara da Infância e da Juventude.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Prefeitura do Rio anuncia que adultos dependentes de <i>crack</i> terão internação compulsória
Data	23/10/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	A Prefeitura do Rio de Janeiro anunciou uma medida contra o consumo de <i>crack</i> , que é um problema comum hoje no Brasil inteiro. E a decisão vai provocar muito debate. A partir do início do ano que vem, os dependentes da droga vão ser internados, queiram ou não.	Estúdio
Repórter André Trigueiro	<i>Off</i>	Para as autoridades de saúde, o <i>crack</i> já é uma epidemia. Algumas estimativas dão conta que mais de um milhão de brasileiros consomem a droga. No Rio, com a recente ocupação da favela do Jacarezinho, que abrigava a maior crackolândia da cidade, os usuários da droga passaram a ocupar outros bairros. Agora o prefeito Eduardo Paes pretende tornar obrigatória a internação de adultos dependentes de <i>crack</i> e anunciou a criação, em caráter emergencial, de 600 vagas para internação.	Consumo de drogas ao ar livre Imagens aéreas da favela do Jacarezinho Reunião com o prefeito do Rio de Janeiro
Eduardo Paes – prefeito do Rio de Janeiro	<i>Sonora</i>	Nós vamos partir para internação compulsória de adultos também. A pessoa dependente de <i>crack</i> tem uma situação que é uma situação que ela não consegue tomar decisão.	Coletiva de imprensa
Repórter André Trigueiro	<i>Off</i>	Atualmente, só crianças e adolescentes usuários de <i>crack</i> flagrados em situação	Menores de idade consumindo <i>crack</i>

	<i>Passagem</i>	de risco são internados contra a vontade. A medida causa polêmica. Há quem defenda, lembrando que uma lei federal autoriza a internação obrigatória de dependentes químicos adultos em situações extremas desde que se comprove que ele oferece risco de vida a si próprio ou aos outros. Já os críticos temem o desrespeito à lei.	
Cláudio Luis Dell 'Orto – pres. da Assoc. de Magistrados-RJ	<i>Sonora</i>	Não se pode imaginar que essas pessoas simplesmente serão retiradas das ruas para que as ruas fiquem mais bonitas. É necessário a preocupação com a atenção sobre essas pessoas.	Entrevista
Repórter André Trigueiro	<i>Off</i>	Em Maceió, já existe um programa de internação involuntária, mas é preciso o consentimento da família e a autorização da Justiça. Hoje o ministro da Saúde comentou o projeto em estudo no Rio.	Assistentes sociais abordando dependentes químicos nas ruas de Maceió
Alexandre Padilha – ministro da Saúde	<i>Sonora</i>	Quero conhecer melhor a proposta. Temos parâmetros legais para que isso aconteça. O Minist. da Saúde sempre busca seguir a lei.	Entrevista
Repórter André Trigueiro	<i>Off</i>	Essa especialista em dependentes químicos diz não ser contra a medida, mas lembra que é preciso qualidade no atendimento.	
Analice Gigliotti – psiquiatra	<i>Sonora</i>	Para cada 15 pessoas, tem no mínimo dois ou três psicólogos, tem que ter um médico de plantão por dia e no mínimo dois enfermeiros para cada 15 pacientes. Isso é o mínimo para ter um bom tratamento.	Entrevista
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Nota pé</i>	A Pref. de SP informou que faz a internação involuntária de dependentes químicos se tiver indicação médica.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Sete viciados em <i>crack</i> foram assassinados de madrugada em São Carlos (SP)
Data	31/10/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	Em São Carlos, no interior de São Paulo, sete viciados em <i>crack</i> foram assassinados de madrugada.	Estúdio
Repórter Paulo Gonçalves	<i>Off</i>	No fim da tarde, o Instituto Médico Legal de São Carlos começou a liberar os corpos dos sete mortos na chacina. Segundo as investigações, todos eram usuários de droga e passavam grande parte do tempo na rua. A mãe de uma das vítimas disse que sofria com o vício do filho.	Imagens do IML de São Carlos Perícia do local da chacina
Mãe de vítima da chacina	<i>Sonora</i>	A família inteira sofre, não era só ele que estava nesse buraco, <i>tava</i> enterrando a família inteira, sabe?	Declaração
Repórter Paulo Gonçalves	<i>Off</i>	O crime foi às duas horas da madrugada. Testemunhas disseram que dois homens encapuzados desceram de um carro e começaram a atirar com pistolas. Os tiros atingiram quatro homens e uma mulher que estavam ao lado de uma quadra de esportes de um conjunto habitacional. No local, a polícia recolheu dezenas de cápsulas de pistola nove milímetros e embalagens de drogas. Pela manhã, os próprios moradores do conjunto encontraram outros dois corpos neste terreno baldio, a 30 metros de onde as cinco pessoas foram assassinadas.	Simulação da chacina Perícia do local do crime Imagens onde foram encontrados outros dois corpos

	<i>Passagem</i>	As vítimas que estavam aqui também foram mortas com tiros de pistola nove milímetros. A delegada responsável pelo caso investiga se os assassinatos foram cometidos pelas mesmas pessoas.	
	<i>Off</i>		
Denise Sgobb Szakal – delegada	<i>Sonora</i>	Talvez tenha ocorrido que, primeiro, aqueles cinco foram mortos e, depois, esses dois foram surpreendidos porque estavam no caminho dos que executaram aqueles cinco e acabaram encontrando com esses dois e acabaram fazendo também.	Entrevista
Repórter Paulo Gonçalves	<i>Off</i>	Por enquanto, não há pista dos criminosos. Contando as mortes de hoje, a cidade de São Carlos registrou, em outubro, 11 mortes com características de execução.	Presença policial

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Vício do <i>crack</i> faz aumentar número de órfãos e crianças abandonadas no Rio de Janeiro
Data	08/11/2012
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	O vício do <i>crack</i> fez aumentar o número de crianças e recém-nascidos abandonados no Rio de Janeiro. E muitos chegam aos abrigos logo depois do parto.	Estúdio
Repórter Pedro Bassan	<i>Off</i>	Eles foram e voltaram. Hoje, usuários de <i>crack</i> fumavam a pedra à luz do dia, na Ilha do Governador, zona norte do Rio. Ontem, neste mesmo lugar, o cenário era bem diferente. Uma operação para acolher dependentes da droga deu início a um corre-corre. Dezenas de viciados começaram a fugir, atravessando loucamente a Avenida Brasil, uma das mais movimentadas do país. Repare como este homem se arrisca, passando a poucos centímetros dos carros. Eles ainda ficaram horas perambulando e cruzando a pista. Mesmo assim, 47 adultos foram recolhidos, mas 32 já tinham deixado o abrigo. A Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio estima que atualmente três mil pessoas frequentem as nove cracolândias que se espalham pela cidade. Desde março do ano passado, mais de cinco mil dependentes químicos foram recolhidos, mas a Secretaria diz que a missão não é fácil,	Viciados fumando <i>crack</i> à luz do dia Usuários de <i>crack</i> fugindo da operação de apreensão de dependentes químicos Viciados de volta aos pontos de consumo de <i>crack</i> depois da operação Mapa que mostra as 9 cracolândias na cidade do Rio de Janeiro

	<i>Off</i>	porque 90% voltam para as ruas. Segundo os especialistas, nas cracolândias se propagam o HIV, a sífilis e a tuberculose.	Arte gráfica
Mônica Labuto – juíza da Infância e da Juventude	<i>Sonora</i>	Morando na cracolândia, temos muito mulheres adultas grávidas, que têm filhos de nove em nove meses, que não sabe quem é o pai, em razão de prostituição, em razão da degradação do local.	Entrevista
Repórter Pedro Bassan	<i>Passagem</i> <i>Off</i>	E assim, as maiores vítimas do <i>crack</i> são as que nunca usaram a droga. Hoje em dia, no Rio de Janeiro, a maioria das crianças que podem ser adotadas foi abandonada por pais viciados. Quando a mãe consome <i>crack</i> durante a gravidez, o filho já nasce sentindo falta da droga no corpo. São comuns as crises de abstinência já nos primeiros meses de vida. Nos abrigos, as crianças precisam de atenção especial.	Crianças e recém-nascidos abandonados em abrigos
Cleonice Cardoso dos Santos – coordenadora de abrigo	<i>Sonora</i>	Eles têm convulsão, têm tremores e sudorese e ficam muito agitadas, não conseguem dormir direito. É um quadro muito complicado.	Entrevista
Repórter Pedro Bassan	<i>Off</i>	É um mal que assusta duplamente, quando se espalha nas ruas e quando se prolonga no tempo.	
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Nota pé</i>	A Prefeitura do Rio já anunciou que vai adotar a internação involuntária de viciados em <i>crack</i> para tratamento. O projeto está em fase de planejamento e deve ser posto em prática no início do ano que vem.	Estúdio

	<i>Off</i>	<p>pela frente. O caminhão chega a parar, para que a mulher atravesse. Neste grupo no meio da pista, é possível ver uma mulher grávida. Os pontos de consumo vão se multiplicando sem controle, e o combate a essa epidemia anda lentamente.</p> <p>No fim de 2011, o Ministério da Saúde anunciou um plano de combate ao <i>crack</i> que prevê a abertura de mais de treze mil e oitocentas vagas de tratamento para dependentes químicos em todo país até 2014. Em um ano, só foram criadas quinhentas e setenta e quatro.</p> <p>Como a grande maioria de usuário abandona o tratamento e volta para as cracolândias, os especialistas defendem um atendimento em consultórios de ruas.</p>	
	<i>Off</i>		Arte gráfica
Francisco Inácio Bastos – pesquisador da Fiocruz	<i>Sonora</i>	É uma ideia extremamente importante, mas acho que a gente está muito no início ainda disso. A gente conta com esse tipo de serviço instalado em muito poucas comunidades. Isso é uma coisa que tem que aumentar muito.	Entrevista
Repórter Pedro Bassan	<i>Off</i>	A meta do Ministério da Saúde é criar mais de trezentos consultórios. Atualmente, existem setenta e oito no país, só três no Rio de Janeiro. Em média, um consultório para cada mil viciados da cidade. A prefeitura do Rio quer adotar a internação involuntária para tratamento no início do ano que vem, mas atualmente só	<p>Quadro com meta do Ministério da Saúde</p> <p>Imagens da cracolândia do morro do Cajueiro</p>

		<p>existem quarenta e quatro leitos municipais especializados.</p> <p>Um olhar sobre apenas uma das cracolândias já revela que é preciso muito mais. No morro do Cajueiro, na Zona Norte do Rio, dezenas de pessoas se aglomeram em busca da droga, e até um usuário numa cadeira de rodas, todos eles esperando por ajuda ou pela próxima pedra de <i>crack</i>.</p>	
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Nota pé</i>	<p>Nós procuramos representantes dos governos federal, estadual e municipal e eles não quiseram gravar entrevista. Em nota, o Ministério da Saúde informou que já investiu 600 milhões de reais na expansão da rede pública de atendimento de dependentes químicos em todo o Brasil. A Prefeitura do Rio declarou que enfrenta o problema de forma constante e que elabora um plano de ação para o tratamento dos viciados. A Polícia Militar do Rio declarou que, de setembro do ano passado até hoje, apreendeu mais de cem mil pedras de <i>crack</i>.</p>	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Esquema de tráfico de <i>crack</i> funciona de forma diferente da venda de outras drogas
Data	23/01/2013
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Renata Vasconcellos	<i>Nota seca</i>	<p>Olá, você vai ver no JN: ameaça do <i>crack</i>. Nossos repórteres mostram o que diferencia esse tipo de tráfico de outras drogas e as dificuldades para combatê-lo.</p> <p>Na Inglaterra, o primeiro-ministro quer que os britânicos decidam sobre a saída do Reino Unido da União Europeia.</p> <p>Está preso o homem suspeito de matar três pessoas da mesma família em Manaus.</p> <p>E ainda, como não deixar a empolgação atrapalhar a vistoria da casa nova. E a estreia do Brasil na Libertadores. No JN, até lá!</p>	Estúdio

	<i>Off</i>	O <i>crack</i> continua chegando e sendo repassado de mão em mão pelos viciados. A grande oferta e o preço baixo facilitam o consumo.	
Renato Sérgio Lima – do Fórum Brasileiro de Segurança Pública	<i>Sonora</i>	A gente não consegue estabelecer uma zona de contenção absoluta. Não é um único traficante, são vários. No momento em que você prender um, você terá dois ou três no lugar.	Entrevista
Repórter César Menezes	<i>Off</i>	Em 2010, a Confederação Nacional dos Municípios fez uma pesquisa com 3.950 prefeituras. 98% delas responderam que têm problemas com o consumo do <i>crack</i> . A quantidade da droga que chega ao país tem aumentado. Em 2001, a polícia de São Paulo apreendeu 189 quilos de <i>crack</i> . No ano passado, foram quase três mil quilos. O secretário da Segurança Pública de São Paulo concorda que o microtráfico complica ainda mais um problema que cresceu na última década. Mas diz que a polícia precisa encontrar formas de vencer essa dificuldade.	Imagens da crackolândia Animação gráfica sobre a apreensão de <i>crack</i> Consumo de <i>crack</i>
Fernando Grella – secretário da Segurança Pública de São Paulo	<i>Sonora</i>	Esse que é o grande trabalho, que é o mais demorado da Polícia Civil, de investigar e de ver a pessoa que está ligada a esse microtraficante para prender as pessoas ou a pessoa responsável maior pelo fornecimento, pela distribuição aos microtraficantes.	Entrevista
Repórter César Menezes	<i>Off</i>	Para essa psiquiatra que estuda a dependência química, as ações de combate ao <i>crack</i> não são feitas de forma coordenada, nem têm base científica. Ela defende	Imagens da psiquiatra Ana Cecília Marques

		a realização de um estudo nacional para redefinir o combate às drogas.	
Ana Cecília Marques – professora da Unifesp	<i>Sonora</i>	O fenômeno drogas é um fenômeno importante. Ele precisa ser cuidado, ele angustia a população, ele gera epidemias. A gente sabe pouco o que fazer no Brasil.	Entrevista
Apresentador William Bonner	<i>Nota pé</i>	A Justiça determinou hoje a primeira internação compulsória de um viciado, desde que o serviço de atendimento começou a funcionar em São Paulo. O dependente deve ficar internado pelo menos 30 dias em unidade da rede pública ou privada custeada pelo Estado. O número de ligações diárias para o serviço subiu nessa semana: de 140 para 300.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Adultos dependentes de <i>crack</i> começam a ser internados de forma involuntária no Rio
Data	19/02/2013
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	Começou hoje, no Rio de Janeiro, a internação involuntária de adultos dependentes de <i>crack</i> . Trinta foram retirados à força da maior cracolândia da cidade.	Estúdio
Repórter Lília Teles	<i>Off</i>	Uma das principais vias de acesso ao Rio ficou fechada por meia hora. Com apoio de policiais, bombeiros e guardas municipais, os agentes começaram a recolher os viciados, entre eles, jovens e crianças que reagiram, mas foram levados à força. Duas adolescentes escaparam pela passarela. Um trator desmontou o acampamento do <i>crack</i> , as vans partiram cheias. Trinta pessoas foram internadas involuntariamente em cinco hospitais do Rio. Sessenta e uma aceitaram receber tratamento e estão em abrigos. Quem não foi levado porque conseguiu fugir, poucas horas depois, já estava de volta à área, usando a droga. No canteiro central, um casal briga e depois corre entre os carros.	Cenas da operação de recolhimento de viciados em <i>crack</i> Desmontagem do acampamento do <i>crack</i> Imagens de consumo de drogas Brigas de viciados na rua em meio aos carros
Homem	<i>Sonora</i>	Eu sinto muita tristeza no meu coração, porque tenho filho, tenho neto e eu perdi um filho no tráfico, eu sei como é duro.	Declaração rápida
Repórter Lília Teles	<i>Passagem</i>	Muitos desses usuários de <i>crack</i> reunidos aqui na Avenida Brasil já foram recolhidos em operações anteriores, mas acabaram	Cenas de consumo de <i>crack</i>

		voltando às ruas porque a prefeitura não tinha como forçá-los a permanecer nos abrigos. A diferença para a operação de hoje é que aqueles foram levados contra a vontade, só podem sair com a autorização dos médicos. Antes, somente menores flagrados em situação de risco, eram encaminhados para tratamento.	
Rodrigo Bethlem – secretário Municipal de Governo	<i>Sonora</i>	Profissionais de saúde entenderam que elas necessitavam, mesmo contra a vontade delas, de um tratamento, de irem a um hospital, ou porque elas estavam correndo risco de vida, ou que eventualmente não tinham mais condição de decidir por si próprio ou achar se tratar ou não.	Entrevista Imagens de dependentes usando <i>crack</i>
Repórter Lília Teles	<i>Off</i>	Para essa especialista em dependência química, não basta levar os usuários para abrigos e hospitais.	
Analice Gigliotti – psiquiatra	<i>Sonora</i>	Se você não faz um tratamento psicológico adequado, com medicações apropriadas, esse dependente vai sair da internação e vai recair com toda certeza.	Entrevista
Adilson Pires – secretário Municipal de Desenvolvimento Social	<i>Sonora</i>	As nossas equipes da Secretaria de Desenvolvimento Social irão fazer o acompanhamento individualizado, vão procurar as famílias, vamos nas casas, vamos procurar cada nexos possível que possa existir naquela pessoa para tentar encontrar esperança pra ela.	Coletiva de imprensa
Apresentador William Bonner	<i>Nota pé</i>	A Pref. do Rio disse ainda que os usuários recolhidos serão cuidados como pacientes, mas não explicou como vai mantê-los internados contra a vontade deles.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Usuários de <i>crack</i> do Rio voltam a ser vistos na Avenida Brasil
Data	20/02/2013
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	No Rio de Janeiro, usuários de <i>crack</i> podiam ser vistos hoje, novamente, na Avenida Brasil, um dia depois do início da internação de adultos por orientação médica.	Estúdio
Repórter Lília Teles	<i>Off</i>	Os usuários de <i>crack</i> estão no mesmo lugar e se arriscando na frente dos carros. Alguns, de tão debilitados, não têm força para resistir à ação dos agentes. Os dependentes recolhidos hoje também foram encaminhados para hospitais públicos do Rio. São 40 vagas em áreas adaptadas para o tratamento. Segundo a prefeitura, seguranças fazem a vigilância, e há outras formas de impedir que os pacientes fujam.	Cenas de consumo de <i>crack</i> Recolhimentos de usuário por agentes Imagens da fachada de hospital público
Rodrigo Bethlem – secretário Municipal de Governo	<i>Sonora</i>	Vai desde, obviamente, da aplicação de medicamentos, enfim, de remédios, até o fato de manter a pessoa imobilizada, para que ela não cometa nenhum ato de agressão contra outra pessoa ou contra ela mesmo.	Entrevista
Repórter Lília Teles	<i>Off</i>	À tarde, mais dois viciados chegaram a esta unidade de saúde na zona norte. A equipe do JN foi autorizada a entrar na enfermaria, onde estão treze pacientes, mas não pode gravar imagens. Todos os dependentes internados aqui têm entre 18 e 22 anos. Chegaram	Imagens externas do hospital público

	<i>Passagem</i>	desidratados e desorientados, estavam sem comer, sem banho e sem dormir há mais de uma semana. Foram atendidos por um clínico geral, um psiquiatra e psicólogos, que fizeram exames de sangue. Dois jovens têm o vírus HIV e uma adolescente foi diagnosticada com tuberculose e está no isolamento. Nenhum deles foi procurado pela família. Segundo a prefeitura, o tempo de permanência nos hospitais é de cinco dias em média, depois todos serão encaminhados para clínicas, para continuar o tratamento contra o vício.	
Jorge Jaber – coord. atend. psiquiátrico da Prefeitura do Rio de Janeiro	<i>Sonora</i>	Será oferecida a oportunidade deles abandonarem aquele estilo de vida. Ao contrário que muita gente pensa, eles desejam abandonar.	Entrevista

		do centro de Brasília, todos os vizinhos sabem do vício. Um deles convenceu uma clínica particular a levá-lo para tratamento.	
	<i>Off</i>		
Dependente químico	<i>Sonora</i>	Vou falar para quem tiver ouvindo essa reportagem <i>aí, ó</i> : não entre nessa droga <i>aí, não</i> . Porque é raiva, é ódio, é tudo junto, é cinco segundos de céu quando usa, e o resto, tudo de inferno.	Declaração rápida do dependente químico dentro de um carro
Repórter Giuliana Morrone	<i>Off</i>	O tratamento pode levar meses e pode não levar a uma recuperação. Mas hoje é um dia para dona Glória ter esperanças.	
Maria da Glória das Graças – mãe do rapaz	<i>Sonora</i>	A gente cria um filho para viver uma vida de sucesso, <i>aí</i> de repente você... é como se puxasse seu tapete. Ele vai sair disso.	Declaração rápida

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Internação compulsória de dependentes de <i>crack</i> completa um mês
Data	25/02/2013
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	O serviço que facilita a internação dos dependentes de <i>crack</i> em São Paulo completou um mês na semana passada e, apesar daquela controvérsia sobre a possibilidade de viciados serem internados por ordem da Justiça, contra a própria vontade, não foi registrado nenhum caso desse tipo. Mas a procura de tratamento aumentou de 30 por semana para 60 dependentes químicos por dia.	Estúdio
Repórter Renato Biazzi	<i>Off</i>	Seu Edmundo se emociona porque conseguiu a chance que tanto queria para o filho de 18 anos.	Imagem de pai emocionado de viciado em drogas
Seu Edmundo	<i>Sonora</i>	Ele vai ser internado, né?	Pai emocionado
Repórter Renato Biazzi	<i>Off</i>	O pedido de ajuda partiu do próprio dependente.	
Dependente químico	<i>Sonora</i>	Por causa do meu pai, minha família toda, né? Por causa de mim mesmo.	Declaração do dependente químico
Repórter Renato Biazzi	<i>Off</i>	Ele foi para uma casa de acolhimento para ficar longe da cocaína. Decisão tomada depois da avaliação médica feita no Cratod, o Centro de Referência em Álcool, Tabaco e Outras Drogas. A procura aqui aumentou muito desde a criação do serviço para analisar casos de internação compulsória, aplicada por decisão da Justiça a dependentes na situação de risco e que estejam sem família. Desde o dia 21 de janeiro, 261 viciados foram internados em hospitais, a maioria por vontade	Imagem do Cratod Cenas de atendimento no Cratod Animação gráfica de internações do período Imagem de laudo médico com pedido de internação

	<i>Passagem</i> <i>Off</i>	própria, 17 de forma involuntária, ou seja, a pedido da família e com aprovação médica. Mesmo sem autorizar nenhuma internação compulsória, os juízes e promotores que fazem plantão aqui dentro têm trabalhado bastante, fiscalizando os serviços prestados pelas equipes de saúde. Em alguns casos, eles tiveram que interferir para garantir a internação do dependente. Este juiz analisa 70 casos, diz que uma parte se refere a pedidos de internação que não foram cumpridos, apesar da recomendação médica. E novas reclamações chegam. Dona Ana tem um laudo médico que comprova o pedido feito no dia 21 de novembro para internação do filho, usuário de <i>crack</i> . Ela só conseguiu a vaga depois de 90 dias.	Arte gráfica
Ana Célia dos Santos – diarista	<i>Sonora</i>	Eu espero que meu filho seja tratado para que eu possa cuidar dele, possa dar comida pra ele, que nem comer ele não come.	Declaração rápida
Iasin Issa Ahmed – juiz	<i>Sonora</i>	A questão das vagas, me parece que há uma falta de comunicação operacional e logística entre as centrais de vagas do município de São Paulo e do estado de São Paulo.	Entrevista
Repórter Renato Biazzini	<i>Off</i>	O governador de São Paulo, que anunciou recentemente a liberação de mais 185 leitos, discorda.	Reunião do governador
Geraldo Alckmin – governador de São Paulo	<i>Sonora</i>	Não há nenhuma dificuldade do diálogo. Nós estamos fazendo aí um mutirão, avançando em todas as vagas em hospitais públicos do estado e também do setor privado.	Coletiva de imprensa

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Vício do <i>crack</i> alcança índios em aldeia do Amazonas
Data	20/05/2013
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	Nesta semana, o JN vai exibir uma série de reportagens especiais sobre uma praga que se espalha no Brasil inteiro: o consumo de <i>crack</i> . Ao longo dos últimos anos, nós já mostramos aqui mesmo o surgimento das <i>cracolândias</i> nos nossos maiores centros urbanos. Mais recentemente, nós vimos que o <i>crack</i> chegou a cidades médias e pequenas. E que os viciados, hoje, são de todas as classes sociais.	Estúdio
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	Mas, depois de um mês de viagens pelo Brasil, os repórteres Bette Lucchese, Mohamed Saigg, Leandro Cordeiro e André Maciel comprovaram uma suspeita. Não existe mais área livre do <i>crack</i> no nosso país. A droga capaz de viciar em oito segundos chegou a comunidades que pareciam estar a salvo.	Estúdio
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	As imagens que lembram conflitos urbanos foram gravadas por um indígena. Cenas de um fim de semana comum na aldeia Tikuna, em Tabatinga, no Amazonas. Nas mãos desses jovens índios, tudo vira arma. Sob o efeito das drogas, eles se dividem em gangues e travam duelos que muitas vezes terminam em morte. Trocam insultos na língua da tribo. Tabatinga tem 52 mil habitantes. A polícia mapeou mais de 100 pontos de distribuição e venda de drogas.	Briga entre índios Cenas de consumo de <i>crack</i> na cidade de Tabatinga Índio usando <i>crack</i>

		E descobriu também cracolândias. Com uma câmera escondida, estivemos em uma delas, a menos de 100 metros da principal avenida da cidade. Na construção abandonada, um grupo usa o <i>crack</i> . Entre eles, um índio. O cigarro é feito de raspas da pedra de <i>crack</i> . Este outro índio tem 21 anos de idade e é dependente da droga desde os 15 anos. Onde você consome a droga?	
Índio viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Na floresta. No mato.	Declaração
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	A mãe do rapaz conta como descobriu o envolvimento do filho com drogas.	
Mãe de viciado	<i>Sonora</i>	Sumiu um rádio, panela, enxada, machado, tudo.	Declaração rápida
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	São duas aldeias Tikuna no município de Tabatinga, no extremo oeste do estado do Amazonas, a mais de mil quilômetros da capital, Manaus, uma região que faz fronteira por terra com a Colômbia e, do outro lado do Rio Solimões, com o Peru.	Animação gráfica com a localização da cidade de Tabatinga
Gustavo Pivoto – delegado da Polícia Federal	<i>Sonora</i>	Primeiro a facilidade de acesso. Nós estamos dos lados dos maiores fornecedores. Segundo, custo. Baixo custo. Então, isso sim, aliado a uma miséria cultural por parte da população, faz com que o acesso a este tipo de droga seja procurado e seja facilitado pelo fornecedor.	Entrevista
Repórter Bette Lucchese	<i>Passagem</i>	O avanço das drogas nas aldeias tem prejudicado uma das principais atividades econômicas da tribo Tikuna. Muitos peixes, como o tucunaré e o tambaqui, vendidos por preços mais altos no mercado, desaparecem de represas feitas para a criação dessas espécies. São roubados por índios que precisam manter o vício.	Imagens de represa de criação de peixes
Índio	<i>Sonora</i>	Muitos jovens não querem mais trabalhar com o pai. Mexe com tudo. Arromba a cerca, o que eles querem lá mexe, pega.	Entrevista

Maria Augusta Assirati, dir. Promoção Desenvolvimento Social Sustentável – Funai	<i>Sonora</i>	A Funai sozinha, evidentemente, não terá condições de superar este problema de forma rápida. A Funai não tem atribuição para isso. Então, o que a gente tem feito é buscar estas parcerias para que se estabeleça uma rede integrada de prevenção, de atenção e cuidado por um paciente indígena que já esteja inserido em um contexto de uso de <i>crack</i> , álcool e outras drogas.	Entrevista
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i> <i>Contraplano</i>	A situação se agrava porque o alcoolismo, um problema antigo nas tribos, torna os efeitos do <i>crack</i> mais potentes, segundo psiquiatras. Eles ficam agressivos?	Índios consumindo álcool
Vice-cacique Manuel Nery	<i>Sonora</i>	Isso, quebrando a lâmpada da casa e joga pedra em cima da telha da casa e lá já vai começar a violência.	Entrevista Índios agressivos
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	À luz do dia, os rastros das batalhas e as marcas da guerra não ficam só pelas ruas. Isso é uma marca de facada?	
Índio	<i>Sonora</i>	Faca.	
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Foi um índio que te deu essa facada?	
Índio	<i>Sonora</i>	É.	
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Você levou quantos pontos no rosto?	
Índio	<i>Sonora</i>	Dez.	Índio mostrando pontos no rosto
Apresentador William Bonner	<i>Nota pé</i>	Na reportagem de amanhã, você vai ver que o <i>crack</i> também atinge trabalhadores das lavouras.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	<i>Crack também faz vítimas entre trabalhadores das lavouras</i>
Data	21/05/2013
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	Na área da saúde pública, é sempre mais fácil diminuir os danos de uma doença antes que ela se transforme em epidemia. Porque depois que a contaminação se espalha entre milhares de vítimas, toda ação de controle acaba se tornando muito mais complexa. E é mais ou menos isso que o Brasil está vendo acontecer, hoje, com o <i>crack</i> .	Estúdio
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	Na segunda reportagem de uma série especial, nós vamos ver hoje que o <i>crack</i> também está presente no campo. E fazendo vítimas entre os trabalhadores das lavouras.	Estúdio
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Uma situação cada vez mais comum na lavoura. Este homem diz que não tem mais nada a perder. Família, dinheiro, dignidade. Tudo foi consumido pelo <i>crack</i> .	Consumo de <i>crack</i> na lavoura
Viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	E eu durmo no meio da rua. Faz muito tempo que eu não tomo um banho.	Declaração rápida
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	A praga do <i>crack</i> se alastra pelas plantações do país. Este homem trabalha como capataz. Comanda um grupo de 300 trabalhadores no corte da cana. E já viu muitas vezes a droga ser consumida durante o serviço.	Homens na lavoura
Capataz	<i>Sonora</i>	Você não pode nem acabar repreendendo ele. Ele acaba vindo em cima da gente com facão, essas coisas.	Declaração rápida

Trabalhador rural viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Eu fiquei trabalhando em troca do <i>crack</i> dez anos, na lavoura de café. Totalmente escravo. Sem futuro.	Declaração rápida no meio da lavoura
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Visitamos pequenas cidades em Mato Grosso do Sul, a cerca de 300 quilômetros da capital, Campo Grande. A região produz milho, soja e algodão. O senhor, que hoje revira a terra sozinho, não pode mais contar com o filho, dependente de <i>crack</i> .	Animação gráfica Viagem de carro
Pai de viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Comprei isso aqui para ele morar <i>mais eu</i> .	Declaração rápida
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Tem quantos dias que o senhor não vê seu filho?	
Pai de viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	20 dias.	
Repórter Bette Lucchese	<i>Passagem</i>	Para chegar em muitas fazenda e sítios, é preciso atravessar quilômetros de estradas de terra batida, passar por muitos buracos. Aqui, o <i>crack</i> é deixado na porta de casa. Vendedores da droga usam motos e carros para fazer o serviço.	Estrada rurais, não asfaltadas
Homem	<i>Sonora</i>	Na hora do almoço, para o serviço no meio, faz a rodinha, entendeu? Os traficante vai até levar hoje nas propriedades rural. Tá fácil hoje.	Declaração
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Os dois filhos desta senhora – trabalhadores rurais – são dependentes da droga.	
Mãe de viciados	<i>Sonora</i>	Isso daí tinha que fazer um meio deles não conseguir. Entendeu? Deles não conseguir.	Declaração rápida
Trabalhador rural	<i>Sonora</i>	Eu estou tendo muito trabalho para ter funcionário que não seja usuário.	Declaração Colheita
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	A jovem tenta se livrar do vício, antes do nascimento da primeira filha. Está na fase final da gestação e só conseguiu se afastar do <i>crack</i> no sétimo mês.	Silhueta de jovem viciada grávida
Viciada em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Eu trabalhava na lavoura, lá. E o dinheiro que eu ganhava, a maioria, tudo para droga... Meu medo é recair e minha filha catar este exemplo e seguir a mesma coisa. Eu não queria nem que ela nem conhecesse, mas eu sei que	Declaração rápida

		um dia ela vai conhecer a droga. Mas espero que ela não chegue a usar.	
Sérgio Harfouche, presidente do Conselho Antidrogas – MS	<i>Sonora</i>	O governo federal demorou muito tempo para reconhecer a situação de epidemia, hoje já é uma pandemia. Ou nós enfrentamos a questão do consumo e do tráfico de drogas com seriedade no país, ou então nós vamos viver o caos que já se apresenta como agora: até a zona rural, índios, quilombolas, já estão à mercê do tráfico de drogas.	Entrevista
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Nota pé</i>	E depois de amanhã, quinta-feira, na terceira reportagem da série, você vai ver que o <i>crack</i> é uma pedra encontrada também no garimpo.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	<i>Crack causa dependência em garimpeiros do sertão baiano</i>
Data	23/05/2013
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	Nesta semana, uma série especial de reportagens do JN mostrou que o <i>crack</i> já é encontrado até mesmo nas regiões mais distantes dos nossos maiores centros urbanos. Nós vimos aqui trabalhadores rurais viciados e também índios que se tornaram dependentes da droga. Pois hoje é a vez de conhecer os efeitos dessa praga entre os garimpeiros.	Estúdio
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	No caminho do garimpo existe uma pedra, nada preciosa. Estamos no sertão baiano, nas terras que concentram uma das maiores reservas de esmeraldas do Brasil e que sofre com a seca. Quilômetros de galerias subterrâneas são abertas a mais de 150 metros de profundidade, equivalente a um edifício de 50 andares. O trabalho é cansativo e também perigoso, porque há risco de desmoronamentos.	Lavra garimpeira Imagens de galeria subterrânea Homem com pedras de <i>crack</i>
	<i>Passagem</i>	Muitos garimpeiros se entregam ao <i>crack</i> , um erro que pode custar a própria vida.	
	<i>Off</i>	Este homem sofreu dois acidentes, em ambos estava sob o efeito da droga, abandonou o garimpo, mas não largou o <i>crack</i> .	

Garimpeiro viciado em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Nós comprava no garimpo mesmo e usava lá no garimpo mesmo. Dentro da mina.	Declaração rápida
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Os garimpeiros procuram as pedras preciosas e, quando há algum sinal, eles relutam em deixar o posto de trabalho, usam o <i>crack</i> na ilusão de espantar a fome e o cansaço.	Lavra garimpeira
Garimpeiro	<i>Sonora</i>	Achava que ' <i>tava</i> ' mais forte, né? Pra trabalhar. Não dava sono, nem nada.	Declaração rápida
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Este rapaz diz que não usa drogas, mas esconde o rosto para não sofrer represálias e conta que já viu pelo menos sete companheiros de trabalho morrerem por overdose.	
Garimpeiro 2	<i>Sonora</i>	Começa a botar sangue... Aí quando chega no hospital já chega sem vida.	Declaração com ocultação de identidade, em uma mina
Repórter Bette Lucchese	<i>Passagem</i>	No garimpo, a droga vira moeda. Há quem troque uma pedra preciosa por um pedra de <i>crack</i> .	Comparação entre uma pedra preciosa e uma pedra de <i>crack</i>
Garimpeiro 3	<i>Sonora</i>	Eu ia limpando, ia conseguindo, trocava pelo <i>crack</i> .	Declaração rápida
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Esta é a cidade de Campo Formoso, distante cerca de 400 quilômetros de Salvador. O município é conhecido pelas grutas, como a da Barriguda, e também pelo comércio de esmeraldas. Campo Formoso é uma espécie de balcão de negócios do garimpo. A única delegacia da região é responsável por uma área de mais de 7 mil quilômetros quadrados. Nas operações de combate ao <i>crack</i> , os agentes sempre têm dificuldades para dar flagrantes.	Localização no mapa da cidade Campo Formoso Imagens da comercialização de esmeraldas Animação mostrando área de responsabilidade da delegacia da região
	<i>Off</i>		

Agente policial	<i>Sonora</i>	Vai, Vai... ligeiro, deita no chão... deita no chão... vai, deita, ligeiro... <i>Crack, Viu?</i> Achei um aqui, viu? Onde tem um tem mais, viu?	Operação de combate ao <i>crack</i>
Felipe Neri – coord. regional da Polícia Civil-BA	<i>Sonora</i>	Eles estão fazendo a distribuição por vários imóveis, para que seja uma quantidade pequena, se for pego, dificulta o trabalho policial, dificulta o trabalho do próprio Ministério Público, da própria Justiça em conseguir uma prova mais consistente, né, pra configurar o tráfico.	Entrevista
Usuário de <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	É a destruição de muitos pais de família. Depois fica arrependido do que fez. É uma droga maldita...	Declaração rápida
Garimpeiro	<i>Sonora</i>	A overdose lá é tanta que não tem nem enterro. Em garimpo, não há enterro. Fica por lá mesmo.	Declaração rápida
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Nota pé</i>	Na reportagem de amanhã, a última da série, você vai ver o que pensam os especialistas e também as ações do governo para combater o <i>crack</i> .	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Brasil é o maior consumidor de <i>crack</i> do mundo, revela estudo da Unifesp
Data	24/05/2013
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	Um estudo da Universidade Federal de São Paulo revelou que o Brasil é o maior consumidor de <i>crack</i> do mundo. Nesta última reportagem da série sobre o avanço da droga pelo país, você vai ver o que pensam os especialistas e as medidas adotadas pelo governo federal.	Estúdio
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	O homem vê o enteado sendo algemado, em surto, sob o efeito de drogas. Ele mesmo levou o rapaz à delegacia.	Padrasto e enteado na delegacia
Reineu Unhaeri – técnico eletricista	<i>Sonora</i>	É ver o que a autoridade pode colaborar, o que tem que fazer com ele.	Declaração
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Depois de responder a meia dúzia de perguntas, o jovem foi liberado.	
Sérgio Harfouche – promotor e presidente do Conselho Estadual Antidrogas-MS	<i>Sonora</i>	Eu não posso mais lidar com o usuário como se ele tivesse opção do uso. Uma vez que ele, após o consumo, ele alimenta toda uma cadeia de criminalidade e aumenta cada vez mais a proliferação do consumo. Então, o consumo de drogas no Brasil não pode ser uma opção. O usuário, ele precisa ser levado à abstinência, queira ou não.	Entrevista
Regina Miki – Secretária Nacional de Segurança Pública	<i>Sonora</i>	A política de encarceramento dos usuários não deu certo. Nós deixamos de entender que isso é um problema só de segurança pública e passamos a	Entrevista Cenas de consumo de drogas

		entender que é um problema de saúde pública e que afeta a segurança pública. É um programa que tem muita capacitação a ser feita porque nós temos que ter os agentes de saúde, os agentes de assistência, os agentes de segurança trabalhando em conjunto no mesmo local.	
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Esse rapaz, dependente de <i>crack</i> , foi abandonado pela mãe. Mas a avó não desistiu do neto.	Avó e neto, dependente químico, de mãos dadas
Avó do dependente de <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	Ele falou para mim: vó, me ajuda. Eu quero ajuda. Se ninguém não me ajudar, eu vou até morrer deste jeito.	Declaração rápida
Paulo Amarante – pesquisador da Fiocruz	<i>Sonora</i>	Como é que se para uma dependência? Se não tiver um mínimo de adesão da pessoa, um mínimo de desejo? Se a questão está crescendo no país, é necessário que se constitua uma política regular de Estado permanente aonde este serviço seja constituído com um certo planejamento, com consistência, com recursos.	Entrevista
Repórter Bette Lucchese	<i>Passagem</i>	É difícil dizer ao certo quantas pessoas usam <i>crack</i> no Brasil. Mas um estudo feito pelo Inpad, ligado à Universidade Federal de São Paulo, estima que um milhão de usuários morem com as famílias. Segundo os pesquisadores, este número pode dobrar, se forem considerados os dependentes que vivem nas ruas. Esta possibilidade revela um cálculo assustador: 1 em cada 95 brasileiros já teria caído na armadilha do <i>crack</i> . Como aconteceu com a filha da moradora desta casa. A mãe chega a ficar meses sem notícias da jovem, que troca o lar pelas cracolândias.	Animação gráfica Residência da mãe de viciada em <i>crack</i>

		A mãe conta que tentou internar a filha várias vezes. Chegou a algemá-la em casa, mas foi ameaçada de prisão.	
Mãe de viciada em <i>crack</i>	<i>Sonora</i>	A delegada falou para mim que a minha filha era maior de idade e que eu não tinha o direito de prender ela em casa. Ou soltava ela ou então eu ia responder a um processo.	Entrevista
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Para estar perto da filha, ela se aproxima dos dependentes. Distribui comida, carinho e faz planos: quer se formar em direito.	Imagens da cracolândia
Mãe de viciada	<i>Sonora</i>	Se um dia ela, se um dia ela não estiver mais aqui, se acontecer alguma coisa com ela, eu vou querer ajudar. Eu não vou parar, eu vou ajudar outras mães.	Entrevista
Ronaldo Laranjeira – diretor do Inpad	<i>Sonora</i>	Este é o maior mercado consumidor de <i>crack</i> do mundo. Acho que não tem local, região ou mesmo cidade que esteja imune do acesso do mercado do <i>crack</i> no Brasil. Nós temos aí um amadorismo das políticas federais que é incompatível com a dimensão do problema. A sociedade precisa saber, se nós continuarmos nesse amadorismo, que nós vamos continuar pagando um preço alto com as grávidas usando o <i>crack</i> , com os adolescentes usando o <i>crack</i> e com um custo para as famílias muito grande.	Entrevista Imagens de consumo de <i>crack</i>
Repórter Bette Lucchese	<i>Off</i>	Em dezembro de 2011, o governo federal lançou um programa de combate ao <i>crack</i> e anunciou a abertura de mais de 13 mil leitos para usuários de álcool e drogas, em todo o país. A previsão é investir R\$ 4 bilhões até 2014. Segundo a Casa Civil da	Cerimônia do governo federal Consumo de <i>crack</i>

		Presidência da República, até agora já foram gastos R\$ 1,2 bilhão, 30% do total.	
Helvécio Magalhães – secretário de Atenção à Saúde, do Ministério da Saúde	<i>Sonora</i>	Nós estamos agindo e usando os dados que estão disponíveis. Nós temos a segurança que existem os dependentes, estamos preocupados com eles e aí estamos montando a rede. À medida que a rede é montada, você detecta a necessidade de ampliação e por aí vai. Ou seja, é um planejamento e uma ação em tempo real, melhorando a assistência.	Entrevista
Usuário de <i>crack</i> 1	<i>Sonora</i>	Roubei o cofrinho de moedas da minha filha para comprar <i>crack</i> .	Declaração rápida
Usuário de <i>crack</i> 2	<i>Sonora</i>	É só uma alucinação que dá apenas de dez segundos.	Declaração rápida
Usuário de <i>crack</i> 3	<i>Sonora</i>	Não quero isso para mim mais não.	Declaração rápida
Lidiângela Maia – conselheira tutelar de Gravataí	<i>Sonora</i>	Não é um problema da mãe do drogado, é um problema de todos. Tem que haver, sim, um trabalho de conscientização, de embate e de extermínio do <i>crack</i> .	Entrevista

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Filhos de viciadas em <i>crack</i> já chegam ao mundo com muitos problemas
Data	20/09/2013
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Patrícia Poeta	<i>Cabeça</i>	O estudo da Fundação Osvaldo Cruz sobre o consumo de <i>crack</i> no Brasil concluiu que metade das mulheres viciadas engravidou pelo menos uma vez depois de começar a consumir a droga. E o destino destas crianças está na reportagem de José Roberto Burnier.	Estúdio
Repórter José Roberto Burnier	<i>Off</i>	O que deveria ser um lugar só alegria, aqui é de preocupação. Na maternidade do hospital Leonor Mendes de Barros, especializado em gestações de alto risco, o que mais aumenta é o nascimento de crianças filhas de mães dependentes de <i>crack</i> . De 2007 a 2012, o número de casos disparou de 5 para 72 ao ano. Uma pesquisa feita pela Fiocruz em todo o país revela que quase a metade das usuárias de <i>crack</i> entrevistadas engravidou pelo menos uma vez depois de começar a consumir a droga. Em geral, os bebês nascem prematuros e exigem cuidados especiais. O diretor do hospital explica que o <i>crack</i> ingerido pela mãe ataca a parede da placenta, interfere no crescimento e na oxigenação do bebê e pode levar à morte súbita. Quando o bebê resiste, em geral,	Crianças recém-nascidas na maternidade do hospital Pessoas usando <i>crack</i> Animação gráfica Arte gráfica
	<i>Off</i>		

		nasce irritadiço, muito excitado e agitado. E dependendo do tempo que a criança foi exposta às drogas, outros problemas costumam surgir.	
Coríntio Mariani Neto – diretor do hospital	<i>Sonora</i>	Pode haver alguma lesão neurológica que não vai se manifestar nos primeiros dias de vida, pode que haja um acometimento do desenvolvimento intelectual dessa criança, e isso ela vai desenvolver ou vai apresentar principalmente no período pré-escolar ou escolar.	Entrevista
Repórter José Roberto Burnier	<i>Passagem</i>	O <i>crack</i> é droga tão devastadora que, além de provocar todos esses riscos à saúde, em muitos casos, ele afasta a criança da mãe definitivamente. Esse menininho nasceu aqui no hospital há 3 semanas. Ele é filho de uma moradora de rua, usuária de <i>crack</i> , que teve o neném e já voltou pra rua. As assistentes sociais do hospital não encontraram ninguém da família para criar o bebê e por isso o caso dele já foi encaminhado para a Vara de Infância e Juventude, ou seja, este menininho de apenas três semanas vai começar a vida morando num abrigo. Por lei, a criança só pode entrar no programa de adoção depois de dois anos e encontrar uma nova família. Nestes casos, não é fácil.	Bebê filho de viciada em <i>crack</i> , abandonado pela mãe na maternidade
Antonio Carlos Malheiros – coord. de Infância e Juventude – TJ-SP	<i>Off</i>		
	<i>Sonora</i>	Nós corremos atrás da família extensa, da família extensiva, corremos atrás da avó, do tio, do padrinho. Quando não há esta oportunidade, as crianças vão para os abrigos, para os locais de acolhimento e daí vão ficar, ficar, ficar e ficar.	Entrevista

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Ex-viciado abre mão do dinheiro para se livrar do <i>crack</i>
Data	07/01/2014
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador Heraldo Pereira	<i>Cabeça</i>	O vício em <i>crack</i> tornou-se um caso de saúde pública no Brasil. Já são mais de trezentos e setenta mil usuários nas capitais do país. E os números não param de subir.	Estúdio
Apresentadora Ana Paula Araújo	<i>Cabeça</i>	Você vai ver agora, na reportagem da Zileide Silva, a história de um homem que trocou uma recompensa em dinheiro pelo tratamento pra se livrar da droga.	Estúdio
Repórter Zileide Silva	<i>Off</i>	Um marceneiro de mão cheia. As ferramentas, ele ganhou por causa da qualidade do serviço. Profissão que aprendeu ainda criança, olhando outro marceneiro, em Redenção, no Pará. Há cinco anos, tudo mudou por causa do <i>crack</i> , que ele conheceu quando foi morar em São Paulo, antes de vir para Brasília.	Marceneiro trabalhando
Adeílson Carvalho – marceneiro	<i>Sonora</i>	Eu vivia na insanidade e sofria por saber que minha mãe estava sofrendo por mim. Então, eu sofria dos dois lados. Então isso aí acabava eu mais ainda.	Entrevista
Repórter Zileide Silva	<i>Off</i>	O Adeílson perdeu o emprego, se afastou da família, passou a viver nas ruas. Mas há pouco mais de quatro meses, uma reviravolta, um acaso. Uma família procurava o filho que tinha desaparecido. Espalhou cartazes com a foto dele por toda a cidade. E o Adeílson encontrou	Imagens de Adeílson na rua, ainda em situação de vulnerabilidade

	<i>Passagem</i>	o Felipe. Em agradecimento, a família ofereceu uma passagem aérea para o Pará e R\$ 5 mil. O Adeilson não aceitou. Hoje ele conta que, ao ver o sofrimento da família do rapaz, que estava desaparecido, pensou no sofrimento da família dele, principalmente na mãe. E aí pediu um tratamento para se livrar do <i>crack</i> .	Família de desaparecido colando cartazes Clínica de reabilitação
Adeilson – marceneiro	<i>Sonora</i>	Eu lembrei que, por mais difícil que esteja a situação da gente, a gente é importante em algum lugar. Ali eu pedi ajuda, porque eu vi que sozinho eu não ia conseguir.	Entrevista na clínica de reabilitação
Repórter Zileide Silva	<i>Off</i>	A família concordou. E há 138 dias, ele não fuma <i>crack</i> . Engordou 20 quilos. E na ONG onde ainda está internado, a Salve a Si, voltou a trabalhar como marceneiro, quer ensinar o que sabe para os outros pacientes.	Adeilson internado na clínica de reabilitação
Adeilson – marceneiro	<i>Sonora</i>	Quando eles saírem daqui, que eles forem para a sociedade, eles vão ter oportunidade de ser alguém, ter profissão.	Continuação da entrevista
Repórter Zileide Silva	<i>Off</i>	Mas quer principalmente virar uma página.	
Adeilson – marceneiro	<i>Sonora</i>	O que eu quero agora é reconstruir minha vida, sabe, ter oportunidade de fazer reparações para as pessoas que eu causei dano, que eu contrariei. Tudo isso aí eu quero na minha vida. A droga me tirou tudo isso aí.	Continuação da entrevista

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Dependentes químicos vão ganhar emprego, hospedagem e alimentação em SP
Data	14/01/2014
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Ana Paula Araújo	<i>Cabeça</i>	A cidade de São Paulo começou hoje mais uma tentativa de combater o consumo de <i>crack</i> . Dependentes químicos vão ganhar hospedagem, alimentação e emprego.	Estúdio
Repórter Fábio Turci	<i>Off</i>	Os barracos de madeira e lona na região da cracolândia começaram a ser desmontados durante a tarde. Uma nova tentativa de acabar com a cracolândia, que concentra dependentes de <i>crack</i> no centro da cidade. A partir de agora, 300 vão receber ajuda desse novo programa.	Desmontagem dos barracos na região da cracolândia
Luciana Temer – secretária Municipal de Assistência Social-SP	<i>Sonora</i>	Foi absolutamente voluntário. Quem quer participar, quem não quer participar. É um grande desafio, mas é um caminho que a gente está buscando.	Coletiva de imprensa
Repórter Fábio Turci	<i>Off</i>	Os dependentes vão ter que trabalhar na limpeza da cidade e recolhimento de materiais recicláveis. Serão quatro horas por dia de trabalho e duas horas em programas de requalificação profissional. Em troca, a prefeitura oferece três refeições diárias e R\$ 15 por dia trabalhado, com pagamento semanal. Além de hospedagem em um dos cinco hotéis cadastrados. Os hotéis foram todos reformados há pouco tempo e se parecem com esse aqui, que tem	Cadastro de dependentes químicos para o programa assistencial Animação gráfica da operação “Braços Abertos” Cenas do quarto de hotel que abriga os dependentes

	<i>Passagem</i>	até uma sala de convivência com sofás para os novos hóspedes. Agora a gente mostra uma das suítes com banheiro pequeno, mas com chuveiro elétrico. E aqui no quarto, um armário e camas com espaço, no máximo três pessoas. Outro ponto do programa é mais polêmico. Os dependentes não serão obrigados a fazer tratamento médico. Mas os que quiserem vão ser encaminhados.	Imagens de derrubada de barracos na cracolândia
	<i>Off</i>		
José de Filippi Junior – sec. municipal de Saúde-SP	<i>Sonora</i>	O tratamento é pra que essa pessoa reconstrua tua vida. Reconstrua a vida dela e possa ver que ela possa ser feliz. Que ela possa buscar no trabalho, no emprego, a reestruturação dos amigos, da família, e a saúde. Acho que é um passo importante pra isso, pra ele buscar o seu bem-estar integral.	Entrevista na região da cracolândia
Repórter Fábio Turci	<i>Off</i>	A médica psiquiátrica condena a falta de tratamento.	
Ana Cecília Marques – psiquiatra	<i>Sonora</i>	Eu acho que é uma medida ingênua, bem-intencionada, mas infelizmente boas intenções não funcionam numa situação tão grave como essa. Então, eu não vejo muita coerência de você promover a reinserção antes de fazer o tratamento.	Entrevista
Repórter Fábio Turci	<i>Off</i>	Essa dependente, que aderiu ao programa, aprova a ideia e já planeja o recomeço.	
Dependente química	<i>Sonora</i>	Arrumar um trabalho, pegar meu filho e ter minha casa. E ser feliz. Com certeza, se Deus quiser.	Declaração rápida
Apresentadora Ana Paula Araújo	<i>Nota pé</i>	A Prefeitura de São Paulo afirmou que o programa mostrado na reportagem tem mesmo como objetivo a reinserção social. E voltou a dizer que o tratamento da dependência não é obrigatório para os participantes do programa, mas que será oferecido para os que pedirem.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Dependentes de <i>crack</i> têm primeiro dia de trabalho em projeto de São Paulo
Data	16/01/2014
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Ana Paula Araújo	<i>Cabeça</i>	Viciados em <i>crack</i> tiveram hoje seu primeiro de trabalho num programa novo de recuperação em São Paulo. Eles vão receber também comida e moradia.	Estúdio
Repórter Fábio Turci	<i>Off</i>	Pra quem vive como escravo da droga, trabalho já não faz parte da rotina. Por isso foi preciso ensinar como seria esse dia diferente.	Limpeza das ruas na cracolândia
Funcionária da prefeitura	<i>Sonora</i>	A forma de vocês trabalhar, as meninas vai estar explicando. A gente vai está ensinando para vocês hoje, tá bom?	Instruções sobre a forma de trabalho
Repórter Fábio Turci	<i>Off</i>	Bastou colocar o uniforme para alguns se sentirem mudando de lado.	Dependentes químicos se abraçando
Gari (homem)	<i>Sonora</i>	Como nós era tratado como lixo, agora vai limpar o lixo, né?	Declaração rápida
Gari (mulher)	<i>Sonora</i>	Eu tô bem, entendeu? Se a minha mãe estiver vendo, for ver essa entrevista, ela vai está ainda mais feliz ainda, entendeu, do que eu acho, que ela também é gari.	Declaração rápida
Repórter Fábio Turci	<i>Off</i>	O trabalho na varrição das ruas vale R\$ 15,00 por dia. O expediente é de 4 horas, mas hoje foram só 2 porque choveu à tarde. Nem todo mundo apareceu: 80 pessoas das 300 que estão sendo atendidas.	Limpeza das ruas da cracolândia
Luciana Temer – secretária Municipal de	<i>Sonora</i>	Nós sabíamos que isso ia acontecer e que as dificuldades apareceriam e aos poucos estamos acreditamos que a rotina vai	Entrevista

Nome do Jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Especialistas apontam que o <i>crack</i> é um dos maiores responsáveis pela violência no RS
Data	20/06/2015
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador Evaristo Costa	<i>Cabeça</i>	Nos três primeiros meses do ano, o Rio Grande do Sul registrou quase seiscentos e cinquenta assassinatos. E, segundo a polícia, uma grande parte desses assassinatos tem ligação com o tráfico de drogas. Especialistas em segurança pública dizem que o <i>crack</i> é hoje um dos maiores responsáveis pela violência no estado. Veja na reportagem de Jonas Campos.	Estúdio
Repórter Jonas Campos	<i>Off</i>	Uma praga que se espalha rapidamente. O que você perdeu com a droga?	Usuários consumindo <i>crack</i>
Luciano dos Santos Remião – instalador de som	<i>Sonora</i>	É, perdi família, filhos, mulher. A gente anda na rua que nem mendigo: barbudo, sem tomar banho.	Entrevista
Repórter Jonas Campos	<i>Off</i> <i>Passagem</i>	E o vício das drogas não destrói apenas a vida dos dependentes e das famílias. Ele também alimenta uma rede de crimes. A polícia diz que o tráfico de drogas é responsável pela maioria dos homicídios registrados no estado. Só nos primeiros três meses deste ano, seiscentas e quarenta e três pessoas foram assassinadas no Rio Grande do Sul. E a região metropolitana de Porto Alegre é a mais violenta.	Consumos de drogas
Paulo Rogério Grillo – delegado da Polícia Civil do Rio Grande do Sul	<i>Sonora</i>	Nós temos constatado que as vítimas, quase que 90% delas, apresentam antecedentes policiais, e a grande maioria desses antecedentes está vinculado às drogas.	Entrevista

Repórter Jonas Campos	<i>Off</i>	E não é difícil encontrar esses grupos. Preste atenção nessa imagem. As luzes que piscam são produzidas pela queima de drogas. Neste outro bairro de Porto Alegre, pessoas andam para lá e para cá, em um corre-corre que chama atenção. Os movimentos com as mãos são rápidos. Pequenos traficantes no trabalho de formiguinha vão e vêm vendendo pedras de <i>crack</i> . Com uma câmera escondida, flagramos a venda, sem cerimônia. Tem uma pedra aí, meu?	Grupos usando drogas Traficantes vendendo pedras de <i>crack</i>
Traficante	<i>Sonora</i>	Tem.	Câmera escondida
Repórter Jonas Campos	<i>Off</i>	E o tráfico de drogas acontece a 300 metros de um dos prédios mais importantes do Rio Grande do Sul, a Secretaria de Segurança.	Enfoque no prédio da Secretaria de Segurança do Rio Grande do Sul
Tenente-coronel Antônio Carlos Maciel Júnior – Brigada Militar do Rio Grande do Sul	<i>Sonora</i>	Todos os dias nós temos um alto índice de prisão por tráfico. Tu tira hoje um, logo em seguida já outro assume o lugar. Nós vamos lá de novo e prendemos aquele.	Entrevista
Repórter Jonas Campos	<i>Off</i>	Quem trabalha no tratamento de dependentes diz que é difícil acabar com o vício de um dia para o outro. Por isso, o tratamento inclui a chamada redução de danos. O dependente é incentivado a ir diminuindo as doses até conseguir parar de vez. Eles também são estimulados a se reaproximar da família e dos amigos.	Imagens de dependentes químicos em processo de tratamento para larga o vício em drogas
Silvane Santos – coordenadora do Centro de Atenção Psicossocial	<i>Sonora</i>	Quando a gente escuta de um paciente “Ah, hoje eu vim aqui, me senti bem, estou conseguindo olhar pra minha vida de uma outra forma”. Isso para nós também é recuperação.	Entrevista

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Polícia prende 11 suspeitos de abastecer cracolândia em São Paulo
Data	01/12/2015
Tema	Cracolândia

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador Heraldo Pereira	<i>Cabeça</i>	A polícia paulista prendeu 11 suspeitos de integrar a quadrilha que abastece, de drogas, a região conhecida como cracolândia.	Estúdio
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	<p>Oitocentas pessoas passam dia e noite nesse lugar no Centro de São Paulo, que mais parece um feirão de drogas.</p> <p>O Departamento de Narcóticos levou seis meses para identificar 15 pessoas que, segundo a polícia, abastecem a cracolândia. Onze foram presas hoje. Na capital, os investigadores entraram em uma casa nessa favela perto da cracolândia, em busca de um traficante, mas ele tinha fugido.</p> <p>Cinco mulheres foram presas. Entre elas está Elisabeth dos Santos Moura, apontada pela polícia como uma das chefes do tráfico de drogas na cracolândia. Na casa dela, em Sorocaba, no interior, os investigadores encontraram dinheiro: R\$ 40 mil reais, que seriam usados para importar <i>crack</i>. Elisabeth é sócia dessa outra mulher, que fugiu.</p> <p>Um mês atrás, policiais apreenderam R\$ 50 mil com uma das mulheres investigadas. O dinheiro era para pagar a compra de um carregamento de <i>crack</i>. Segundo a investigação, a droga consumida em São Paulo e no Rio de Janeiro agora é fabricada em outros países.</p>	<p>Imagens aéreas da cracolândia</p> <p>Operação da polícia paulista no combate ao tráfico de drogas</p> <p>Dinheiro apreendido</p> <p>Mapa da rota do tráfico de drogas</p> <p>Arte gráfica</p>

	<p><i>Passagem</i></p> <p><i>Off</i></p>	<p>Os investigadores descobriram que a quadrilha trazia o <i>crack</i> da Bolívia e do Paraguai.</p> <p>A polícia diz não acreditar que a cracolândia vá acabar. Mas espera dificultar a chegada da droga.</p>	
Alberto Pereira Matheus Jr – Delegado	<i>Sonora</i>	O combate a esse tipo de traficante, sem dúvida alguma, é um golpe no crime organizado.	Entrevista

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Na crackolândia de São Paulo, a madrugada foi de violência
Data	18/01/2017
Tema	Cracolândia

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Renata Vasconcellos	<i>Cabeça</i>	A área de São Paulo conhecida como crackolândia teve muita violência na madrugada de hoje.	Estúdio
Repórter Alberto Gaspar	<i>Off</i>	Hoje, ao longo de todo o dia, o movimento de sempre e que só é possível filmar a distância.	Movimento de usuários de <i>crack</i> filmados à distância
Usuário (morador de rua)	<i>Sonora</i>	Aê, não pode filmar nós aí não, tio. É regra da crackolândia. Aqui antigamente era linchado, mano.	Equipe de reportagem é intimidada por usuário de drogas
Repórter Alberto Gaspar	<i>Off</i>	São moradores de rua, a grande maioria usuária de <i>crack</i> e outras drogas. Quase sempre, a Polícia Militar e a Guarda Municipal só observam. Mas ontem à noite foi diferente. A Secretaria de Segurança Pública disse que tudo começou com uma briga entre moradores da crackolândia e pessoas que participavam de um culto. A Polícia Militar tentou apartar, e uma base da PM acabou depredada.	Batalha entre a polícia militar e usuários de drogas
Usuário (morador de rua)	<i>Sonora</i>	Aqui tem criança, hein, senhor! Aqui tem criança, hein!	
Repórter Alberto Gaspar	<i>Off</i>	Voluntários que atuam na crackolândia criticaram a ação da Tropa de Choque. Segundo eles, crianças ficaram machucadas e um deficiente físico foi agredido.	
Antropóloga Roberta Marcondes	<i>Sonora</i>	Ele anda de muleta, então ele ficou um tanto para trás na correria e algum policial pegou	Bombas de gás lacrimogêneo são usadas para

		ele e deu muitos cassetetes na costela dele, não sei se quebrou a costela.	dispersar moradores de rua/usuário de <i>crack</i> Entrevista
Repórter Alberto Gaspar	<i>Off</i> <i>Passagem</i> <i>Off</i> <i>Off</i>	A Secretaria de Segurança informou que um policial foi ferido no rosto pela explosão de um coquetel molotov. Dispersada pela polícia, uma multidão se deslocou algumas centenas de metros a partir do centro da cracolândia até esta avenida, uma área comercial. Aqui e em ruas próximas, várias lojas foram atacadas e saqueadas. As câmeras de segurança registraram cenas impressionantes. Essa aglomeração foi em frente a uma loja de calçados, que teve as portas arrombadas. Lá dentro, no escuro, os invasores foram pegando o que viam pela frente. Em outra loja saqueada, um poste de sinalização foi usado para abrir caminho. Depois, na calçada, os objetos roubados foram guardados em mochilas. Quando a polícia chegou, correria. Oito pessoas foram presas em flagrante por furto qualificado. Hoje os comerciantes arrumavam as lojas e lamentavam os prejuízos.	Imagem de câmeras de segurança mostra o saque em lojas em uma avenida comercial que fica perto do centro da cracolândia
Zorab Comrian – Supervisor da loja	<i>Sonora</i>	A gente está acostumado com roubo, com assalto. Agora, com esse tipo de vandalismo, que é uma batalha campal, infelizmente, a gente que é empreendedor, a gente fica muito assustado, demais.	Comerciantes arrumando as lojas Cenas do saque às lojas, feitas pelas câmeras de segurança
Apresentadora Renata Vasconcellos	<i>Nota pé</i>	A Secretaria de Segurança Pública de São Paulo declarou que o único registro formal de uma pessoa ferida foi o do policial.	Estúdio

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Assaltos são rotina no bairro da Luz, no centro de São Paulo
Data	10/04/2017
Tema	Droga

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentador William Bonner	<i>Cabeça</i>	A região conhecida como cracolândia, no centro de São Paulo, já ofereceu aos brasileiros cenas tristes, de pessoas dependentes da droga em situação deprimente. Mas não é só isso que se vê por lá.	Estúdio
Apresentadora Renata Vasconcellos	<i>Cabeça</i>	Em dois meses, o bairro registrou mais de 250 assaltos. E os repórteres William Santos e César Galvão registraram alguns exemplos dessa violência ao longo de quatro dias.	Estúdio
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	<p>Uma ação rápida. Com o carro em movimento, o ladrão arranca a bolsa do passageiro. Quando o semáforo está fechado, fica mais fácil para os bandidos e mais perigoso para os motoristas.</p> <p>Dois rapazes escolhem um alvo. Um deles, antes de chegar ao carro, já mostra a arma para o motorista, que não abaixa o vidro. No meio do assalto, eles desistem. É que a PM estava por perto.</p> <p>A polícia vai embora. E eles resolvem atacar outra vez. O rapaz de preto, que parecia estar namorando na praça, mexe no meio do mato. Sem nenhuma preocupação, ele pega uma pistola que tinha escondido ali. Guarda no bolso da blusa e sai caminhando ao lado de um comparsa.</p> <p>Em poucos passos, eles chegam ao furgão branco. O</p>	Imagens de assaltos a motorista e passageiros de veículos

		rapaz aponta a pistola para o motorista. Depois guarda a arma, pega objetos e os dois saem caminhando.	
Henrique Fogaça da Silva – motorista	<i>Sonora</i>	O celular estava em cima, no suporte. Ele veio pedindo o celular e carteira: 'Vai, passa o celular, perdeu, dá a carteira, tudo que você tiver aí'. Falei: 'Não tenho, só tenho celular só.'	Entrevista
Homem	<i>Sonora</i>	Uns cinco minutos antes, comentei com ele: 'Não gosto de passar aqui'. Minha janela estava fechada mais ou menos, a dele estava aberta e eles chegaram ali”.	Entrevista
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	<p>Durante as gravações, registramos várias tentativas de roubo. Tem motorista que consegue fugir. Os ladrões se misturam aos usuários de <i>crack</i> que passam o tempo todo nas calçadas da Alameda Dino Bueno, uma rua que cruza a região da chamada cracolândia, no bairro da Luz, centro de São Paulo.</p> <p>Os bandidos atacam mesmo sem armas. Tentam pegar até o celular de um passageiro do ônibus. Abrem o baú e roubam a carga do caminhão.</p> <p>Os ladrões atacam mais quem passa de carro, com os vidros dos carros abertos. Eles preferem as mulheres, os taxistas e os passageiros. E os alvos, quase sempre, são os telefones celulares. Os ataques acontecem, normalmente, do fim da tarde até o começo da noite. É o período de maior movimento.</p> <p>É fim da tarde. Uma viatura da Guarda Municipal está na esquina. Tem uma fila de carros parados no semáforo e, lá no fim, dois jovens atacam. Um abre a porta do carro e tenta pegar objetos. Dona Maria José escapou por pouco.</p>	<p>Tentativas de roubo</p> <p>Consumo de drogas</p>
	<i>Passagem</i>		
	<i>Off</i>		

<p>Maria José Casemiro – gerente comercial</p>	<p><i>Sonora</i></p>	<p>O susto é tão grande. O que você pensa no momento é sair dali. Poderia ter acontecido o pior. Se ele tivesse com uma faca, alguma coisa, a gente não sabe o que eles podem fazer, porque eles estão dispostos a tudo. Mas graças a Deus deu tudo certo.</p>	<p>Entrevista</p>
<p>Apresentador William Bonner</p>	<p><i>Nota pé</i></p>	<p>A Secretaria de Segurança Pública de São Paulo afirmou que as polícias civil e militar realizam diversas operações pra combater o crime na região. E que, na área citada pela reportagem, 51 pessoas foram presas em flagrante nos dois primeiros meses do ano. A Guarda Civil Metropolitana declarou que realiza a proteção dos agentes públicos que atuam na região. E que, em casos de flagrantes, conduz os envolvidos à autoridade policial.</p>	<p>Estúdio</p>

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Polícia desmonta crackolândia de SP, mas usuários de <i>crack</i> voltam
Data	22/05/2017
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Renata Vasconcellos	<i>Cabeça</i>	No dia seguinte à operação da polícia paulista para prender traficantes na região conhecida como crackolândia, agentes de saúde tentaram convencer os dependentes químicos a receber tratamento.	Estúdio
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	Com massa de cimento e blocos de concreto, os operários emparedaram bares clandestinos.	Operários fechando a entrada de bares clandestinos
Eduardo Odloak – prefeito regional da Sé	<i>Sonora</i>	Montaram o estabelecimento sem a devida licença, não tem condições sanitárias para o uso e usava o estabelecimento para máquinas de caça-níquel.	Imagens do interior de um bar, que tinha máquinas de caça-níquel
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	O velho hotel, que já abrigou usuários de <i>crack</i> , também foi fechado.	Guardas civis metropolitanos apreendendo drogas em prédio na crackolândia
	<i>Passagem</i>	Esse é um dos prédios ocupados aqui na região da crackolândia. Hoje de manhã, guardas civis metropolitanos entraram aqui, depois que o carro em que eles estavam foi atingido por uma pedra. Eles subiram nos quartos e lá encontraram duas situações.	Limpeza das ruas da região
		Num deles havia drogas, radiocomunicadores, balanças e munições para pistolas e fuzis. No outro quarto, funcionava uma fábrica de cachimbos.	Imagens de venda de drogas
		O pessoal da limpeza finalmente pode lavar e tirar o lixo das ruas da região, conhecida como crackolândia. Até o último sábado,	Bandidos armados intimidando a entrada de autoridades e da guarda civil
	<i>Off</i>		Polícia militar ocupando a

		<p>os traficantes mantinham uma feira de drogas.</p> <p>Segundo a polícia, debaixo das barracas, 150 pessoas vendiam <i>crack</i>, maconha e cocaína, tudo separado em pratos e em bandejas em cima das mesas. Bandidos armados atiravam para espantar os guardas civis e disparavam contra as autoridades que tentassem entrar.</p> <p>Ontem, logo que amanheceu, mil policiais ocuparam a região. Atiradores de elite, bombas. Cinquenta e uma pessoas foram presas por tráfico de drogas.</p>	região da cracolândia
Ruy Ferraz Fontes – diretor do Denarc	<i>Sonora</i>	Nós atacamos os traficantes. Os traficantes foram presos. Aqueles que não foram presos serão, e esse é o nosso trabalho.	Coletiva de imprensa
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	<p>Depois da ação, dependentes químicos que frequentavam o local se espalharam por ruas do centro de São Paulo. Hoje de manhã, grupos fumavam <i>crack</i> debaixo das marquises dos prédios e na frente de um museu, perto da cracolândia. Também tinha gente distribuindo as drogas.</p> <p>Os usuários que ficaram na cracolândia eram procurados pelos agentes de saúde. Cento e cinquenta aceitaram algum tipo de tratamento, mas muita gente continua pelas ruas.</p>	<p>Movimento de consumo de drogas</p> <p>Agentes de saúde oferecendo tratamento aos usuários de <i>crack</i></p>
Fabian Nacer – especialista em dependência química	<i>Sonora</i>	Como é que eu vou conseguir convencer uma pessoa que está ausente? Eu não consigo falar com ele. Se ele não estiver abstinente trinta, quarenta dias, essa pessoa não dialoga comigo. Eu estou conversando mais é com o cachimbo que ele está segurando.	Entrevista feita na cracolândia

David Uip – secretário Estadual de Saúde	<i>Sonora</i>	Quando uma operação dessa tira o fluxo fácil da droga, ele procura atendimento espontaneamente. Aqueles que não vierem, nós vamos proativamente tentar convencê-los a serem tratados.	Entrevista dada a vários órgãos de imprensa
Repórter César Galvão	<i>Off</i>	Durante o dia, ainda teve gente que apenas juntou os objetos e saiu caminhando, sem rumo. Agora à noite, o batalhão de choque da PM cercou ruas do centro da cidade, ocupadas por usuários que deixaram a cracolândia.	Operação do batalhão de choque da polícia militar na região da cracolândia

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	Prefeitura de SP e MP discutem ações na cracolândia
Data	25/05/2017
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Renata Vasconcellos	<i>Cabeça</i>	Representantes da Prefeitura de São Paulo e do Ministério Público se reuniram hoje para discutir ações na região conhecida como cracolândia. Mas o problema de como tratar os dependentes químicos ainda está longe do fim.	Estúdio
Repórter José Roberto Burnier	<i>Off</i>	O prédio da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania amanheceu ocupado por integrantes de movimentos sociais. Eles são contrários à ação da prefeitura e do governo do estado na cracolândia. Foi a então secretária de Direitos Humanos que permitiu a ocupação do prédio. Pouco depois, ela pediu demissão do cargo, ontem à noite.	Manifestantes ocupando o prédio da secretaria municipal de direitos humanos Repressão policial na cracolândia
Patrícia Bezerra – secretária de Direitos Humanos	<i>Sonora</i>	Não concordo com a ação que foi feita no domingo. Foi desastrosa a ação do domingo. Nós não temos como partilhar disso, sendo quem somos, Secretaria de Direitos Humanos.	Gravação da reunião da secretária de direitos humanos – imagem de celular
Repórter José Roberto Burnier	<i>Off</i>	Hoje, o secretário interino explicou que a ação policial de domingo obrigou o município a antecipar medidas.	
Milton Flávio – secretário interino de Direito Humanos	<i>Sonora</i>	O nosso trabalho agora é agilizar, né? Aquilo que poderia ter sido feito um pouco mais devagar terá que ser feito como mais rapidez.	Declaração do secretário interino de Direitos Humanos feita para vários

			órgãos de imprensa
Repórter José Roberto Burnier	<i>Passagem</i>	<p>Quatro dias depois da operação policial, o que a gente vê, por enquanto, na prática, é que a cracolândia mudou de lugar. Ela saiu ali da frente, duas quadras para frente ali, onde estão aqueles carros parados à direita, onde ficavam mais concentrados, e se mudou para cá. Olha, para a praça Princesa Isabel, que era um lugar que eles já usavam, mas agora estão todos usando essa praça como abrigo. Detalhe, isso fica a 300 metros de distância do ponto original. A gente vê também alguns imóveis que tiveram suas entradas emparedadas pela prefeitura, como a deste hotel, e também em outros tipos de comércio de negócios que existiam aqui na região da cracolândia. Olha só, aqui funcionava uma mercearia, foi fechada. Mas repare que o trabalho aqui ficou pela metade, porque a Justiça suspendeu numa liminar deste tipo de interdição e também qualquer tipo de demolição de imóveis aqui na região e ainda proibiu a remoção de comerciantes e de moradores até que todos sejam cadastrados pela prefeitura e encaminhados aos serviços de assistência social.</p> <p>Paulo contou que ainda não foi cadastrado.</p>	<p>Mudança de local de consumo de drogas feita por usuários de <i>crack</i></p> <p>Imóveis fechados pela Prefeitura de São Paulo</p>
Paulo – morador da região	<i>Sonora</i>	<p>Se colocar um selo na porta e perguntar o nome, cadastro, eu não sei, isso aí não é cadastro para mim.</p>	<p>Entrevista dada junto a uma loja parcialmente fechada por blocos de tijolos</p>

Repórter José Roberto Burnier	<i>Off</i>	Ontem, a Prefeitura de São Paulo pediu à Justiça para internar dependentes químicos compulsoriamente, ou seja, contra a vontade deles. O Ministério Público reagiu.	Movimento de usuários de <i>crack</i> monitorados pela polícia militar
Luciana Bergamo – promotora	<i>Sonora</i>	O pedido é genérico. O pedido não é individual para cada pessoa. E nos parece que contraria completamente o projeto apresentado, né? Que diz que a abordagem tem que ser contínua, de caráter não impositivo.	
Repórter José Roberto Burnier	<i>Off</i>	A prefeitura rebateu.	
Anderson Pomini – secretário Municipal de Justiça	<i>Sonora</i>	O pedido é cirúrgico para que a prefeitura tenha como última alternativa a possibilidade de buscar aquelas pessoas que vagam pelas ruas para que sejam entrevistadas.	Coletiva de imprensa
Repórter José Roberto Burnier	<i>Off</i>	A portas fechadas, o prefeito discutiu correções no projeto com o Ministério Público.	Imagens de sede da Prefeitura de São Paulo
João Doria – prefeito de São Paulo	<i>Sonora</i>	Nós definimos hoje nesta reunião que vamos formar dois grupos de trabalho para avaliações diárias. Com isso, dar mais agilidade aos processos, analisando situações que mereçam correção ou avaliação de imediato.	Coletiva de imprensa

Nome do jornal	<i>Jornal Nacional</i>
Título	<i>Crack chegou a Nova Iorque há 30 anos e prefeitura declarou guerra à droga</i>
Data	27/05/2017
Tema	<i>Crack</i>

Texto falado	Indicação de fala	Texto	Descrição de cena
Apresentadora Sandra Annenberg	<i>Cabeça</i>	A Prefeitura de Nova Iorque declarou guerra ao <i>crack</i> quando a droga virou um problema de saúde pública, décadas atrás. Os métodos foram polêmicos, mas acabaram com as <i>cracolândias</i> de lá.	Estúdio
Repórter Fábio Turci	<i>Off</i>	Quando o <i>crack</i> chegou a Nova Iorque, em 1984, já era consumido em outras cidades como Miami e Los Angeles. Ainda assim, era uma droga desconhecida e as autoridades não estavam preparadas para ela. O <i>crack</i> começou a ser consumido nas ruas do Bronx, distrito mais pobre e afastado do centro da cidade. E, por ser muito barato, logo se espalhou por outros bairros: Harlem, Washington Heights, Hell's Kitchen, Village, Alphabet City. Traficantes – muitos deles, armados – e usuários se espalhavam pelas ruas. Policiais à paisana começaram a identificar e a prender traficantes. Agentes invadiram casas onde o <i>crack</i> era processado e embalado.	Usuários consumindo <i>crack</i> nas ruas Mapa destacando bairros onde se consumia <i>crack</i> Ação policial de repressão ao tráfico
	<i>Off</i>	Em 1990, dois em cada três assassinatos na cidade estavam ligados às drogas, principalmente ao <i>crack</i> . Nos anos seguintes, Rudolph Giuliani foi eleito prefeito e endureceu ainda mais a	

	<p><i>Passagem</i></p>	<p>repressão policial. Foi a chamada política de Tolerância Zero. Até gente que dormia na rua poderia ser presa.</p> <p>Nova Iorque multiplicou por seis o número de policiais do Departamento de Narcóticos. Uma lei federal determinava cinco anos de prisão para quem fosse pego com cinco gramas de <i>crack</i>. Em dez anos, perto de 900 mil pessoas foram presas por envolvimento com drogas.</p> <p>É difícil imaginar que há 30 anos era um perigo andar na rua em bairros como esse aqui, o Village, por exemplo. Os números mostram que a forte repressão policial mandou para a prisão muito mais os pobres, na maioria, negros que consumiam a droga mais barata.</p> <p>Para alguns estudiosos, o <i>crack</i>, não só aqui em Nova Iorque, mas nos Estados Unidos como um todo, teve um ciclo de apenas uma geração. Os jovens de hoje que se envolvem com drogas preferem outras substâncias.</p>	
--	------------------------	--	--